

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

HILBERTO CARLOS SCHAURICH

O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO, CAPACITAÇÃO PARA TESTEMUNHAR:
UM ESTUDO DE ATOS 1.8 E DA OBRA LUCANA

São Leopoldo

2016

HILBERTO CARLOS SCHAURICH

O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO, CAPACITAÇÃO PARA TESTEMUNHAR:
UM ESTUDO DE ATOS 1.8 E DA OBRA LUCANA

Dissertação de Mestrado
para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Bíblia

Orientador: Prof. Dr. Flávio Schmitt

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S313d Schaurich, Hilberto Carlos

O derramamento do espírito, capacitação para testemunhar: um estudo de Atos 1.8 e da obra lucana / Hilberto Carlos Schaurich; orientador Flávio Schmitt. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.

125 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2016.

1. Testemunhas (Cristianismo). 2. Espírito Santo. 3. Bíblia. Lucas – Crítica, interpretação, etc. 4. Bíblia. Atos 1 – Crítica, interpretação, etc. I. Schmitt, Flávio. II. Título.

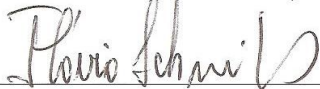
HILBERTO CARLOS SCHAURICH

**“O DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO, CAPACITAÇÃO PARA TESTEMUNHAR:
UM ESTUDO DE ATOS 1.8 E DA OBRA LUCANA”**

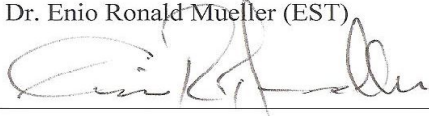
Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: Bíblia

Data de Aprovação: 26 de fevereiro de 2016

Prof. Dr. Flávio Schmitt (Presidente)



Prof. Dr. Enio Ronald Mueller (EST)



Prof. Dr. Irineu José Rabuske (PUCRS)



Dedico esta pesquisa à minha família;
todos (espôsa, filha, pais, irmãos,
cunhadas, sobrinhos e sogros) tiveram um
importante papel no desenvolvimento de
meus estudos e em meu progresso acadêmico

AGRADECIMENTOS

Existem situações na vida que é fundamental poder contar com o apoio e a ajuda de algumas pessoas. Para a realização desse mestrado pude contar com várias. E a estas pessoas prestarei através de poucas palavras os mais sinceros agradecimentos:

A Deus acima de tudo, por ter me dirigido e proporcionado a oportunidade para realizar esse mestrado.

À minha esposa Débora pelo constante apoio e incentivo nesta cansativa caminhada e também pela paciência e compreensão por conta da minha ausência em alguns momentos, sendo minha fiel apoiadora nos momentos mais difíceis durante o período de realização desse mestrado. Juntamente com ela, minha filha Isabelle de 4 anos, que muitas vezes não me teve por perto para ajudá-la e nem minha companhia para brincar.

Ao professor Dr. Flávio Schmitt meu orientador, pelos seus conhecimentos, sua atenção, boa vontade e também pelas críticas e sugestões que contribuíram de forma significativa para o meu crescimento pessoal e intelectual.

À Prof^a. Ms. Marie Ann Wangen Krahn agradeço pela tradução do resumo da dissertação para a língua inglesa.

Aos colegas de trabalho pelo constante apoio e incentivo nos momentos desafiadores durante a trajetória da realização do mestrado. Minha gratidão também aos colegas mestrandos e doutorandos, que estiveram conosco nesses dois anos de estudos na EST, proporcionando muitos momentos alegres e de boa convivência.

Agradeço a CAPES pela bolsa de mestrado, pois sem ela este projeto não se realizaria.

RESUMO

Esta dissertação pesquisa o derramamento do Espírito como forma de capacitação de pessoas com poder para testemunhar de Cristo e suas obras à luz da narrativa de Lucas em Atos dos Apóstolos 1.6-8. Para isso, optou-se por um delineamento bibliográfico sob um viés exegético. O objetivo que norteia esta pesquisa é saber como o Espírito Santo capacita as pessoas com poder para testemunhar e quais são os resultados desta capacitação. Os discípulos de Jesus cumpriram com a sua missão, levando a mensagem cristã por todo o mundo mediterrâneo até chegar a Roma. Agora cabe a igreja cristã universal continuar essa missão, conquistando o mundo por meio da pregação das boas novas e pela prática de Jesus, até chegar aos confins da terra. Para que este projeto de Deus fosse efetivamente bem sucedido Ele reservou o Espírito Santo, a terceira pessoa da trindade que juntamente com o Pai e o Filho já realizaram outras atividades juntos, para que os auxiliassem nessa difícil missão. O Espírito Santo iniciou suas atividades no início do ministério terreno de Jesus, capacitando e o ajudando a cumprir cabalmente o que Lhe estava proposto a realizar. Com o auxílio do poder outorgado pelo Espírito, Jesus realizou obras poderosas: expulsou demônios, curou enfermos, ressuscitou mortos e realizou muitos outros milagres e maravilhas além de ensinar com autoridade a comunidade judaica. Tendo concluído sua missão, Ele passa a responsabilidade para seus discípulos os quais ainda não tem bem claro em suas mentes o que lhes está reservado a fazer, mas Jesus alguns momentos antes de voltar para o Pai lhes faz uma promessa, que eles seriam revestidos do alto com uma força especial a qual lhes capacitaria para a tarefa que Ele lhes tinha incumbido, mas com uma condição, que eles permanecessem em Jerusalém. Em obediência e submissão à ordem de Jesus os discípulos permanecem em Jerusalém quando no dia de Pentecostes se cumpre a promessa feita por Jesus, o agente capacitador veio de forma definitiva passando a habitar em suas vidas com toda sua plenitude. Aqueles homens que eram tímidos e pouco experientes passaram a realizar as mesmas proezas que Jesus havia realizado, atuando de forma corajosa e ousada, nada temiam, mesmo sob afrontas e ameaças eles não paravam de anunciar aquele que conheceram e das obras que realizava sob a influência poderosa do Espírito Santo.

Palavras chave: Lucas. Poder. Espírito Santo. Testemunha.

ABSTRACT

This thesis researches the pouring of the Spirit as a way of enabling people with power to testify about Christ and his works in the light of the narrative of Luke in the Acts of the Apostles 1: 6-8. For this we opted to do a bibliographic outline through an exegetical perspective. The goal which guides this research is to get to know how the Holy Spirit enables people with power to testify and what are the results of this enablement. Jesus' disciples fulfilled their message taking the Christian message throughout the Mediterranean world until arriving at Rome. Now it is up to the universal Christian church to continue this mission conquering the world through the preaching of the good news and through the practice of Jesus arriving at the ends of the earth. For this project of God to be effectively successful He reserved the Holy Spirit, the third person of the Trinity which together with the Father and the Son has already carried out other activities together so as to help them in this difficult mission. The Holy Spirit began its activities at the beginning of Jesus' earthly ministry, enabling and helping him to completely fulfill what had been set for him to carry out. With the help of the power granted by the Spirit, Jesus carried out powerful works: expulsion of demons, healing the sick, resurrecting the dead and carrying out many other miracles and marvels besides teaching with authority in the Jewish community. Having concluded his mission He passed on the responsibility to his disciples who still did not have it quite clear in their minds what was reserved for them to do, but Jesus, some moments before returning to the Father, made them a promise, that they would be clothed from on high with a special force which would enable them for the task which He had set for them, but on one condition – that they remain in Jerusalem. In obedience and submission to Jesus' order the disciples remained in Jerusalem when on the day of Pentecost the promise made by Jesus was fulfilled, the enabling agent came in a definitive way inhabiting their lives with its fullness. Those men, who were timid and had little experience, went on to carry out the same great works that Jesus had carried out, acting in a courageous and audacious way. They feared nothing, even being accosted and threatened they did not stop announcing the one they knew and the works that he carried out under the powerful influence of the Holy Spirit.

Keywords: Luke. Power. Holy Spirit. Witness.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 ANÁLISE EXEGÉTICA E TEOLÓGICA DE ATOS 1.6-8 | 15 |
| 1.1 TEXTO E TRADUÇÃO..... | 15 |
| 1.1.1 Texto | 15 |
| 1.1.2 Tradução Provisória..... | 16 |
| 1.1.3 Comparação de Versões..... | 16 |
| 1.2 CRÍTICA TEXTUAL..... | 18 |
| 1.2.1 Evidência Externa..... | 18 |
| 1.2.2 Evidência Interna..... | 19 |
| 1.3 FORMA..... | 20 |
| 1.3.1 Delimitação | 20 |
| 1.3.2 Contexto..... | 21 |
| 1.3.3 Estrutura..... | 23 |
| 1.3.4 Gênero Literário | 24 |
| 1.4 LUGAR..... | 26 |
| 1.4.1 Autor..... | 26 |
| 1.4.2 Data..... | 29 |
| 1.4.3 Local..... | 31 |
| 1.4.4 Época | 33 |
| 1.5 Palavra | 37 |
| 1.6 Tradução final | 55 |
| 1.7 Considerações finais..... | 56 |
| 2 PNEUMA HÁGION – O AGENTE CAPACITADOR..... | 57 |
| 2.1 O Espírito Santo na concepção Lucas | 57 |
| 2.2 O Espírito Santo na era pré-cristã | 61 |
| 2.2.1 O Espírito Santo na narrativa da infância de Jesus no evangelho de Lucas | 61 |
| 2.3 JESUS E O ESPÍRITO SANTO | 64 |
| 2.3.1 A ação do Espírito Santo na vida de Jesus..... | 64 |
| 2.3.2 A ação do Espírito Santo no ministério de Jesus..... | 67 |
| 2.3.2.1 A ação do Espírito Santo na atividade profética de Jesus..... | 70 |
| 2.4 O ESPÍRITO SANTO E A IGREJA | 72 |
| 2.4.1 A promessa do Espírito feita por Jesus aos discípulos | 72 |
| 2.4.2 A efusão do Espírito Santo..... | 73 |
| 2.4.3 O Recebimento do Espírito Santo | 77 |
| 2.4.4 Considerações Finais | 85 |
| 3 DYNAMIS DO ESPÍRITO – CAPACITAÇÃO PARA TESTEMUNHAR E REALIZAR OBRAS PODEROSAS..... | 87 |
| 3.1 EMPODERAMENTO PARA TESTEMUNHAR..... | 87 |
| 3.1.1 A convocação do Cristão | 88 |
| 3.1.2 Poder para testemunhar de Cristo e sua obra de salvação | 89 |
| 3.1.3 Ponderações Finais | 97 |
| 3.2 AS OBRAS DO ESPÍRITO SANTO EM ATOS DOS APÓSTOLOS | 98 |
| 3.2.1 Operação de Milagres, Sinais e Maravilhas..... | 99 |
| 3.2.2 Outras Atuações do Espírito Santo na Igreja | 109 |
| 3.2.3 Considerações Finais | 110 |
| CONCLUSÃO..... | 113 |
| REFERÊNCIAS..... | 117 |

INTRODUÇÃO

Batismo no Espírito Santo, derramamento de poder, dons espirituais (línguas, profecias, interpretação), dons de cura, esta é a linguagem corrente no meio pentecostal e neopentecostal. Diante de tudo que é falado e se crê quanto a esses fenômenos o que a bíblia realmente ensina e diz sobre esse assunto? É isto que abordaremos nesta pesquisa, ou de uma forma mais específica: a capacitação do cristão com poder, por meio do batismo no Espírito Santo para testemunhar de Cristo ao mundo. E para tal:

- i) realizaremos o estudo exegético-teológico do texto de At 1.6-8¹;
- ii) analisaremos o *pneuma hágion* (Espírito Santo) como agente capacitador nas obras lucanas;
- iii) exploraremos as formas de capacitação pelo Espírito Santo que ocorreram na comunidade primitiva (*dynamis* do Espírito).

Este pesquisa nasce da curiosidade de saber como uma pessoa que foi regenerada pela fé em Jesus, e recebe a plenitude do Espírito Santo em sua vida, torna-se tão “ousada” para testemunhar daquilo que vivenciou. Esta experiência é denominada no meio pentecostal de batismo no Espírito Santo, isto é, um enchimento especial do Espírito. Este evento é grandemente enfatizado tanto no meio pentecostal quanto no meio neopentecostal. Diante disso, esta pesquisa visa o desenvolvimento de uma clara compreensão a partir do texto bíblico, que todo cristão precisa ter, em relação a sua capacitação para o serviço de evangelização e porque esta capacitação lhe é importante e necessária.

Será bastante desafiador adentrar neste campo de estudo, por ser um assunto conflituoso dependendo da interpretação que o texto recebe. Na busca da resolução da problemática desta pesquisa - como o Espírito Santo capacita o cristão, para servir de testemunha de Jesus Cristo no mundo? - surgem outras perguntas: O que é o batismo no Espírito Santo? O batismo no Espírito Santo é para os nossos dias? Todos os crentes são batizados no Espírito Santo? Somos batizados no Espírito Santo no momento da conversão ou, é um evento subsequente? O que leva um cristão a ser batizado no Espírito Santo? Recebemos ou devemos buscar o batismo no Espírito Santo? Para que serve o Batismo no

¹ No desenrolar dessa dissertação, optou-se por usar este tipo de abreviação para os textos bíblicos. As siglas dos livros serão sempre adotadas a partir daquelas sugeridas pela Bíblia Tradução João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada. Essa escolha deu-se, tão somente, por haver mais familiaridade com sua linguagem. Convém lembrar também, que os textos serão utilizados de várias versões bíblicas, com as devidas indicações; e para a indicação de capítulos e sua divisão em versículos, optou-se por usar o ponto (.) como divisor entre capítulos e versículos; o hífen (-) para indicar que o texto selecionado vai desde o primeiro número indicado até o último; a vírgula (,) para separar versículos e o ponto e vírgula (;) para fazer separação entre capítulos. Assim, At 1.6-8 é a indicação da pericope (recorte) e significa: Atos dos Apóstolos capítulo primeiro do verso 6 ao 8.

Espírito Santo? Como o cristão é capacitado para testemunhar de Cristo? Quando o cristão é capacitado a servir como testemunha?

Diante desses questionamentos, chega-se às seguintes hipóteses: 1ª) O Espírito Santo confere poder e autoridade à igreja primitiva para realização de atos poderosos em ações e palavras, como forma de alavancar o crescimento da igreja; 2ª) O Espírito Santo é a presença de Jesus (Espírito de Jesus) entre aqueles que o receberam como salvador para ajudá-los na missão que lhes foi confiada; 3ª) A *dynamis* é gerada mediante a habitação do Espírito Santo no ser humano e capacita para o exercício do testemunho de Cristo.

Para respondermos a problemática e explorarmos as hipóteses levantadas acima, nos valeremos de alguns conceitos que serão muito úteis no desenvolvimento desta pesquisa. Iniciaremos com o conceito de *dynamis*, esta é uma palavra grega que se origina do verbo *δύναμαι*, cujo significado é poder, e quando ela se encontra no plural pode também significar milagre. Este verbo possui ainda outros significados como: a capacidade de realizar, força física, poder político,² habilidade (2 Co 8.3) ou força (Ef 3.16), como também pode significar um ação ponderosa (At 2.22) ou um espírito poderoso (Rm 7.38).³

O segundo conceito a ser explorado e sendo de grande relevância para esta pesquisa, é o *πνεύμα ἁγίου* (Espírito Santo), o agente principal do nosso estudo. Pelo fato do Espírito Santo possuir a mesma natureza de Jesus “a Bíblia dá testemunho da divindade do Espírito Santo como Terceira Pessoa da Trindade”.⁴ Apesar desse conceito não estar explícito nas Sagradas Escrituras, é tomado como certo pela evidência implícita nos escritos dos apóstolos e pela “revelação outorgada passo a passo na Palavra de Deus”.⁵

Nas obras de Lucas, os títulos mais usados para designar o Espírito Santo são: “Espírito” ou “O Espírito”(At 6.3; 6.5); “O Espírito do Senhor” (At 5.9; 8.39); “a promessa do Pai” (At 1.4; 2.33,39; Lc 24.49); “a unção” (At 2.32,33); “o Espírito de Jesus” (At 16.7). E as formas de manifestação do Espírito, são apresentadas por Lucas de três maneiras distintas. i) na infância de Jesus, Lucas entende o Espírito como o “Espírito de profecia”; ii) Jesus já adulto é batizado por João Batista, no Jordão, e ao sair da água o Espírito Santo desceu sobre Ele sob forma de pomba, e a partir desse momento Jesus foi cheio do Espírito (At 4.1) e era movido pelo poder Espírito (At 4.14). Nesse período o Espírito Santo habitava de forma

² BETZ, O. Poder. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1692.

³ NIXON, R.E. Poder. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 1297.

⁴ MCROBERTS, Kerry D. A Santíssima Trindade. In: HORTON, Stanley M. (Org.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. P.157 – 188.

⁵ MCROBERTS, 1996, p.162.

permanente somente em Jesus; iii) após o Pentecostes o Espírito Santo passa a habitar de forma permanente em todos aqueles que se arrependem (convertem) dos seus pecados, sendo capacitados para testemunhar de Cristo.

Jesus Cristo, antes de partir para junto do Pai, prometeu enviar a seus discípulos o Espírito Santo (At 1.5). E esta vinda do Espírito Santo acontece sob forma de poder (Lc 24.49), ou seja, o batismo no Espírito Santo. Esta promessa se repete no segundo livro de Lucas, Atos dos Apóstolos 1.5.

Torrey define o batismo no Espírito Santo como uma experiência concreta daquele que a teve, e ele sabe se o tem recebido ou não [...] é uma obra distinta do Espírito Santo e ao mesmo tempo adicional a sua obra de regeneração [...] e é uma obra do Espírito Santo sempre conectada com e, principalmente com o propósito de testemunho e serviço.⁶ O batismo no Espírito Santo é um revestimento por meio do derramamento de poder do alto, “ao descer sobre vós o Espírito Santo” (At 1.8b), podendo acompanhar, o dom de línguas “estranhas”(glossolália), capacitando o crente para uma vida mais profunda de adoração e serviço à Deus.⁷

Para Lucas, a atribuição do Espírito Santo é capacitar conferindo poder (*dynamis*) e autoridade (*exousia*) para testemunhar de Jesus Cristo, o Filho de Deus como único caminho para o Pai. “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim” (Jo 15.26).

Outro conceito a ser explorado nesta pesquisa é *martyreō*, significando testemunho ou testificar. O grego usa frequentemente esse conceito, mas distingue entre *martyria*, o ato de testificar ou o testemunho, e *martyrion*, aquilo que pode servir como evidência ou prova ou o fato estabelecido pela evidência.⁸ Em Atos é revelado por Lucas, um novo aspecto do conceito de ser testemunha. O termo *martyresai*, que aparece em At 23.11, tem o sentido de “dar testemunho”, ou proclamar a Cristo. No texto de At 4.33 “com grande poder os apóstolos davam testemunho” o sentido corresponde ao significado de *martyrion*, retomando o conceito de *martys*, “testemunha”, que também é achado em Lc 24.48 e repetido em At 1.8 ncomissão

⁶ TORREY, R.A. *The Holy Spirit: Who He is and What He Does and How to Know Him in All the Fullness of His Gracious and Glorious Ministry*. London: Fleming H. Revell Company, 1927.

⁷ GILBERTO, Antônio. Pneumatologia - A doutrina do Espírito Santo. In: *Teologia Sistemática Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p.191.

⁸ ELLISON, H.L. Testificar. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 1588.

de Cristo. Segundo Lucas, são os apóstolos, discípulos que foram comissionados por Jesus para a proclamação da mensagem do reino, que são testemunhas.⁹

Também serão explorados nesta pesquisa os conceitos de sinais, milagres e maravilhas¹⁰, estes estão relacionados entre si e são resultado da *δύναμις* no livro de Atos, isto é, *δύναμις* se refere a estes acontecimentos extraordinários operados por aqueles que foram capacitados pelo Espírito Santo. Na maioria das narrativas bíblicas temos a ocorrência de milagres ou intervenções divinas observados em acontecimentos humanos. No livro de Atos dos Apóstolos temos a continuidade da narrativa de milagres iniciada no evangelho de Lucas.

Esta pesquisa será desenvolvida com os seguintes procedimentos metodológicos: i) do ponto de vista da sua natureza, ela é básica. A pesquisa básica objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.¹¹ ii) quanto aos objetivos, esta pesquisa é exploratória. As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.¹² iii) do ponto de vista dos procedimentos técnicos, esta pesquisa é bibliográfica. Os procedimentos técnicos, ou seja, a maneira pela qual obtemos os dados necessários para a elaboração da pesquisa, torna-se necessário traçar um modelo conceitual e operativo da mesma, denominado de delineamento. "O delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo diagramação, previsão de análise e interpretação de coleta de dados".¹³

Além da revisão bibliográfica realizaremos uma exegese do texto de At 1.6-8; para isto utilizaremos o método histórico crítico e seus respectivos passos metodológicos. Esta exegese será o fator norteador desta pesquisa.¹⁴

No primeiro capítulo será desenvolvida a análise exegética e teológica de At 1.6-8, onde serão trabalhados os passos metodológicos que constituem a exegese segundo o método histórico crítico. Daremos ênfase especial as principais palavras dessa perícopa, que serão analisadas teologicamente a partir do texto grego no âmbito das obras de Lucas (Lucas-Atos).

⁹ TRITES, A. A. Testemunha. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2509.

¹⁰ *δύναμις* no plural pode significar também milagres.

¹¹ PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. de. *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

¹² GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

¹³ PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54.

¹⁴ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 7. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

No segundo capítulo pretendemos fazer uma abordagem aprofundada sobre o Espírito Santo (*pneuma hágion*) como agente capacitador em períodos distintos nas obras de Lucas: no evangelho da infância de Jesus, no ministério terreno de Jesus e na era da igreja primitiva.

No terceiro e último capítulo abordaremos a *dynamis* do Espírito como forma de capacitação do cristão para servir como testemunha de Cristo, identificaremos as principais formas de capacitação do cristão, no âmbito das obras lucanas, e iremos também investigar os possíveis resultados que esta capacitação poderá gerar no seio da igreja primitiva.

1 ANÁLISE EXEGÉTICA E TEOLÓGICA DE ATOS 1.6-8

Neste primeiro capítulo faremos a análise exegética e teológica do texto de Atos dos apóstolos 1.6-8. Para a realização desta exegese utilizaremos o método histórico crítico e seus respectivos passos metodológicos. Os passos metodológicos que utilizaremos nesta exegese são: i) Texto e Tradução – apresentação do texto grego e sua primeira tradução, ou seja, tradução provisória e posterior comparação de versões; ii) Crítica Textual – evidências externas e internas do texto grego; iii) Forma – será explorada a forma literária do texto em análise; iv) Lugar – será verificada a autoria, data, local, época em que o texto foi escrito; v) Palavra – é o coração do texto, nesta seção será feita a análise semântica, morfológica e teológica das principais palavras do texto em estudo. Certamente não esgotaremos totalmente nenhum destes critérios apresentados, mas exploraremos cada um deles a tal ponto que haja um perfeito entendimento do que está se buscando. Nesta análise o texto será explorado tanto palavra por palavra quanto no todo, bem como sua intertextualidade. E por fim será realizada uma tradução final.¹⁵

1.1 Texto e Tradução

Iniciaremos esta seção com a apresentação do texto grego de At 1.6-8, e posteriormente a tradução provisória do mesmo.

1.1.1 Texto

Atos 1.6-8: ⁶Οἱ μὲν οὖν συνελθόντες ἡρώτων αὐτὸν λέγοντες· κύριε, εἰ ἐν τῷ χρόνῳ τούτῳ ἀποκαθιστάνεις τὴν βασιλείαν τῷ Ἰσραήλ; ⁷εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς· οὐχ ὑμῶν ἐστὶν γινῶναι χρόνους ἢ καιροὺς οὓς ὁ πατὴρ ἔθετο ἐν τῇ ἰδίᾳ ἐξουσίᾳ, ⁸ἀλλὰ λήμψεσθε δύναμιν ἐπελθόντος τοῦ ἁγίου πνεύματος ἐφ' ὑμᾶς καὶ ἔσεσθέ μου μάρτυρες ἐν τε Ἱερουσαλὴμ καὶ [ἐν] πάσῃ τῇ Ἰουδαίᾳ καὶ Σαμαρείᾳ καὶ ἕως ἐσχάτου τῆς γῆς.¹⁶

¹⁵ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 7. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

¹⁶ BibleWorks, versão 9.0.

1.1.2 Tradução Provisória

⁶Então, os reunidos perguntavam a ele dizendo: Senhor, será este o tempo em que estás restaurando o reino para Israel? ⁷E disse para eles: Não pertence a vocês conhecer tempos ou épocas que o Pai estabeleceu com sua própria autoridade, ⁸mas receberéis poder descendo o Espírito Santo sobre vocês e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até a extremidade da terra.

1.1.3 Comparação de Versões¹⁷

| RA¹⁸ | CNBB¹⁹ | NTLH²⁰ |
|--|--|--|
| ⁶ Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel? ⁷ Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade; ⁸ mas receberéis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra. | ⁶ Então, os que estavam reunidos perguntaram a Jesus: “Senhor, é agora que vais restabelecer o reino para Israel?” ⁷ Jesus respondeu: “Não cabe a vós saber os tempos ou momentos que o Pai determinou com sua autoridade. ⁸ Mas receberéis o poder do Espírito Santo que virá sobre vós, para serdes minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra”. | ⁶ Certa vez, os apóstolos estavam reunidos com Jesus. Então lhe perguntaram: — É agora que o senhor vai devolver o Reino para o povo de Israel? ⁷ Jesus respondeu: — Não cabe a vocês saber a ocasião ou o dia que o Pai marcou com a sua própria autoridade. ⁸ Porém, quando o Espírito Santo descer sobre vocês, vocês receberão poder e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria e até nos lugares mais distantes da terra. |
| Bíblia de Jerusalém²¹ | NVI²² | |
| ⁶ Estando, pois, reunidos, eles assim o interrogaram: “Senhor, é agora o tempo em | ⁶ Então os que estavam reunidos lhe perguntaram: “Senhor, é neste tempo | |

¹⁷ Os critérios utilizados para a escolha das versões foram: i) As traduções utilizadas preferencialmente no meio evangélico, ii) Traduções utilizadas pela igreja católica e, iii) traduções contemporâneas com linguagem mais acessível.

¹⁸ ATOS dos Apóstolos. In: BÍBLIA de Estudo Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. p. 172. At 1.6-8.

¹⁹ ATOS dos Apóstolos. In: BÍBLIA Sagrada. Tradução Convenção Nacional dos Bispos do Brasil. 13. ed. São Paulo: Ed. Canção Nova, 2012. p. 1343. At 1,6-8.

²⁰ ATOS dos Apóstolos. In: BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução da Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006. p. 1112. At 1.6-8.

²¹ ATOS dos Apóstolos. In: BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1900. At 1,6-8.

²² ATOS dos Apóstolos. In: BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Ed. Vida, 2004. p. 1031. At 1.6-8.

| | |
|--|--|
| <p>que irás restaurar a realeza em Israel?”⁷ E ele respondeu-lhes: “Não compete a vós conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou com sua própria autoridade. ⁸Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra”.</p> | <p>que vais restaurar o reino a Israel?”⁷ Ele lhes respondeu: “Não lhes compete saber os tempos ou as datas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade. ⁸Mas receberão poder quando o Espírito Santo descer sobre vocês, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra”.</p> |
|--|--|

Como podemos constatar, as diferentes versões apresentam grande fidelidade ao texto grego e entre elas também há pouca variação.

1.1.3.1 Acréscimos

Dentre as versões analisadas que utilizam o princípio da correspondência formal,²³ somente a versão Almeida Revista e Atualizada (ARA) apresenta um acréscimo, que é o termo “tanto” que aparece antes de “[...] em Jerusalém como em toda a Judeia [...]”. Já a Bíblia de Jerusalém traduz *δύναμιν* como força, diferentemente das outras que traduzem como poder, o que não traz nenhum prejuízo de tradução para o texto.

O texto que apresenta uma linguagem diferenciada é a versão da Nova Tradução da Linguagem de Hoje (NTLH), isto ocorre porque esta versão usa o princípio da equivalência dinâmica em sua tradução.

1.1.3.2 Omissões

Quanto a omissões, os tradutores da versão da Convenção Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) optaram por omitir o termo “*ἐν*” que antecede a expressão “[...] toda a Judeia e Samaria [...]”, seguindo os manuscritos que assim o fazem.

²³ Esse princípio sugere traduzir os textos literalmente, observando, sempre que possível, suas características originais de estilo, métrica e gramática. Ele procura ser o mais fiel possível ao texto original, evitando o recurso a interpretações, acréscimos ou explicações adicionais. Procura preservar não apenas o conteúdo, mas também a forma do texto original. WEGNER, 2012, p.47.

1.2 Crítica Textual

O texto grego de Atos 1.6-8 apresenta segundo a 28ª edição do *Novum Testamentum Graece* de Nestle/Aland, variações nos vs.7 e 8 no aparato crítico. No v.7 temos as seguintes variações em relação ao texto do NTG de Nestle/Aland: O v.7 inicia com a expressão *εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς*, desta, a ordem das palavras transpostas nas diferentes variantes é indicada pelos numerais (1,3,4). No manuscrito uncial (B) e na versão Siríaca Peshita (sy^p) a expressão *εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς* é tida como original, isto é, não possui correções. Já o segundo corretor do mesmo manuscrito (B²) faz uma correção, o que era *εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς* passou a ser *εἶπεν οὖν πρὸς αὐτούς*. Também ocorrem variações nos manuscritos (C) *καὶ ὁ δὲ εἶπεν πρὸς αὐτούς*, (D e a maioria dos manuscritos latinos antigos “it”) *καὶ εἶπεν πρὸς αὐτούς*, e (E) *ὁ δὲ ἀποκριθεὶς εἶπεν αὐτοῖς*. Os manuscritos que apoiam o texto de Nestle/Aland são: unciais (Ⲙ, A, Ψ, 91); minúsculos (33, 81, 323^s, 614, 945, 1175, 1241, 1505, 1739^s); e os manuscritos latinos (vg, sy^h).²⁴

No v.8 temos a variante que trata da omissão da preposição “em” - *ἐν* em alguns manuscritos. Esta omissão é encontrada nos manuscritos maiúsculos A, C* (sendo este texto do primeiro copista, ou seja, manuscrito original) e D. Também é omitido pelos minúsculos 81, 323, 945. O texto proposto por Nestle-Aland é testemunhado pelo papiro 74, e pelos maiúsculos Ⲙ, B, C³, E e Ψ. Sendo o manuscrito C³ reconhecido pelo terceiro corretor. Da mesma forma o texto é testemunhado pelos minúsculos 33, 614, 1175, 1241, 1505, 1739 e pelos Textos Majoritário(91), códices latinos antigos e Vulgata (lat).

1.2.1 Evidência Externa

Os manuscritos que omitem o termo *ἐν* do texto em análise são a minoria. E quanto à idade dos manuscritos e o tipo de texto, temos o seguinte cenário:²⁵

| Manuscrito que omite | Data | Tipo de Texto | Manuscrito que inclui | Data | Tipo de Texto |
|----------------------|------|---------------|-----------------------|------|---------------|
| A | V | Alexandrino | P74 | VII | Alexandrino |
| C* | V | Alexandrino | Ⲙ | IV | Alexandrino |

²⁴ WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 7. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2012. p. 72-93.

²⁵ CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. v.1, p. 87-92.

NESTLE, E. & ALAND, K. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 28th Revised edition, 2012. p. 792-819.

| | | | | | |
|-----|------|-------------|----------------|--------------------|--|
| D | VI | Ocidental | B | IV | Alexandrino |
| 81 | 1044 | Alexandrino | C ³ | V | Alexandrino |
| 323 | XII | | E | VI | Bizantino |
| 945 | XI | | Ψ | IX/X | Bizantino com alguma mistura Alexandrina |
| | | | 33 | IX | Alexandrino |
| | | | 614 | XIII | Ocidental |
| | | | 1175 | X | |
| | | | 1241 | XII | |
| | | | 1505 | XII | |
| | | | 1739 | X | Alexandrino |
| | | | M | A partir séc. VIII | Bizantino |
| | | | Lat | Séc. III em diante | Gália/Itália e Norte da África |

Os manuscritos que incluem o termo *ἐν* foram escritos no período entre o século III e o século XIII. E os manuscritos que omitem o termo, foram escritos no período do século V e XII.

Quanto ao tipo de texto, os manuscritos que omitem o termo *ἐν* estão representados pelos textos Alexandrino e Ocidental, e os que incluem o termo, além dos textos Alexandrino e Ocidental, estão representados pelo texto Bizantino e por textos encontrados nos manuscritos latinos. A abrangência geográfica dos textos que incluem o termo *ἐν* é maior em comparação aos textos que o omitem, o que favorece a originalidade da inclusão do *ἐν*.

Diante da evidência externa, pode-se concluir que há fortes indícios de que o texto original de Atos 1.8 continha a preposição *ἐν*, tanto pelo aspecto da antiguidade do texto, quanto pelo número de manuscritos onde o texto se encontra, como também pela considerável abrangência geográfica onde foram realizadas as cópias desses textos.

1.2.2 Evidência Interna

Quanto à evidência interna, segundo os critérios que são levados em consideração para o seu tratamento, poucas são as conclusões a respeito do texto em análise. Uma das razões que possibilitam a inclusão do termo *ἐν* nos originais, encontramos na citação descrita abaixo.

Por causa da repetição da mesma preposição antes de frases coordenadas sucessivas, que é mais típico do estilo semita que do estilo grego, pode-se argumentar que provavelmente esse termo é original, tendo sido apagado subsequentemente por escribas gregos, que sentiram que a repetição não é idiomática. Por outro lado,

também é possível que copistas, notando que Jerusalém é uma cidade, ao passo que Judéia e Samaria são países, tenham inserido o segundo evn a fim de equilíbrio as duas entidades. Incapaz de determinar que consideração é mais provável, e em face de evidências externas mais ou menos da mesma importância, a maioria da comissão votou pela inclusão do evn no texto, mas entre colchetes.²⁶

Diante dos elementos apresentados na evidência externa e dos argumentos da evidência interna, pode-se dizer que o texto de Atos 1.8 se apresenta bem conservado. Eventuais implicações da presença ou ausência da preposição ainda poderão ser destacados/retomados em outros passos da exegese.

1.3 Forma

Nesta seção abordaremos alguns aspectos que dizem respeito ao corpo do texto como: delimitação, contexto maior, contexto menor e estrutura do texto.

1.3.1 Delimitação

A delimitação dos primeiros 11 versículos, em termos de unidade, do capítulo primeiro de Atos é bastante diversificada. Boor por exemplo, divide esta porção da escritura em duas unidades. A primeira de At 1.1-8, e a segunda de At 1.9-12.²⁷ Comblin por sua vez, não divide em unidades este bloco de versículos, faz dele uma unidade única At 1.1-11.²⁸ Marshall também divide em duas unidades. A primeira de At 1.1-5 e a segunda de At 1.6-11.²⁹ Já Stott divide este conjunto de versículos em três unidades. A primeira unidade é de At 1.1-5, a segunda At 1.6-8 e a terceira At 1.9-12.³⁰ Outros autores: Haenchen (At 1.1-8) e (At 1.9-12);³¹ Roloff (At. 1.1-12) com subdivisões de unidades menores;³² Fitzmyer (At 1.1-14) com subdivisões.³³ Há um consenso entre a maioria dos estudiosos que a melhor delimitação para os 11 primeiros versículos de Atos dos Apóstolos seja At 1.1-5 e 1.6-11.

²⁶ CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. v.3, p.28.

²⁷ BOOR, Werner de. *Atos dos apóstolos*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003. p. 23-31.

²⁸ COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. 2.ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p.77.

²⁹ MARSHALL, Howard I. *Atos: Introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2014. p. 55-62.

³⁰ STOTT, John. *A Mensagem de Atos: até os confins da terra*. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2008. p. 29-51.

³¹ HAENCHEN, Ernst. *The Acts of the Apostles*. Philadelphia: The Westminster Press, 1971. p. 135, 148.

³² ROLOFF, Jürgen. *Hechos de Los Apostoles*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984. p. 41.

³³ FITZMYER, Joseph A. *Los Hechos de los Apóstoles*. Traducción, introducción y comentario. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, vol. 1. p. 255.

Como vimos acima, não há um padrão quanto a divisão das unidades nos primeiros versículos de Atos 1. Pela forma como o texto está disposto no início do livro de Atos dos apóstolos pode-se dividi-lo em três seções. A primeira seção (Atos 1.1-5) trata de uma breve introdução (prólogo), do reencontro de Jesus com seus discípulos após a ressurreição e da promessa do batismo no Espírito Santo. A segunda seção (Atos 1.6-8) aborda o questionamento dos discípulos, a resposta de Jesus a eles, e da promessa de capacitação dos seus discípulos pelo Espírito Santo, com o propósito de testemunharem de Cristo até os confins da terra. E por fim, a terceira seção (Atos 1.9-11) trata da ascensão de Jesus, da glória da sua partida.

Este estudo será desenvolvido a partir da análise exegética e teológica da segunda seção (At 1.6-8). O texto de atos 1.6-8 inicia com um novo período narrativo, e este período narrativo é constituído de um diálogo entre os discípulos e Jesus. O que evidencia o início do novo período narrativo é a expressão *Οἱ μὲν οὖν*, usada por Lucas no início do v.6. Este tipo de expressão é bastante utilizado em Atos para iniciar uma nova seção narrativa, e conectá-la com a seção anterior.³⁴ O início dessa perícopé é demarcada pela pergunta realizada por um dos seguidores de Jesus, quanto a restauração de Israel. A esta pergunta Jesus concede uma resposta, certamente não a que aqueles ouvintes queriam ouvir, mas Jesus pretendia deixar claro que o reino que Ele veio anunciar não era terreno, e assim espiritual (de Deus). A perícopé encerra com uma promessa aos discípulos, que eles receberiam poder quando o Espírito Santo viesse sobre eles; e incumbindo-lhes de uma missão, de serem testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra, e estas são as últimas palavras de Jesus antes de ascender ao céu, encerrando também o diálogo entre eles.

1.3.2 Contexto

Entende-se como contexto as passagens que antecedem e as que seguem ao texto em análise. O contexto para essa exegese segundo o *Novum Testamentum Graece* de Nestle/Aland é apresentado da seguinte forma:

³⁴ HAENCHEN, 1971. p. 142.

1.3.2.1 Contexto Maior

O contexto maior em que está inserido At 1.6-8, pertence à primeira parte do livro de Atos dos Apóstolos, constituído pelos capítulos 1 – 8, que tratam sobre a igreja primitiva em Jerusalém. Neste bloco, Lucas narra os fatos ocorridos antes do pentecostes (At 1.1-26); o pentecostes e seus desdobramentos (At 2.1-47); a vida da igreja (2.42-47; 4.32 – 37); os primeiros sinais e milagres (At 5.12-16); a escolha dos primeiros diáconos (At 6.1-6); o primeiro mártir e o início da perseguição (At 6.8 - 8.4).³⁵

A segunda parte deste livro, composto pelos capítulos 8 – 12 tratam do início da missão aos gentios. Dentre os principais acontecimentos deste período, pode-se destacar o avivamento em Samaria (At 8.5-25); a conversão de Paulo (At 9.1-30); o milagre de Pedro (At 9.32-43); Pedro como missionário aos gentios (At 10.1 – 11.8) e os gentios-cristãos em Antioquia (At 11.9-30).³⁶

A terceira e última parte que vai do capítulo 13 – 28 trata da missão entre os gentios. Nestes capítulos finais, Lucas narra às viagens missionárias do apóstolo Paulo (At 13.1 – 14.28; 15.35 – 18.22; 18.23 – 21.17), o concílio dos apóstolos (At 15.1 – 34), e por fim o aprisionamento de Paulo e seu envio para Roma (21.18 – 28.31).³⁷

1.3.2.2 Contexto Menor

A passagem de At 1.6-8 forma uma seção e esta é precedida pela seção de At 1.1-5 e, complementada pela seção de At 1.9-11. A primeira seção (At 1.1-5) destaca dois pontos principais, além da breve introdução de Lucas. O primeiro ponto, Jesus ordena aos seus discípulos a permanecerem em Jerusalém até que recebessem o que o Pai havia prometido o dom do Espírito (v.4). O segundo ponto é a promessa de Jesus de que eles seriam batizados no Espírito Santo (v.5).³⁸

O versículo de maior relevância para esta pesquisa é Atos 1.8, da perícopé (At 1.6-8), que aborda as últimas palavras do diálogo de Jesus com seus discípulos após a ressurreição,

³⁵ HÖRSTER, Gerhard. *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2008. p. 51.

³⁶ HÖRSTER, 2008, p. 51-52.

³⁷ HÖRSTER, 2008, p. 52.

³⁸ FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. Tradução Siro Manoel de Oliveira. São Paulo: Loyola, 1991 v. 3. p. 48-49.

neste diálogo Jesus faz promessas aos seus discípulos e estabelece os alicerces da igreja e sua missão (At 1.8).³⁹

Na terceira seção (At 1.9-11), narra a ascensão de Jesus ao céu e conseqüentemente sua separação dos discípulos.⁴⁰ Nesta unidade o contexto posterior também é considerado de transição, pois ela faz o fechamento do evangelho de Lucas e inicia a narrativa histórica da igreja.⁴¹

1.3.3 Estrutura

A estrutura da perícope de Atos 1.6-8 é formada por uma pergunta (v.6), por uma resposta (v.7), por uma promessa (v.8a, b) e por uma comissão (v.8c). Esta estrutura está inserida num diálogo que ocorreu entre os discípulos e Jesus.

O v.8 possui uma riqueza maior de detalhes em comparação com os dois vs. anteriores, sendo considerado por muitos estudiosos como o versículo chave do livro de Atos dos Apóstolos. Ele inicia com uma conjunção adversativa *ἀλλά* (mas), e na seqüência Jesus faz uma promessa “recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito santo (At 1.8 a,b)”, referindo-se ao dia de pentecostes (At 2.1-4), e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (At 1.8 b). Esta seqüência de eventos tem uma finalidade, um propósito, o consolador prometido viria para capacitar os discípulos para continuarem à prática que Jesus havia iniciado, de pregar o evangelho.⁴²

A partir da análise teológica de At 1.8, identifica-se um processo espiritual e cronológico em relação ao crescimento da igreja. Jesus profetiza a ordem de expansão da missão cristã dizendo: “e então sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins da terra”, e isto se daria mediante a ação eficaz do Espírito e da Palavra de Deus “mas recebereis poder ao descer sobre vós o Santo Espírito”.⁴³

O livro de Atos confirma o cumprimento da profecia anunciada por Jesus em Atos 1.8, retratando exatamente aquilo que veio a acontecer no primeiro século da igreja, quanto à

³⁹ FABRIS, 1991, p.50-51.

⁴⁰ FABRIS, 1991, p.51.

⁴¹ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

⁴² CHAMPLIN, 2002, p.28.

⁴³ FABRIS, 1991, p. 21.

expansão geográfica da missão e da igreja.⁴⁴ Diante disso, podemos classificar a missão cristã em três grandes seções, adequada ao progresso geográfico juntamente com seus protagonistas, o ambiente em que se desenvolveu, e o progresso histórico.⁴⁵

Na seção I a missão e a Igreja concentram-se em Jerusalém, num ambiente judeu-conservador, e os principais protagonistas eram Pedro, João e os demais apóstolos. Aqui ocorre a fundação da primeira comunidade, modelo ideal da igreja, mas mesmo assim ocorrem conflitos com o judaísmo (At 2.1-8.1a).⁴⁶

Na seção II a missão e as Igrejas se concentram fora de Jerusalém, em Samaria e Judéia, num ambiente de samaritanos, judeus-helenistas e pagãos simpatizantes. Os principais protagonistas são: Estevão, Felipe e Pedro e ocorre num período de transição, o evangelho chega aos gentios (At 8.1b-11.18).⁴⁷

A seção III alcança o último nível da missão cristã profetizada por Jesus “os confins da terra”. A missão e as Igrejas atuam fora da Palestina, concentram-se na Ásia e na Grécia, num ambiente de judeus e pagãos da diáspora e do mundo grego. Os principais protagonistas são Paulo e Barnabé com seus colaboradores, nesse período são fundadas novas igrejas e o evangelho é inserido no mundo de cultura grega (At 11.19 até o final do livro).⁴⁸

1.3.4 Gênero Literário

O livro de Atos dos Apóstolos impressiona pelos diferentes estilos literários que seu autor utiliza. “a narrativa se alterna com os discursos, as pequenas fórmulas de reflexão ou de síntese com os episódios amplos e dramáticos”.⁴⁹ Conforme Fabris, no livro de Atos são identificados os seguintes gêneros: i) os relatos de milagre; ii) os relatos de viagem; iii) relatos de missão e, iv) os sumários ou sínteses.

Já o material discursivo ou verbal pode tomar as seguintes formas: os discursos, que fazem contraponto à narrativa na forma de prédicas missionárias ou querigmáticas, traços de catequese ou instrução aos cristãos, discursos apologéticos ou autodefesas, como as intervenções de Paulo no processo; orações com reminiscências de fórmulas litúrgicas e bíblicas; as cartas ou documentos como a que foi enviada pelo Concílio de Jerusalém às igrejas ou pelo comandante Cláudio Lísias ao procurador Antônio Félix. Na parte dos discursos, os modelos literários são os da tradição

⁴⁴ MARSHALL, Howard I. In: *Manual Bíblico SBB*. Tradução Lailah de Noronha. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2. ed. revisada, 2010, p.664.

⁴⁵ FABRIS, 1991, p. 21.

⁴⁶ FABRIS, 1991, p. 21.

⁴⁷ FABRIS, 1991, p. 21.

⁴⁸ FABRIS, 1991, p. 21.

⁴⁹ FABRIS, 1991, p. 19.

cristã: sínteses de catequese, fórmulas de fé, coleções de textos bíblicos transmitidos nas comunidades em forma oral ou escrita.⁵⁰

Estes estilos literários são usados pelo autor de Atos, de forma bastante harmoniosa e original. O autor não escolhe de forma casual ou mecânica o gênero literário e as fórmulas empregadas na sua obra, o que pode ser a evidência de uma orientação espiritual mais abrangente: “a visão ou aparição sublinha a iniciativa divina na história; o discurso, tecido de fórmulas tiradas da bíblia (LXX) ou da tradição cristã, salienta a continuidade ou homogeneidade da revelação de Deus proclamada na palavra dos seus testemunhos”.⁵¹

Atos dos Apóstolos que apresenta o relato do cristianismo primitivo descreve os principais e mais importantes eventos sobre a igreja primitiva. Lucas não narra todos os eventos importantes ocorridos na época, mas escolhe aqueles que são relevantes para ele e os detalha, segundo o propósito para que este livro foi escrito, e omite aqueles que lhe parecem prescindíveis.⁵² “Em Atos reflete a vida da igreja primitiva como um todo; o autor só entra em detalhes quando isto é importante para a continuação da sua história (ex. At 4.32-37 quando fala da oração fervorosa da igreja oprimida)”.⁵³

O estilo literário do livro de Atos dos apóstolos apresenta as seguintes características: i) foi escrito num grego claro e idôneo identificando assim que o escritor era uma pessoa aculturada e procurava comunicar-se de forma eficiente; ii) Lucas escreveu Atos dos apóstolos de forma lúcida e na língua franca da região mediterrânea oriental; e iii) é nos seus escritos que se encontra a maior ocorrência do grego clássico em todo o NT.⁵⁴

Apesar da linguagem de Lucas ser elevada, ele tinha a habilidade de apresentar seus relatos de forma simples, mas vívidos produzindo assim passagens memoráveis da narrativa descritiva. Exemplos que atestam esta afirmativa são: o naufrágio do navio cargueiro na praia de Malta; a libertação de Pedro da prisão e a experiência do final da tarde no telhado da casa de Simão, onde Pedro estava hospedado. Outros aspectos interessantes do livro são os relatos curtos e eficientes, como é o caso dos sermões e discursos apologeticos de Pedro; o bem elaborado resumo do discurso do Areópago, que possui um tom envolvente (At 17.16-34); e ainda a comunicação com os presbíteros de Éfeso em Mileto (At 20.17-38).⁵⁵

⁵⁰ FABRIS, 1991, p. 19.

⁵¹ FABRIS, 1991, p. 19.

⁵² HÖRSTER, 2008, p. 52-53.

⁵³ HÖRSTER, 2008, p.53.

⁵⁴ BLAIKLOCK, E. M. Atos dos Apóstolos. In: TENNEY, Merrill C. (org.) *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, v.1, p. 616.

⁵⁵ BLAIKLOCK, 2008, p. 615.

O livro está em total harmonia com a tradição da historiografia grega, que emprega discursos para evocar um pano de fundo e para analisar o significado e o motivo, assim como para um relatório. Os discursos não são, contudo, ficcionais, mas baseiam-se num relato confiável, as vezes de primeira mão. Eles revelam parte da arte do escritor, pois tem um caráter claro. Não somente Pedro, Estevão e Paulo emergem do relato numa forte caracterização, como também personagens menores como Gamaliel, o incisivo líder comunitário de Éfeso e o retórico Tértulo se elevam claramente e de forma individual.⁵⁶

1.4 Lugar

Nesta seção trataremos de situar o texto em estudo e os aspectos envolvidos nesta situação do texto são: autor do referido texto, a possível data em que foi escrito, local e época.

1.4.1 Autor

O autor do livro de Atos dos Apóstolos (*πραξεις αποστολων*) foi uma pessoa de boa cultura, pois o grego utilizado para escrever este livro é o grego literário e de bom nível. Não era um dos apóstolos ou discípulo original de Cristo, mas pode ter participado de alguns dos eventos que narra “fatos que entre nós se realizaram”. Algumas características apresentadas pelo autor de Atos dos Apóstolos: Ele conhece o AT na versão grega (septuaginta), possui um ótimo conhecimento das condições políticas e sociais vigentes do séc. I e tem o apóstolo Paulo em alta estima.⁵⁷

Segundo o testemunho da tradição que remonta ao século II, há quase que um consenso⁵⁸ de que o mesmo foi escrito pelo antioqueno Lucas, médico e companheiro de Paulo nas suas viagens. O caráter filológico sobre o texto de Atos apresenta características de vocabulário e estilo idênticos em toda a obra.⁵⁹ Há aspectos do terceiro evangelho que se repetem em Atos dos Apóstolos, como é o caso do vocabulário e do uso das mesmas expressões, a semelhança de estilo e forma de composição, dos temas, a teologia, o conjunto de seus pensamentos. Todos estes critérios supõem que ambas as obras (Evangelho de Lucas e Atos) foram escritas pelo mesmo autor.⁶⁰ Outras características do autor podem ser identificadas nos trechos que empregam o pronome “nós” em Atos. Temos quatro seções em que o autor passa da sua narração habitual na terceira pessoa, para uma narração na primeira

⁵⁶ BLAIKLOCK, 2008, p. 615.

⁵⁷ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.208-209.

⁵⁸ O Argumento contra a Tradição. In: CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 210-214.

⁵⁹ FABRIS, 1991, p.32-33.

⁶⁰ FITZMYER, 2003, p. 92,93.

pessoa do plural, que são as seguintes: At 16.10-17; 20.5-15; 21.1-18; e 27.1 – 28.16. O uso deste estilo explica que o autor de Atos acompanhou o apóstolo Paulo nesses períodos de seu ministério. Estas são algumas evidências internas que atestam a autoria de Lucas do livro de Atos.⁶¹

Além destas, temos ainda outras considerações que atestam a autoria de Lucas tanto do evangelho quanto do livro de Atos que são: i) Considerações linguísticas – Na comparação do evangelho de Lucas com o livro de Atos temos praticamente o dobro de palavras que se repetem entre si (evangelho de Lucas e Atos), do que o livro de Atos em comparação com qualquer um dos evangelhos sinópticos; ii) A abordagem dos mesmos temas – O evangelho de Lucas como o livro de Atos abordam do princípio ao fim os seguintes temas: a) a universalidade da religião cristã; b) a atuação do Espírito Santo; c) demonstram interesse pelos pobres e pelos desprezados da sociedade antiga; d) demonstram aversão aos ricos; e) há recomendações sobre o dever e o bom uso das riquezas; f) sobre o papel desempenhado pelas mulheres na vida de Cristo e no crescimento da igreja primitiva; g) sobre a necessidade de oração do cristão; h) a graça divina; i) sobre o perdão dos pecados.⁶²

Há também evidências externas que apontam Lucas como autor de Atos. A tradição de que Lucas, um companheiro das viagens de Paulo, foi o autor do terceiro evangelho e de Atos é bastante antiga e praticamente não contestada. Fontes históricas que apoiam esta afirmação são: i) o Cânon Muratoriano (190 d.C.) alista o livro de Atos como canônico e de autoria lucana; ii) o prólogo antimarcionita (final do séc. II).⁶³ Como também “a evidência patristica concorda. Irineu (c. 133 - c. 200 d.C.), Clemente de Alexandria (c. 150 - c. 215 d.C.), Tertuliano (160 - c. 200 d.C.), e Orígenes (c. 185 - c. 254 d.C.) podem ser citados como em apoio ao Cânon”.⁶⁴

Muitos exegetas se posicionam a favor das opiniões acima mencionadas, convencidos de que existem argumentos sólidos em seu favor; por exemplo, o inegável interesse que o autor manifesta pela atividade missionária de Paulo; sua participação pessoal nesta atividade missionária, como fica claro nos últimos capítulos do livro; nos incidentes da viagem de Paulo a Roma e também pelo frequente uso da primeira pessoa do plural nos relatos das diversas viagens do apóstolo.⁶⁵

⁶¹ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.209.

⁶² CHAMPLIN, 2002, p.2.

⁶³ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.209-210.

⁶⁴ BLAIKLOCK, 2008, p. 611.

⁶⁵ ROLOFF, 1984. p. 20.

Por outro lado, estudos recentes tem demonstrado que há alguns fatos que levam a acreditar que o livro de Atos dos Apóstolos, dificilmente seja obra de um companheiro de Paulo, por causa de alguns erros históricos e teológicos. Os erros históricos apontados são: i) Alguns momentos decisivos na vida de Paulo que não foram bem esclarecidos, como é o caso do número de viagens feitas por Paulo à Jerusalém. O autor de Atos menciona que Paulo fez três viagens a Jerusalém (At 9.26; 11. 30; 15.2) antes de visitar por duas vezes a Galácia (16.6; 18.23), mas o próprio Paulo menciona apenas duas (Gl 1.18; 2.1). A apresentação diferente dos Atos resulta talvez da maneira pela qual Lucas combina as suas fontes. Pode ser que esta viagem de At 11.30 seja a mesma de At 15.2. O objetivo de Lucas é enfatizar as contribuições, mas esta mencionada em At 11.30 é diferente daquela que Paulo leva mais tarde (At 24.17), por ocasião da grande coleta feita a pedido da igreja de Jerusalém (Gl 2.10).⁶⁶ Toda tentativa de conciliar a segunda visita a Jerusalém, mencionada em At 11.30, com a viagem mencionada em Gl 2.1, ou a subida para Jerusalém em At 15.2, numa época posterior a da composição da carta aos Gálatas, não obtém êxito.⁶⁷ ii) Há algumas divergências em relação à conferência de Jerusalém descrita no capítulo 15. “Segundo os Atos, Pedro defendeu o ministério de Paulo e Barnabé. Tiago concordou. No entanto, a assembleia de Jerusalém resolveu impor o chamado decreto apostólico que impõe quatro restrições à admissão dos gentios”.⁶⁸ Contudo, os notáveis de Jerusalém nada impuseram ao apóstolo Paulo quanto à circuncisão, como consta na carta aos Gálatas.

Quanto aos supostos erros teológicos cometidos pelo escritor de Atos dos Apóstolos, temos os seguintes: i) faltam alguns detalhes da vida de Paulo, o que poderia ser mencionado caso o autor do livro de Atos fosse companheiro dele. Dentre estes detalhes há uma grande lacuna em relação à juventude do apóstolo. E os detalhes apresentados pelo livro de Atos, por sua vez não são encontrados nas cartas paulinas, como a participação de Paulo no apedrejamento de Estevão (At 7.58), seu batismo realizado por Ananias (9.17) e sua formação em Jerusalém, na escola de Gamaliel (22.3). Todos estes detalhes fazem parte da tradição popular, que eram sem dúvida, conhecidos na comunidade cristã da época. iii) Outro fato diz respeito ao que o autor de Atos escreve sobre Paulo nas suas narrativas, onde ele não transmite muito sobre o pensamento e a teologia paulina, da forma como encontramos nas cartas. Na realidade o foco do autor de Atos não era abordar aspectos teológicos relacionados a Paulo, mas outros aspectos específicos da sua personalidade, que é o Paulo missionário e

⁶⁶ COMBLIN, 2012, p. 66.

⁶⁷ ROLOFF, 1984, p. 20.

⁶⁸ COMBLIN, 2012, p. 67.

fundador de igrejas entre os gentios. ii) Por fim, o autor de Atos não enfatiza a questão do apostolado de Paulo. Segundo o autor, Paulo não pertence ao grupo dos apóstolos, com isto o autor parece reconhecer uma antiga tradição judaico-cristã. Para esta tradição, apóstolo é aquele que fez parte do grupo íntimo de Jesus, ou seja, somente os doze. Diante disso, Paulo não seria um apóstolo do mesmo nível de Pedro, por exemplo, por não pertencer ao grupo dos doze. Paulo por sua vez defende de forma insistente o seu apostolado em suas cartas, como o tendo recebido do Cristo ressuscitado (Gl 1.1). Apesar de Lucas não atribuir a Paulo o título de apóstolo, ele nos mostra seu perfil apostólico, tanto pela posição que ocupa quanto pela influência que exerce. Neste ponto, o que se pretende reafirmar é que um companheiro de Paulo não poderia dar tão pouca importância a uma questão que era de tão profunda convicção de Paulo, de que ele também é um apóstolo.⁶⁹

Há ainda um grupo que defende o anonimato do autor de Atos dos Apóstolos. Este grupo é formado por Conzelmann, Enslin, Haenchen, Koester, Kümmel, Marxsen, Roloff entre outros.⁷⁰

Contudo a tradição eclesiástica atribui a Lucas a autoria do livro de Atos dos Apóstolos, antioqueno, médico e companheiro de viagem de Paulo em determinadas ocasiões. O que dá ainda mais crédito a esta tradição são as breves menções feitas a Lucas em Cl 4.14; Fm 24; 2Tm 4.11 dando veracidade a autoria do terceiro evangelho e de Atos dos Apóstolos.⁷¹ Por tudo que foi apresentado até aqui em relação a autoria do livro de Atos, eu me posiciono a favor da autoria de Lucas tanto do terceiro evangelho quanto Atos dos Apóstolos.

1.4.2 Data

O livro de Atos não nos proporciona nenhuma data precisa sobre sua conclusão. Entre os comentaristas modernos podemos agrupar três períodos: Conclusão antiga, intermediária e tardia.⁷² O primeiro período remonta para o ano 60,⁷³ mas mais provável entre 62-70 d.C., sendo este o período mais recuado possível.⁷⁴ Os argumentos apresentados por Roloff em apoio a esta hipótese estão no fato do livro de Atos terminar com uma apresentação genérica dos anos da atividade pastoral de Paulo em Roma, sem apresentar grandes detalhes da sua atuação anterior e da sua morte. Porém os argumentos para esta hipótese são muito

⁶⁹ ROLOFF, 1984, p. 20-22.

⁷⁰ FITZMYER, 2003, p. 94,95.

⁷¹ BOOR, 2003, p. 17.

⁷² FITZMYER, 2003, p. 95.

⁷³ ROLOFF, 1984, p. 23.

⁷⁴ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.215.

fracos, e a forma como o livro termina corresponde a um plano perfeitamente elaborado, tanto do ponto de vista literário quanto histórico. O objetivo traçado por Lucas na elaboração do livro de Atos é a chegada de Paulo em Roma, outros detalhes da sua vida e morte não faziam parte deste objetivo.⁷⁵ Fitzmyer apresenta ainda outro argumento, o livro de Atos não apresenta nenhuma menção quanto a perseguição dos cristãos de Roma por Nero no ano de 64 d.C.⁷⁶

O segundo período, ou período intermediário é entre os anos 80-95 d.C.⁷⁷ As razões que sustentam a conclusão de Atos depois do ano 70 estão, na sua maioria, relacionadas ao evangelho de Lucas e alguns outros indícios indiretos que apontam para uma composição mais tardia. É praticamente certo que Lucas, quando escreve Atos, já saiba da morte de Paulo, pois ele refere-se a ela repetidas vezes (At 20.25-38; 21.13). Outro argumento de peso que apoia a datação posterior de Atos é a data de composição do evangelho de Lucas. Este foi o último evangelho sinótico a ser escrito, provavelmente bastante tempo depois do período em que fora escrito o evangelho de Marcos; até porque Lucas utilizou este evangelho como fonte para escrever seu evangelho. Diante disso a composição do terceiro evangelho dificilmente tenha sido antes do ano 80.⁷⁸ Roloff levanta ainda outra questão, que está relacionada à situação eclesial da qual Lucas escreve. Para o tempo de Lucas o judaico-cristianismo já não apresenta o mesmo vigor da época da origem do cristianismo na Judeia e Jerusalém (At 1.8), para ele, isto é objeto de uma visão histórica do passado. As comunidades presentes já tem uma organização bem definida, com seus responsáveis (At 14.23; 20.17) e com diáconos (At 6.1-6); sendo esta situação muito parecida com a da igreja descrita nas cartas pastorais redigidas entre os anos 90-100. A igreja que Lucas descreve apresenta-se em oposição aos falsos mestres, que saíram da própria igreja para oporem-se a ela, e ele também apela de forma incisiva à tradição apostólica, para assegurar a solidez da doutrina, como vínculo de união entre a igreja de origem e a igreja atual. E esta é uma das preocupações principais do autor.⁷⁹

O terceiro período ou período tardio é de 115-130 d.C.⁸⁰ Alguns pressupõem que Atos tenha sido escrito entre o séc. I e II, mas esta datação é difícil de ser sustentada. Contra esta hipótese temos o fato de Lucas não fazer referência às cartas pastorais, inclusive nem as

⁷⁵ ROLOFF, 1984. p. 23.

⁷⁶ FITZMYER, 2003, p. 96.

⁷⁷ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.215.

⁷⁸ FITZMYER, 2003, p. 99.

⁷⁹ ROLOFF, 1984. p. 23,24.

⁸⁰ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.215.

conhece, as quais também foram escritas antes do final do I séc.⁸¹ Outra hipótese levantada, considerada bastante especulativa, é que o livro de Atos tenha alguma relação de dependência dos escritos de Josefo, Marcião e Justino mártir. Os argumentos que sustentam esta hipótese não são muito claros, além de tudo, são rigorosamente refutados.⁸²

Muitos intérpretes do NT optam como período de conclusão do livro de Atos dos Apóstolos os anos 80-90 d.C. Quanto a esse período de conclusão de Atos, não se tem motivos concretos para opor-se a ele, já que não existe nenhum registro que prove uma data específica.⁸³ Este período (80-90 d.C.) é defendido por um grande número de pesquisadores, e são poucos que optam por um período diferente desse, como é o caso de Carson, Moo e Morris. Eles alegam que há evidências suficientes para concluir que o livro de Atos foi escrito no período de 62-64 d.C.⁸⁴ As razões que os levam a tal conclusão são: i) o aparente desconhecimento de Lucas das cartas de Paulo; ii) o fato de Lucas não ter feito nenhuma menção à perseguição de Nero aos cristãos (64 d.C.), pois esta teria influenciado de alguma forma a sua narrativa, caso esta tivesse ocorrido enquanto Lucas escrevia; iii) nenhuma menção da destruição de Jerusalém (70 d.C.); iv) as experiências narradas à respeito do naufrágio e da viagem (At 27.1-28.16), denotam fatos que ocorreram recentemente.⁸⁵

Diante de toda argumentação apresentada neste tema, acredito que o período de 80-90 d.C. seja o mais plausível para a conclusão de Atos dos Apóstolos.

1.4.3 Local

Alguns autores relacionam o local onde o livro de Atos foi escrito com a data de sua conclusão. Esta é uma forma de cruzar os dados obtidos para se chegar a informações mais precisas tanto da data quanto do local onde Atos foi escrito.

Não há informações suficientemente precisas que determinem o local em que o livro de Atos foi escrito. Conforme Fitzmyer há um consenso geral de que este livro não foi escrito na Palestina ou na Síria, e alguns pais da igreja acreditavam que Atos fora escrito em Roma. A tradição antiga menciona às vezes a Acaia e outras vezes Cesareia, como local onde Atos

⁸¹ ROLOFF, 1984, p. 24.

⁸² FITZMYER, 2003, p. 98.

⁸³ FITZMYER, 2003, p. 100.

⁸⁴ Arrington também concorda com este período para a conclusão do livro de Atos dos Apóstolos.

⁸⁵ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.219.

foi redigido; estas conclusões foram tiradas, pelos escritores antigos, do próprio livro de Atos.⁸⁶

Em meio à incerteza quanto ao local de composição do livro de Atos, Champlin apresenta duas vertentes que buscam posicionar o local de composição desta obra: A primeira vertente diz que o livro de Atos foi escrito em Roma, com o argumento de que o autor estava ansioso por mostrar a expansão da igreja de Cristo desde Jerusalém até Roma. A segunda vertente por sua vez, defende que o livro de Atos foi escrito em Antioquia por ser esta a cidade natal de Lucas, pelo fato dele demonstrar especial interesse por esta cidade (Atos 18.24,26; 19.17-38). Diante dessas duas vertentes, a que tem permanecido como melhor alternativa, ao menos para o livro de Atos, é Roma.⁸⁷

Temos ainda um terceiro posicionamento apresentado por Arrington. Segundo ele, pelo conhecimento que Lucas apresenta ter de Roma e pelo fato do encarceramento de Paulo por dois anos (At 28.16,30), leva a acreditar que a parte final do livro de Atos foi escrita em Roma. As passagens que narram o período de aprisionamento de Paulo contém riqueza de detalhes à respeito da sua vida, e tudo indica que Lucas esteve com Paulo durante este período em Roma. Já os primeiros capítulos de Atos descrevem o início da igreja na Palestina e na região entorno do Mar Egeu. Foi nessa região que o apóstolo Paulo concentrou maior parte do tempo do seu ministério, com eventuais idas à região da Palestina e Antioquia na Síria. Em Cerareia, onde Paulo ficou como prisioneiro durante dois anos, antes de ser transferido para Roma (At 23.23-26.32), pode ter sido o local onde Lucas tenha realizado suas investigações,⁸⁸ e escrito à primeira parte de Atos dos Apóstolos.⁸⁹

O livro de Atos, assim como o evangelho de Lucas, é dirigido a Teófilo (At 1.1), um oficial romano que residia em Roma e também o que financiou a obra Lucas-Atos.⁹⁰ Sabemos pouco a respeito de Teófilo, diante disso não temos muito que comentar sobre ele, mas certamente Lucas tinha em mente abranger um público bem maior com suas obras, do que um único indivíduo.⁹¹ Pela forma como Lucas organizou uma quantidade tão grande de informações, parece nos indicar que ele tinha em mente atingir um público bem maior com as suas obras, do que um pequeno grupo de crentes. Em seus dois volumes (Lucas-Atos), estão

⁸⁶ FITZMYER, 2003, p. 100.

⁸⁷ CHAMPLIN, 2002, p.6.

⁸⁸ Levantamento de informações a partir de testemunhas oculares do tempo de Jesus, que ainda estavam vivas, sendo estas usadas como fontes e incorporadas nas suas obras.

⁸⁹ ARRINGTON, French L. *The Acts of the Apostles: an introduction and commentary*. Massachusetts: Hendrickson publishers, 1988. p. XXXIII.

⁹⁰ CHAMPLIN, 2002, p.6.

⁹¹ CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.220.

descritas “valiosas informações ao público cristão sobre a vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus e sobre a história de segmentos da igreja cristã até a época em que Paulo esteve preso em Roma.”⁹²

Esse livro foi escrito com o intuito de apresentar a Teófilo e a outras pessoas interessadas, uma defesa do cristianismo e demonstrar que este não era um ramo herético do judaísmo e nem uma organização política contrária ao império romano. Portanto, esta obra não foi dirigida exclusivamente às comunidades cristãs, mas visava circular entre as demais obras literárias da época, para benefício do público leitor gentílico, e também com os propósitos acima mencionados.⁹³

1.4.4 Época

Abordaremos aqui alguns pontos importantes do contexto social e religioso do primeiro século, período em que a maioria dos livros do NT foram escritos, inclusive o livro abordado neste estudo, Atos dos Apóstolos. Neste período o mundo estava sob o domínio do Império Romano, mas em muitos aspectos prevalecia à influência helenística tanto na educação, cultura, política quanto na religião. “O ambiente em que o livro dos Atos foi escrito é ao mesmo tempo muito impregnado de judaísmo e bastante conservador ainda e de cultura grega”.⁹⁴

O contexto social no primeiro século vivia ainda uma forte influência do mundo helenístico. No tempo em que Cristo viveu grande parte do mundo judeu falava grego, inclusive os livros bíblicos que haviam sido compostos em hebraico e aramaico foram traduzidos para o grego. De várias formas e graus, por meio do comércio, das escolas e das viagens, os judeus eram influenciados pelo mundo da época. A maioria das comunidades cristãs vivia na cidade, porque o sistema romano de estradas facilitava as viagens dos pregadores judeus-cristãos levando-os as cidades que ficavam a beira das estradas, onde fundavam as comunidades sinagogais. Os comerciantes judeus também usavam estas estradas para realizarem seus negócios nas cidades marginais.⁹⁵

O auge do Império Romano coincidiu com o período em que o cristianismo começou a se expandir, saindo das fronteiras da Judéia em direção ao mundo gentílico. Neste período

⁹² CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon, 1997, p.131.

⁹³ CHAMPLIN, 2002, p.6.

⁹⁴ COMBLIN, 2012, p. 63.

⁹⁵ BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo F. Valério. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p.129-130

de glória do Império Romano o que se destacou foi o desenvolvimento das cidades, pois esta era a ideologia deste império, civilizar a sociedade que era predominantemente rural. Com o desenvolvimento das cidades veio também a abertura de estradas para interligar as cidades e melhorar o acesso a elas e nesse processo muitas áreas que estavam abandonadas passaram a ser utilizadas pela população.⁹⁶

Outros aspectos quanto ao contexto social deste período é quanto à riqueza/pobreza e a sociedade de classes no Império Romano, gerados pelo desenvolvimento desordenado das cidades. O pobre é mencionado várias vezes no NT. Havia os pobres do campo, que eram pequenos agricultores, possuidores de terras insuficientes e improdutivas, ou servos em grandes latifúndios; e havia os pobres das cidades, que não dispunham dos produtos da terra, portanto encontravam-se, de certa forma, em pior situação.⁹⁷

Em meio a essa situação – que aparece primeiro em Jerusalém e, depois, em outras cidades do império – algumas pessoas continuam falando de um reino de Deus e um Senhor Jesus Cristo. Esse reinado e esse Senhor, por sua mera existência, questionam a justiça e a ordem de César e negam a autoridade absoluta dele. O que Lucas conta-nos a seguir é a história da missão desses cristãos primitivos, impelidos e fortalecidos pelo Espírito, e a forma como essa missão os levou a ter cada vez mais conflitos com a sociedade que os rodeava.⁹⁸

No âmbito da educação, alguns estudiosos inspirados na Mixná, afirmam a existência de escolas judaicas elementares para a leitura bíblica e de escolas avançadas para o estudo da lei, já no primeiro século. Esse também era o modelo grego de educação, que fora estabelecido em todo Império Romano, e consistia numa escola elementar para o ensino da leitura, escrita, música e esporte; tutorização na gramática, particularmente na poesia; e num nível mais elevado de educação ensinava-se retórica e filosofia.⁹⁹

O contexto religioso e filosófico, na época em que o livro dos Atos dos apóstolos foi escrito, era constituído de diferentes ambientes conforme a localização geográfica. “Na Palestina, mesmo nas áreas onde a maioria das pessoas era judia, havia forte influência helênica, mas não necessariamente difundida de maneira uniforme”.¹⁰⁰ Como também ocorre de cidades grego-romanas na Galiléia, cujos habitantes não demonstravam interesse pelo pensamento e práxis gentílica.

⁹⁶ GONZÁLEZ, Justo L. *Atos: O Evangelho do Espírito Santo*. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Hagnos, 2011. p. 25.

⁹⁷ GONZÁLEZ, 2011, p. 25.

⁹⁸ GONZÁLEZ, 2011, p. 26.

⁹⁹ BROWN, 2012, p. 135.

¹⁰⁰ BROWN, 2012, p. 141.

Quanto ao contexto religioso há de forma bem definida três ambientes: i) o ambiente religioso judaico; ii) do contexto religioso não-judaico e iii) das filosofias grego-romanas. No ambiente religioso judaico naquela época, havia três escolas de pensamentos, partidos ou seitas: “os primeiros eram os chamados fariseus; os segundos, saduceus; os terceiros, essênios”.¹⁰¹

A origem dos saduceus está relacionada a Sadoc (Zadoque), que foi sumo sacerdote no tempo de Davi e Salomão (2Sm 8.17; 1Rs 2.35). Eles começaram a se distinguir no tempo dos macabeus, quando permaneceram no ofício sacerdotal do templo de Jerusalém, enquanto outros se afastaram. A identificação dos saduceus sempre foi maior com a aristocracia helenizada que governava, dessa forma tinham pouco em comum com o povo.¹⁰²

Os saduceus são mencionados poucas vezes no NT e se identificavam por de não crerem em anjos, na ressurreição do corpo e na vida após a morte. Em relação a Lei, eles não reconheciam a autoridade da tradição oral e interpretavam a Lei de maneira literal. Desapareceram com a destruição do templo, no ano 70 d.C.¹⁰³

Os essênios seriam originários dos assideus, um povo piedoso, que teria se envolvido na revolta macabaica. Os essênios eram um grupo de extraordinária piedade e vivia uma vida comunitária. Dentre as inúmeras características que este grupo apresenta, está a ênfase de que todas as coisas são determinadas pelo destino. Os essênios jamais são mencionados no NT.¹⁰⁴

Os fariseus são um grupo dissidente dos asmoneus, que eram descendentes dos macabeus. Eles não formam um movimento sacerdotal, e sua abordagem (farisaica) da Lei escrita de Moisés era marcada pela segunda Lei, que era a oral. As suas interpretações eram menos rigorosas do que dos essênios e mais inovadoras do que as dos saduceus, que eram altamente conservadores à Lei escrita. Diferentemente dos saduceus, os fariseus criam na ressurreição do corpo e na vida após a morte e na existência do mundo espiritual.¹⁰⁵ Dentre estes três grupos “religiosos”, o que mais se destacou desde o tempo de Jesus foram os fariseus e este também era o grupo mais confrontado por Jesus, o que pode ser constatado nos evangelhos.¹⁰⁶ “Ao longo de toda a obra de Lucas, os fariseus são tratados mais positivamente

¹⁰¹ BROWN, 2012, p.143.

¹⁰² BROWN, 2012, p.143-144.

¹⁰³ GELSTON, A. Saduceus. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p.1449.

¹⁰⁴ BROWN, 2012, p.144.

¹⁰⁵ BÍBLIA de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida, com Referências e Algumas Variantes. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p.1380.

¹⁰⁶ BROWN, 2012, p. 146.

do que qualquer outro grupo judeu ou do que os judeus em geral, e eles não participaram do julgamento de Jesus”.¹⁰⁷

O cenário dos agrupamentos religiosos mudou com a revolta judaica de 66-70 d.C. Com a destruição do templo de Jerusalém alguns agrupamentos foram exterminados, tais como os zelotas e os sicários. Já o assentamento dos essênios em Qumrã foi destruído em 68; os sacrifícios no templo cessaram e com isso a base de poder dos saduceus enfraqueceu pois, sua base de liderança era composta de famílias sacerdotais. Os fariseus por sua vez passaram por um processo de reformulação, no período pós 70 d.C. eles ganharam o reconhecimento de guias do povo e foram considerados porta-vozes dos judeus pelas autoridades romanas, surgindo assim um grupo rabínico emergente.¹⁰⁸

O contexto religioso não-judaico teve influência em diversos graus e modos em Jesus, Paulo e nos cristãos primitivos mas, não há nenhuma evidência concreta de que realmente a religião pagã tenha modelado a teologia e a cristologia do NT. Dentre as religiões não-judaicas no primeiro século da igreja temos: i) Os deuses e deusas da mitologia clássica – houve uma mistura das divindades gregas e romanas em seus cultos, gerando uma religião híbrida que identificava as divindades gregas e as relacionava com as divindades romanas; ii) Culto ao imperador – havia uma tendência de considerar divino o imperador e colocá-lo no panteão; iii) As religiões místicas – os mais importantes cultos místicos gregos, que eram os mistérios eleusínios, prestavam homenagem a Deméter (Ceres), protetora da agricultura e a Dionísio (Baco), deus do vinho; iv) As religiões orientais – o culto a Ísis, que teve origem no Egito, era comum no império romano, principalmente entre as mulheres; e v) O culto de Mitra - tem suas raízes no panteão zoroastra persa, este era restrito aos homens e difundiu-se amplamente entre os soldados persas e romanos.¹⁰⁹

É importante mencionar as filosofias greco-romanas e suas inter-relações com os motivos religiosos judeus e pagãos. Elas levavam em consideração, de várias maneiras, a origem e o destino dos seres humanos em relação ao cosmo e as vezes tornavam-se mais próximas do monoteísmo do que qualquer outra das religiões pagãs. As principais correntes filosóficas do primeiro século eram o Platonismo, os Cínicos, os Epicureus, o Estoicismo e os Sofistas. Além destas correntes filosóficas, gerava também bastante influência no ambiente religioso os escritos de Fílon e o gnosticismo.¹¹⁰

¹⁰⁷ KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005, v.2, p. 345.

¹⁰⁸ BROWN, 2012, p.150.

¹⁰⁹ BROWN, 2012, p. 152-157.

¹¹⁰ BROWN, 2012, p. 157-164.

1.5 Palavra

Nesta seção faremos uma análise exegética teológica de At 1.6-8. Nesta análise procuraremos explorar, a partir do texto grego, os mais diversos aspectos das palavras que compõe a perícopes em estudo. Alguns dos aspectos a serem abordados são: a análise morfológica, semântica, lexical e a análise teológica do texto.

O versículo 6 do capítulo primeiro de Atos inicia com a expressão *Οἱ μὲν οὖν*. Esta expressão é formada por um artigo definido, nominativo masculino plural de *ὁ* (o), pela partícula de ligação *μὲν* e da conjunção coordenativa de *οὖν*. A tradução desta expressão pode ser “Então os que estavam” (RA)¹¹¹ ou, “quando eles estavam” (KJV)¹¹². Esta construção é usada com bastante frequência no livro de Atos dos Apóstolos com o propósito de abrir uma nova seção narrativa, e conectá-la com a seção anterior (sentido de continuidade).¹¹³ Haenchen por sua vez, traduz essa expressão como “aqueles reunidos”, justificando que Lucas escolheu esta expressão indefinida por que At 1.21, 22 leva a entender que não somente os apóstolos estavam presentes no momento em que questionaram Jesus.¹¹⁴

O verbo *συνελθόντες* (reunir/juntar) na sua forma infinitiva (*συνέρχομαι*) aparece 42 vezes no NT, sendo que nos sinóticos aparece 5 vezes e em Atos dos Apóstolos 16 vezes.¹¹⁵ Pertencem ao mesmo grupo semântico os verbos *synágomai*, *synérchomai*, *symporeýmai*, *sýneimi*, *systpéfomai* e *symparagínomai*, *episyntagomai*, *synágo*, *episyntagó*, *proslambánomai*, *episyntagogé*, *athroídzomai*, *synathroídzó*, *epathroídzomai*, *syntrécho*, *episyntrecho*.¹¹⁶

Segundo os exegetas, a expressão *Οἱ μὲν οὖν συνελθόντες* possui duas formas de interpretação: i) aqueles que estavam reunidos (no sentido dos discípulos terem se reunido numa ocasião subsequente a um evento) e, ii) aqueles que se reuniram (no sentido de que os discípulos tinham se reunido naquele momento). Como observamos acima, o particípio pode funcionar como um substantivo, “aqueles que estavam reunidos”, ou desempenhar o papel de advérbio, formando uma cláusula temporal, “aqueles que se reuniram”.¹¹⁷ Barrett argumenta

¹¹¹ Versão revista e atualizada.

¹¹² Versão King James.

¹¹³ FITZMYER, 2003, p. 274.

¹¹⁴ HAENCHEN, 1971. p. 142, 143.

¹¹⁵ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G4905&t=NIV>.

¹¹⁶ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento*: baseado em domínios semânticos. Tradução Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 179, 180.

¹¹⁷ HACKETT, H. B. *A commentary on the Original Text of the Acts of the Apostles*. Boston: Gould and Lincoln, 1858. P. 37. Disponível em:

que o grego é de fato ambíguo, mas defende como melhor tradução para *Οἱ μὲν οὖν συνελθόντες* “aqueles que estavam reunidos”, justificando que o contexto aponta para esta tradução.¹¹⁸ Hackett concorda com a posição de Barrett.¹¹⁹

ἠρώτων (perguntaram/interrogaram) este verbo no infinitivo (*ἔρωτάω*) aparece 62 no NT, destas, 22 nos sinóticos e 7 em Atos dos Apóstolos.¹²⁰ O grupo semântico deste termo é formado pelos verbos: *eperotáo*, *pynthánomai*, *eksetádzo*, *apostomatídzo*, *apokrínomai*.¹²¹ Eles perguntaram, questionando Jesus. O imperfeito é usado na formulação de perguntas, mas a ação de perguntar fica incompleta até que a pergunta é respondida.¹²²

λέγοντες (dizendo) este particípio, neste versículo, é um acompanhante circunstancial e redundante. O verbo *λέγω* aparece mais de 1.978 vezes no NT, somente nos sinóticos aparece 1.096 vezes e em Atos dos Apóstolos 216 vezes.¹²³ Pertencem a esse grupo semântico os verbos: *femí*, *laléo*, *eklaléo*, *prolégo*, *dídomi stóma*.¹²⁴

Κύριε (Senhor) neste caso provavelmente se refira a um título respeitoso, sendo esta forma bastante usada no NT. Este termo no coine “possui um elemento mais forte de legalidade e sugere mais o poder de controle do que o de posse”.¹²⁵

εἰ é uma partícula condicional de ligação “se”. Esta partícula é usada para introduzir uma pergunta direta. O uso dessa partícula não é comum, embora ela ocorra em outros textos do NT e na LXX, ela não se encontra no grego clássico.¹²⁶ Este tipo de ocorrência é muitas vezes denominado como um Hebraísmo. O termo paralelo de *εἰ ἔστι*, usado progressivamente para introduzir tanto afirmações diretas quanto indiretas. Neste caso *εἰ* introduz uma pergunta direta, e quando seu uso se dá em casos interrogativos *εἰ* é usado com mais frequência para perguntas indiretas.¹²⁷

<https://archive.org/stream/InternationalCriticalCommentaryHolyScripturesOldNewTestamentsCecEd/06.CommentaryOriginalTextActsApostles.Hackett.ned.rev.gr.enl.Bost.GouldLinc.1858.#page/n3/mode/2up>. Acesso: 31/08/2014.

¹¹⁸ BARRETT, C. K. *A Critical and Exegetical Commentary on the Acts of the Apostles*. Edinburgh: T&T Clark, 1994. v. 1, p.75. Disponível em:

<http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=b1d88eb95e6e05bdcafedc14c88bc036>. Acesso: 05/11/2015.

¹¹⁹ HACKETT, 1858, p. 37.

¹²⁰ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G2065&t=NIV>.

¹²¹ LOUW, NIDA, 2013, p. 366.

¹²² BARRETT, 1994, p. 75.

¹²³ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G3004&t=NIV>.

¹²⁴ LOUW, NIDA, 2013, p. 359.

¹²⁵ FOERSTER, W. *Kýrios*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thais Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 539.

¹²⁶ FITZMYER, 2003, p. 275.

¹²⁷ BARRETT, 1994, p. 76.

χρόνω (tempo) é definido normalmente como um intervalo de tempo, podendo ser um período curto ou longo de tempo.¹²⁸ Neste versículo o absoluto *chronon* significa “ponto no tempo”¹²⁹. É este o tempo em que...?

ἀποκαθιστάνεις (restauras/estás restaurando), seu infinitivo (*ἀποκαθιστάνω*) aparece 8 vezes no NT, destas, 6 vezes nos sinóticos e 1 vez em Atos dos Apóstolos.¹³⁰ O grupo semântico deste termo é formado pelos verbos: *apokathístemi*, *apokatástasis*, *apokatastáseos*, *avakainídzo*, *anakainóo*, *ekbállo* e *egeíro*.¹³¹

Esta palavra é seguidamente usada num sentido técnico na teologia judaica, de Deus estar restaurando todas as coisas no último dia. Neste dia Deus colocará tudo em ordem. Assim, “restaurar” tem o sentido de “Colocar em ordem”. A pergunta dos discípulos poderia então ser formulada da seguinte maneira: É neste tempo que irás colocar em ordem o estado das coisas que agora prevalecem no reino de Israel? A pergunta mostra um interesse judeu, e a sua realização prova a existência de um elemento Zelote entre os discípulos de Jesus.¹³² Pode-se dizer que Lucas usa a pergunta para enfatizar o caráter universal do movimento cristão; porque os discípulos fizeram esta pergunta antes de receberem o dom do Espírito no dia de Pentecostes (At 2). O ensino de Jesus sobre o reino de Deus tinha o mesmo teor daquilo que era conhecido sobre o assunto no AT. Por isso, a compreensão dos discípulos em relação à implantação de um novo reino os remeteu ao modelo de Moisés, que fora escolhido por Deus para libertar o povo da escravidão no Egito. E era isso o que eles esperavam do Messias, que viesse um libertador para livrá-los da opressão e do jugo romano. Contudo, a preocupação de Lucas aqui não é de trazer um paralelo entre o antigo redentor (Moisés) e o último redentor (Messias), mas apontar para a diferença de compreensão entre um judeu e um cristão, sobre o propósito de Deus.¹³³

τὴν βασιλείαν (Reino) aparece 155 vezes no NT, sendo que, 116 vezes nos sinóticos e 8 vezes em Atos dos Apóstolos.¹³⁴ As palavras do grupo semântico de *basileia* no NT são: *basileús*, *basileía*, *basílissa*, *basileúō*, *symbasileúō*, *basíleios*, *basilikós*.¹³⁵

¹²⁸ CHAMPLIN, 2012, p. 27.

¹²⁹ DELLING, G. *chrónos*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 749.

¹³⁰ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G600&t=NIV>.

¹³¹ LOUW, NIDA, 2013, p. 142.

¹³² BARRETT, 1994, p. 76.

¹³³ BARRETT, 1994, p. 77.

¹³⁴ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G932&t=NIV>.

¹³⁵ SCHMIDT, K. L. As palavras do grupo *basileús* no NT. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 108-112.

O termo *basileia*, segundo o conhecimento dos discípulos e sobre a qual fizeram a pergunta a Jesus, “significa ter ou exercer autoridade suprema sobre um povo num determinado lugar”.¹³⁶ No entanto, o reino anunciado por Jesus, sobre o qual Ele ensinou durante o período em que esteve com os discípulos é o reino de Deus (*basileia tou theou*), ou como encontrado em Mateus, reino dos céus (*basileia tōn ouranōn*). “*basileia tou theou* é um conceito dinâmico no ensino de Cristo. Denota o exercício da soberania de Deus na Sua atividade como Redentor e Juiz da humanidade, no cumprimento das promessas messiânicas contidas no AT”.¹³⁷ Os judeus sonham um reino com prestígio, soberania e amplo domínio como nos tempos do tempo de Davi.¹³⁸

Ἰσραήλ (Israel) se refere a pátria dos discípulos e nesse caso específico é muito provável que os discípulos tenham em mente a restauração política da sua nação.

Vamos à análise dos verbos e de outros termos do versículo 7 do capítulo primeiro de Atos dos Apóstolos.

εἶπεν (respondeu) é Jesus dirigindo a palavra aos discípulos e respondendo ao questionamento deles.

ὑμῶν (vós) os discípulos que são o alvo das palavras de Jesus.

ἐστίν (cabe/pertence) ocorre 287 vezes no NT, destas, 94 nos sinóticos e 36 em Atos dos Apóstolos.¹³⁹

γινῶναι (conhecer) ocorre 205 vezes no NT, destas, 60 ocorrem nos sinóticos e 16 em Atos dos Apóstolos.¹⁴⁰ São do mesmo grupo semântico de *γινώσκω* os verbos *epiginósko*, *epígnosis*, *gnósis*.¹⁴¹ Seu uso é bastante amplo, sendo utilizado em quase todo o NT em diversos sentidos.

Neste caso o infinitivo é o objeto direto do verbo finito *εἰμί* (cabe), pois ele completa o sentido deste verbo e explica o conteúdo do que "não é seu", ou seja, saber os tempos ou datas. A resposta de Jesus tem o propósito de redirecionar o foco dos discípulos, eles não devem se preocupar em saber o tempo que Deus determinou para colocar em ordem todas as coisas em Israel, mas sim, darem continuidade a missão Dele (At 1.8). A abordagem de Jesus, sobre o reino de Deus, é no sentido amplo, universal e não limitado como os discípulos

¹³⁶ ZABATIERO, Júlio P. T. Rei, Reino no NT. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2035.

¹³⁷ ZABATIERO, 2000, p. 2036.

¹³⁸ BARRETT, 1994, p. 77.

¹³⁹ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G1510&t=NIV>.

¹⁴⁰ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G1097&t=NIV>.

¹⁴¹ LOUW, NIDA, 2013, p. 300.

pensavam. Eles olham para a restauração de Israel, mas antes de Deus colocar todas as coisas em ordem, Ele vai julgar o reino de Israel com a destruição de Jerusalém.

χρόνους (tempos) seu significado neste versículo é “tempo estabelecido” (Não cabe a vós conhecer os tempos...), Deus estabeleceu os tempos (At 1.7); portanto, ninguém tem informações detalhadas sobre eles.¹⁴² No NT há vários textos que falam de *chronos* fazendo relação a um evento específico, tais textos são comuns nos escritos históricos de Lucas. Como ocorre nesses versículos (At 1.6,7), onde os discípulos perguntam e Jesus responde sobre o tempo da restauração de Israel. Contudo, “Deus é o Senhor do tempo; é Seu privilégio decidir sobre a hora final para a consumação do Seu reino”.¹⁴³

καιρούς (datas) este termo aparece 22 vezes nos escritos históricos lucanos, e é usado com mais frequência no “sentido temporal de ponto decisivo, muitas vezes com ênfase no fato de ele ser divinamente ordenado”.¹⁴⁴

Tempos e datas - A distinção entre estes dois termos que tratam sobre tempo é difícil de descrever. Embora se possa pensar de *καιρούς* (datas) como pontos específicos de tempo não especificados e de *χρόνους* (tempos) como intervalos de tempo não especificados.¹⁴⁵ Arrington especifica *χρόνους* como a duração do tempo que deve passar antes do estabelecimento do reino de Israel em sua forma final. E *καιρούς* como eventos críticos (sinais dos tempos) que devem acompanhar a sua criação.¹⁴⁶

Falando em termos gerais, *chronos* expressa a duração de um período, enquanto que *kairos* ressalta-o como marcado por certas características; assim em At 1.7, “o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder”, tanto os tempos (*chronos*), as durações dos períodos, quanto as “estações” (*kairos*), épocas caracterizadas por certos eventos. Pode-se também dizer que *chronos* marca quantidade e *kairos*, qualidade de tempo.¹⁴⁷

Os vocábulos gregos aqui traduzidos por tempos ou épocas, podem ser meros sinônimos; mas é bem provável que esteja em foco, no primeiro caso, um espaço de tempo bastante prolongado, durante o qual o propósito divino especial é cristalizado dentro do plano de Deus, enquanto que, no caso do outro vocábulo, esteja em foco

¹⁴² DELLING, 2013, p. 749.

¹⁴³ HAHN, H. C. *χρόνος*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2470.

¹⁴⁴ DELLING, G. *Kairós*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 431.

¹⁴⁵ BARRETT, 1994, p. 78.

¹⁴⁶ ARRINGTON, 1988, p. 9.

¹⁴⁷ VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JR, William. *Dicionário Vine*. O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. p. 621.

um período crítico de tempo, um ponto apenas no tempo, quando alguma obra específica e grandiosa – como a entrega da lei, a encarnação, a crucificação, a ressurreição, a ascensão, a adoração do Espírito, a segunda vinda de Cristo, etc. – terá lugar.¹⁴⁸

ἔθετο (estabeleceu) aparece 95 vezes no NT, destas ocorrências, 29 aparecem nos sinóticos e 23 em Atos dos Apóstolos.¹⁴⁹ Em Atos *tithemi* é mais comumente usado para colocar algo em um lugar; assim, é provável que *οὗς ὁ πατήρ ἔθετο ἐν τῇ ἰδίᾳ ἐξουσίᾳ* seja melhor traduzido como: “colocado dentro de sua própria autoridade”, isto é, reservado para sua própria decisão, em vez de estabeleceu por sua própria autoridade. A expressão do evangelho de Marcos 13.32, onde diz que nem os anjos no céu, nem o filho, somente o pai sabe o tempo do fim; alguns intérpretes deste texto entendem que é possível que essa ocultação de informação reflète um momento de decepção devido ao atraso da *parousia*; porém Lucas tenta ajeitar os fatos, para que o intervalo entre a ressurreição e o fim, não fosse perceptível. Mas que o enfoque estivesse sobre o dom do Espírito e do papel dos apóstolos como testemunhas, ambos abordados no versículo seguinte.¹⁵⁰

Quanto à análise teológica, temos a dizer que o versículo 6 gira em torno da pergunta realizada pelos discípulos de Jesus. Nesta pergunta eles questionam se Ele iria restaurar o reino a Israel. Percebe-se neste questionamento que a esperança dos judeus quanto a restauração da nação de Israel permanece bem viva. Embora os discípulos que fazem a pergunta são cristãos, todavia falam como judeus.¹⁵¹ Eles aguardam o Messias libertador, que os livrasse do domínio dos seus inimigos (Romanos) e que restituísse à nação a hegemonia na região. A pergunta não pretende mostrar que os discípulos são ignorantes, mas sim, criar uma oportunidade para esclarecer um problema de grande relevância. Os cristãos primitivos consideravam o derramamento do Espírito como um sinal de que o fim do mundo estava próximo. Com isso em mente, é fácil de entender por quê eles perguntaram, “vais restaurar o reino a Israel, ao mesmo tempo que virá o Espírito?” Assim essa pergunta traz a tona o problema escatológico da expectativa sobre o fim dos tempos, que está por sua vez vinculada a um segundo problema: “o reino é restrito a Israel?” Continuaremos a discussão desse assunto mais adiante.¹⁵²

A pergunta do versículo 6 não recebe uma resposta direta. E a resposta dada por Jesus é negativa (v.7), frustrando toda expectativa dos sonhadores de uma restauração

¹⁴⁸ CHAMPLIN, 2012, p. 27.

¹⁴⁹ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G5087&t=NIV>

¹⁵⁰ BARRETT, 1994, p. 78.

¹⁵¹ FITZMYER, 2003, p. 274, 275.

¹⁵² HAENCHEN, 1971, p. 143.

política, econômica e social de Israel, com mudanças apocalípticas repentinas.¹⁵³ Jesus na verdade se recusa a contestar a questão política levantada por seus seguidores. Portanto, sua resposta não é nem uma repreensão e nem uma reprovação, mas parte da instrução que Ele deveria dar aos seus seguidores.¹⁵⁴

Para Comblin, a pergunta realizada pelos discípulos é uma técnica literária utilizada por Lucas para introduzir o v.8. No questionamento dos discípulos há três pontos de argumentação, ou seja, três perguntas distintas, as quais são respondidas por Jesus.¹⁵⁵

1º) Quando virá o reino? “É neste tempo?” Para esta primeira pergunta a resposta de Jesus tem dois aspectos: um negativo e outro positivo. No aspecto negativo, Jesus refuta o teor da pergunta dos discípulos, que estavam querendo saber se tinha chegado o tempo da restauração de Israel. A determinação com que Jesus refuta a intensão de estabelecer qualquer tipo de plano apocalíptico quanto ao curso da história, com base nos acontecimentos intra-históricos, é um elemento firmado na tradição. No aspecto positivo, aponta que Deus é soberano para decidir quando deverá chegar o momento definitivo da restauração do estado de Israel. Esta atitude de Jesus é reflexo do seu posicionamento quanto a iminente chegada da *parousia*, porque Lucas sabe que a comunidade primitiva havia interpretado o evento da ressurreição como o começo da era escatológica. Diante disso, Jesus refuta a idéia de que a ressurreição seja o marco para estabelecimento do reino de Israel, mas há um intervalo de tempo até que este fato venha se concretizar.¹⁵⁶ Assim como Roloff, Fitzmyer considera a resposta de Jesus tanto negativa quanto positiva. Negativa no sentido de que não cabe a eles saber o tempo da restauração do reino a Israel, pois isto está reservado somente a Deus (v.7); e o lado positivo da resposta encontramos no v.8, que eles receberiam a capacitação do Espírito Santo para servirem de testemunhas de Jesus até os confins da terra.¹⁵⁷

2º) O reino virá somente para Israel? “vais restaurar o reino a Israel?” Esta também é uma concepção que pertence ao ambiente do cristianismo primitivo. Os primeiros cristãos, provenientes do judaísmo palestinese, estavam convencidos de que eles eram o verdadeiro Israel; e esperavam o cumprimento das palavras de Jesus que poderia ocorrer a qualquer momento, que é a conversão de todo Israel na fé em Jesus. Contudo, esta não era a ideia nem o plano de Jesus, pois Ele ordenou que seus discípulos sejam testemunhas em Jerusalém, Judeia e Samaria e até os confins da terra. É claro que Israel terá a oportunidade de fazer parte

¹⁵³ FABRIS, 1991, p. 51.

¹⁵⁴ FITZMYER, 2003, p. 275.

¹⁵⁵ COMBLIN, 2012, p. 81.

¹⁵⁶ ROLOFF, 1984, p. 48.

¹⁵⁷ FITZMYER, 2003, p. 275.

do reino, mas será a igreja de Jesus o autêntico povo, o Israel definitivo. Portanto, o que Jesus faz é corrigir essa mentalidade de exclusivismo dos israelitas.¹⁵⁸

3º) Vai ser Jesus quem irá restaurar o reino? Esta pergunta tem conexão com as duas primeiras. Havendo um espaço de tempo depois da ressurreição de Jesus, vai também haver um espaço de tempo para que seus enviados cheguem aos confins da terra, antes que ocorra a *parousia*. Então, qual será a participação de Jesus nesses acontecimentos? O cumprimento da sua missão não depende da sua própria presença? A resposta para estes é clara: Ele enviará o Espírito (v.8). Apesar da ausência física de Jesus, os discípulos não se sentirão abandonados, O Espírito Santo logo será enviado e este permanecerá nos discípulos capacitando-os como testemunhas do ressuscitado. Lucas considera o Espírito Santo como o agente autenticador das palavras e obras do Jesus terrestre, por meio dos seus discípulos.¹⁵⁹

Na verdade o Reino que Jesus veio estabelecer não tinha nenhuma relação com a restauração do reino político da nação de Israel, mas era um reino escatológico, isto é, era o início da última etapa no plano de Deus, e esta é marcada com a vinda e permanência do Espírito Santo para capacitar o cristão ao testemunho (v. 8).¹⁶⁰

O v. 8 do primeiro capítulo de Atos inicia com o termo grego *ἀλλὰ* (*alla*), que é uma conjunção adversativa e procede da raiz plural neutra *ἄλλος*. A palavra *ἀλλὰ* é um marcador de contraste mais enfático (numa comparação com *δέ*) mas, pelo contrário, em vez disso, antes. Ocorre mais frequentemente após um advérbio de negação, como Mt 5.17; Mc 9.37; Ef 1.21. Ocorre também seguido por *οὐ*, em forte contraste com uma declaração positiva precedente 1 Co 10.23. Outras ocorrências no NT: Porém, mas Jo 1.31; 8.26; 12.27; Ao invés disso Lc 1.60; 1 Co 6.6; exceto Mc 4.22; 2 Co 1.13. Fortalecendo um imperativo, mas agora Mt 9.18; Mc 9.22. Sozinho ou com *καί, γε καί, ου οὐδέ*, introduz enfaticamente o que a segue: de fato, por que!, e não somente isto, mas também 2 Co 7.11 (6 vezes), Jo 16.2: 1 Co 3.2. *ἀλλὰ* elíptica mas, porém (*τοῦτο γέγονεν*) *ἵνα* (mas isto aconteceu a fim de) Mc 14.49; Jo 1.8.¹⁶¹

Na introdução de Atos 1.8, Jesus redireciona a visão dos discípulos em relação a reino de Deus. Os discípulos tinham em mente, quando questionam Jesus se esse era o tempo da restauração do reino a Israel, que o messias iria restabelecer um reino terreno, político, social e religioso, mas a missão que Cristo iniciou e agora está outorgando a seus discípulos é de que eles sejam testemunhas, mediante a promessa da capacitação pelo poder do Espírito

¹⁵⁸ ROLOFF, 1984, p. 48,49.

¹⁵⁹ ROLOFF, 1984, p. 49.

¹⁶⁰ MARSHALL, 2014, p. 60.

¹⁶¹ GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Tradução Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova. 1984, p. 16.

Santo. Esta promessa de Jesus, da efusão do Espírito (vs. 1.5), redimensiona o ponto de vista daqueles que esperavam um triunfalismo religioso e político. “O Espírito é uma força não para dominar e controlar os homens, mas para ser testemunhas de Jesus, o Senhor ressuscitado”.¹⁶²

Após a mudança abrupta na conversa de Jesus com seus discípulos, Ele lhes faz uma promessa dizendo: “recebereis poder”. A palavra “recebereis” é uma das traduções do verbo grego λαμβάνω. Este verbo aparece 248 vezes no NT, sendo que nos sinóticos aparece 93 vezes, no livro de Atos dos apóstolos 30 vezes e em Lucas-Atos 51 vezes.¹⁶³

O termo grego segundo Nestle/Aland, do qual procede à palavra receberes é λήμψθε, que é o futuro médio de λαμβάνω¹⁶⁴. “A partir do sentido básico, ‘tomar’, λαμβάνω adquire os sentidos ativos de: i) tomar para si, receber, arrecadar e ii) pegar. O termo também assume o sentido mais passivo de ‘adquirir’ e o sentido médio de ‘segurar ou agarrar algo ou alguém’”.¹⁶⁵

No NT, encontramos o sentido ativo nos seguintes contextos: como levar a cruz (Mc 10.38); aceitar o testemunho (Jo 3.11) ou os mensageiros de Jesus (13.20) ou o próprio Jesus (1.12), e receber o que é devido (Hb 7.8). O sentido mais passivo é predominante em passagens teológicas. Jesus leva nossas enfermidades (Mt 8.17); Deus recebe louvor (Ap 5.12). Os crentes recebem o Espírito de Deus (Jo 7.39; At 10.47) e seus dons (1Pe 4.10).¹⁶⁶

λαμβάνω, δέχομαι e λήμψις pertencem ao mesmo grupo semântico de “receber ou aceitar um objeto ou um benefício em que a iniciativa pertence ao doador, mas o foco da atenção na transferência passa a ser a pessoa que recebe”.¹⁶⁷ E num sentido geral permite as traduções a seguir: Agarrar, apoderar-se Mt 21.35, 39; Lc 5.26; 1 Co 10.13. Pegar, apanhar Lc 5.5. Lançar mão de Mt 26.52. Colocar, tomar Jo 13.12; Fp 2.7.¹⁶⁸

A palavra “poder”, que complementa a promessa “recebereis poder”, é a palavra chave desta pesquisa, pois nela estará o embasamento para o desenvolvimento do objetivo

¹⁶² FABRIS, 1991, p. 52.

¹⁶³ Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strong>.

¹⁶⁴ HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse*. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009, p. 661.

¹⁶⁵ DELLING, G. *lambáno*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 1, p. 549.

¹⁶⁶ DELLING, 2013, p. 549.

¹⁶⁷ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Tradução Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p.509.

¹⁶⁸ GINGRICH; DANKER, 1984, p. 124.

geral da mesma. O termo “poder” procede da palavra grega *δύναμις*, que vem da raiz *dyna-*, que significa poder, potência, força.¹⁶⁹

As palavras dessa raiz têm o sentido básico de habilidade ou capacidade. *Dýnamis*, é a palavra mais importante nesse grupo, significa habilidade, também possibilidade, depois poder tanto físico quanto intelectual e espiritual. *dýnamai* significa: a) ser apto no sentido geral; b) ser apto no sentido de tornar alguém apto e c) para coisas, no sentido de ser equivalente a, ser contado como, significar. *dynatós* significa aquele que tem habilidade ou poder, alguém que é poderoso. O adjetivo neutro implica em: o que é possível ou praticável. *dynatéd* significa ter grande habilidade. E por fim, *dýnastes* tem o sentido de alguém que pode fazer algo.¹⁷⁰

Dύναμις ocorre 118 vezes no NT. Destas ocorrências, 38 ocorrem nos evangelhos sinóticos, 25 em Lucas-Atos e 10 vezes em Atos dos Apóstolos.¹⁷¹ “Nos evangelhos sinóticos e Atos, a palavra *dynamis* denota o poder de Deus, os poderes celestiais (no plural), poder milagroso (no plural, atos poderosos, milagres), e o poder que leva a salvação à sua perfeita conclusão”.¹⁷² Conforme Lc 1.49, Deus é poderoso, e em Mc 14.62, o próprio Jesus empregou o termo “poderoso” para o nome de Deus. “O NT também fala de poderes, ou seja, de potências cósmicas entre o céu e a terra que podem aparecer em pessoa (Mc 13.25; Rm 8.38; Ef 1.21; 1 Pe 3.22)”.¹⁷³ É fundamental para a proclamação do evangelho (boas novas), a demonstração do poder de Deus, através de Jesus Cristo, para a vitória sobre o mal. E nestes últimos dias, esta mesma demonstração de poder atua na Sua igreja.¹⁷⁴

Em Lc 24.19 encontramos que Cristo era poderoso em obras e palavras. “Seus milagres são chamados *dynámeis*, isto é, atos poderosos, porque neles o reino de Deus na terra começa a ter efeito poderoso, e a luta contra o diabo é levada a efeito no nível da existência humana”¹⁷⁵, e alguns desses atos poderosos realizados por Cristo encontramos em Mt 12.22-30; Mc 6.2,5; Lc 19.37; At 10.58. Os milagres de Jesus são operados por um poder dentro dEle, e Lucas relaciona este poder, dado por Deus, com o Espírito Santo (Lc 1.35; 4.14; At 1.8; 10.38). Os milagres são encarados como evidência da parte de Deus quanto a Jesus ser o messias, aquele que foi ungido pelo Espírito (At 2.22; 10.38). “É, pois, pelo poder do Espírito que Jesus derramou sobre os Seus servos, que estes podem operar atos poderosos (At 4.7; 6.8;

¹⁶⁹BETZ, O. Poder, Autoridade, Trono. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1692.

¹⁷⁰KITTEL; FRIEDRICH, 2013, p. 205.

¹⁷¹Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G1411&t=ESV>.

¹⁷²BETZ, 2000, p. 1693.

¹⁷³BETZ, 2000, p. 1693.

¹⁷⁴BETZ, 2000, p. 1693.

¹⁷⁵BETZ, 2000, p. 1694.

8.13; 19.11). A pregação autoritativa dos apóstolos (At 4.33; 6.8-10) é vista como prova de um poder sobrenatural¹⁷⁶.

No livro de Atos vemos o poder do Espírito operando na vida da igreja (At 4.7,33; 6.8; 10.38). Paulo considerava a ressurreição como a principal evidência do poder de Deus (Rm 1.4; Ef 1.19,20; Fp 3.10) e vê o evangelho como o meio pelo qual esse poder pode operar nas vidas das pessoas (Rm 1.16; 1 Co 1.18).¹⁷⁷

Jesus entrou no Seu ministério no poder (*dynamis*) do Espírito (Lc 4.14), e Seu poder operava os milagres de cura (Lc 5.17), e praticava muitas obras ponderosas (Mt 11.20). Isso era evidência do poder do reino de Deus. Contudo, o reino de Deus ainda não viera em toda a sua plenitude, o que haveria de acontecer no dia de pentecoste (Lc 24.49; At 1.8; Mc 9.1), e traria a consumação do poder do reino por ocasião da *parousia* (Mt 24.30).¹⁷⁸

“Recebereis poder” ou conforme a tradução da Bíblia de Jerusalém “recebereis a força”, é a capacitação prometida por Cristo aos seus discípulos. Esta capacitação procede do Espírito Santo que é uma força que habilita o homem e a mulher para testemunhar de Jesus, o Senhor ressuscitado.

A capacitação ocorre mediante a vinda do Espírito Santo, que envolve, reveste e preenche a vida do cristão. Junto à promessa do recebimento de poder, Jesus profetiza aos discípulos que desceria sobre eles o Santo Espírito, “ao descer sobre vós o Santo Espírito” (*ἐπελθόντος τοῦ ἁγίου πνεύματος ἐφ’ ὑμᾶς*). Estão relacionados ao evento de At 1.8, da vinda do Espírito Santo, os textos de Lc 24.49 e At 1.5. Em Lucas, Jesus já havia feito a promessa do derramamento de poder sobre seus discípulos dizendo: Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai, permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder (Lc 24.49). E em At 1.5 Jesus afirma: Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.

Ἐπελθόντος Aoristo participio *ἔρχομαι* chegar junto; sobrevir, aqui de cima, *ἐπι τινα* vir sobre alguém, descer sobre alguém; genitivo absoluto ou *participium coniunctum* de *τοῦ ἁγίου πνεύματος* (este último é atributo genitivo de *δύναμιν*), temporal e advérbio de tempo; *ἀλλὰ λήψετε δύναμιν ἐπελθόντος τοῦ ἁγίου πνεύματος ἐφ’ ὑμᾶς* mas recebereis poder quando o Espírito Santo vier sobre vós ou mas recebereis (o) poder do Espírito Santo quando ele vier sobre vós.¹⁷⁹

¹⁷⁶ BETZ, 2000, p. 1694.

¹⁷⁷ NIXON, R.E. Poder. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 1298.

¹⁷⁸ NIXON, 1995, p.1298.

¹⁷⁹ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p.661.

Para *ἔρχομαι* temos uma ampla gama de significados e tempos verbais. “O futuro helenístico *eleusomai*, aoristo *elthon* e *eltha*, perfeito *elelytha*, ocorrem no grego secular desde o tempo de Homero, como também na LXX, com o significado de “vir ou ir”, principalmente no sentido literal”.¹⁸⁰ A direção do movimento é determinada por preposições tais como *apo* (de, fora de), *eis* (em, para dentro de), *ek* (fora de). O substantivo raro *eleusis* se forma do futuro *eleusomai*, e significa “chegada”. *hekō* se emprega virtualmente como sinônimo de *erchomai* e significa originalmente, “ter chegado”.¹⁸¹ *ἔρχομαι* ocorre 10 vezes no NT, sendo que 4 vezes ocorre nos evangelhos sinóticos e 4 vezes em Atos dos Apóstolos.¹⁸²

Semanticamente *ἔρχομαι* possui dois níveis de significado: a) “vir” ou “vir para”, num sentido mais restrito ou específico e, b) “ir” ou “vir” num sentido genérico de movimento de um lugar para outro. Neste mesmo grupo semântico temos a palavra *ἐπέρχομαι*, cujo significado é mover-se para ou por cima de, geralmente no sentido de ter chegado como: “vir para, chegar, sobrevir”.¹⁸³ Schneider define *ἐπέρχομαι* como “vir, aproximar”, usado para eventos, para o tempo e para o povo;¹⁸⁴ e Mundle define como “vir, acompanhar, aproximar-se”.¹⁸⁵ No NT a palavra ocorre predominantemente em Lucas e Atos. Ela significa figuradamente a vinda de alguém sobre outro, como do forte sobre o fraco em Lc 11.22. Indica também a vinda do Espírito, em Lc 1.35 o Espírito Santo vem como poder de Deus sobre Maria e, em At 1.8 vem sobre os discípulos.¹⁸⁶

Agora nos voltemos para o termo *ἁγίου* (*hágios*). Louw e Nida definem *hágios* como: “relativo a ser santo no sentido de qualidades morais superiores e possuir determinadas qualidades essencialmente divinas em contraste com o que é humano – santo, puro, divino”.¹⁸⁷ Nos escritos gregos e helenísticos, o antigo termo grego *hágos* denota um objeto de temor, o adjetivo *hagés* significa limpo, o e verbo *házō* tem o sentido de evitar. *hágios* também era usado para santuários sagrados e, mais tarde para deuses e práticas religiosas, e no período helenístico tornou-se termo comum. No mesmo grupo semântico de *hágios* temos os termos: i) *hagiázō* que significa consagrar ou santificar; ii) *hagiasmós* que é um derivado

¹⁸⁰ MUNDLE, W. Vir. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p.2658.

¹⁸¹ MUNDLE, 2000, p.2658.

¹⁸² Lexicon. Disponível em: <https://www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G1904&t=ESV>.

¹⁸³ LOUW; NIDA, 2013, p.174.

¹⁸⁴ SCHNEIDER, J. *érchomai*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 1, p.287.

¹⁸⁵ MUNDLE, 2000, p.2658.

¹⁸⁶ SCHNEIDER, 2013, p.287.

¹⁸⁷ LOUW; NIDA, 2013, p.663.

do verbo e significa santificação; iii) *hagiótes* este termo denota santificação e, iv) *hagiōsýne* que é um termo raro e significa santificação como qualidade.¹⁸⁸ *ἀγίου* aparece 219 vezes no NT e destas, 36 vezes nos sinóticos, 71 vezes em Lucas-Atos e 53 vezes em Atos dos Apóstolos.¹⁸⁹

No NT encontramos várias aplicações para a palavra *hágios*. Na tradição vétero-testamentária: o nome de Deus é chamado santo (Lc 1.49), como também a Sua aliança (Lc 1.7), Seus anjos (8.38), Seus atendedores (Ef 2.19), os profetas (Lc 1.70), as Escrituras (Rm 1.2). Nas epístolas paulinas todos aqueles que têm Jesus como seu Senhor e salvador são chamados *hoi hagioi*, “os santos”, porque Cristo é a santificação deles além de ser sua justiça e redenção (1Co 1.30). Nas epístolas universais o termo *hágios* é atribuído à igreja (1Pe 2.9).¹⁹⁰

Em termos teológicos a santificação (*hagiasmos*) é um processo contínuo, como o crescimento de um fruto, que vai resultar na vida eterna (Rm 6.19-22).

Da ressurreição em diante, Jesus é o Cristo no poder que opera segundo o Espírito da santidade (Rm 1.4). A santidade é uma condição de aceitação na *parousia*, e da entrada na herança do povo de Deus (Cl 1.12; At 20.32). Em todos esses casos, a “santidade” dá a entender um relacionamento com Deus que não se expressa primariamente através do culto, mas, sim, através do fato de os crentes serem guiados pelo Espírito Santo (Rm 8.14).¹⁹¹

Πνεύματος é o complemento de *ἀγίου* dentro da expressão (*ἐπελθόντος τοῦ ἀγίου πνεύματος ἐφ’ ὑμᾶς*) do texto em estudo. Este termo é originário da raiz grega *pneu-*, da qual se deriva a palavra neo-testamentária “espírito”, e denota vento, respiração, vida, Espírito. É também o título dado a terceira pessoa da Trindade. Seus derivados são: i) *pnéō* (soprar, respirar); ii) *pnoé* (sopro, vento); iii) *ekpnéō* (expirar, morrer); iv) *empnéō* (inspirar); v) *pneumatikós* (espiritual); vi) *theópneustos* (inspirado, soprado por Deus).¹⁹² *πνεύματος* aparece 350 vezes no NT e destas, 78 vezes nos sinóticos, 105 vezes em Lucas-Atos e 68 vezes em Atos dos Apóstolos.¹⁹³

¹⁸⁸ PROCKSCH, D. *hágios*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Tháís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 1, p.17.

¹⁸⁹ Lexicon. Disponível em: www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongsg=G40&t=ESV

¹⁹⁰ SEEBASS, H. Santo, Consagrar, Santificar, Santos, Devoto. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p.2263.

¹⁹¹ SEEBASS, 2000, p.2263.

¹⁹² KLEINKNECHT, H. *pneúma, pneumatikós*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Tháís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 237.

¹⁹³ www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongsg=ESV.

Pneuma é uma palavra de grande significância no NT, e no pensamento judaico anterior ela denota aquele poder que a pessoa experimenta, colocando-a em relacionamento com o plano espiritual, o plano da realidade que fica além da observação comum e do controle humano. A definição de *pneuma* é bastante ampla, mas o uso mais frequente no NT é como referência ao Espírito de Deus, o Espírito Santo, aquele poder que é mais imediatamente de Deus, quanto à Sua origem e natureza.¹⁹⁴

Em alguns casos não se consegue encontrar um termo plenamente satisfatório para *pneuma*, e, por isso, em todos os contextos se precisa acrescentar alguma característica do Espírito, como por exemplo, “de Deus”, “santo”, no sentido de divino. E em outros casos o Espírito Santo é designado através de frases ou locuções que dizem algo da natureza ou da atividade do Espírito: Espírito de Deus, Espírito Santo, Espírito Eterno, Espírito da Verdade, Espírito glorioso e Espírito de adoção.¹⁹⁵

A palavra Espírito aparece como um poder, enviado da parte de Deus por Cristo para a difusão da boa nova.¹⁹⁶ Os autores dos evangelhos sinóticos e de Atos dos Apóstolos compreendiam o *pneuma* de acordo com sua época e no seu contexto religioso e sociológico.

Em Mateus e Marcos as declarações sobre o Espírito são feitas de uma forma surpreendente, o que dá apoio à fidelidade da tradição. Nestes livros evita-se de representar Jesus como um pneumático. Ele é nitidamente o portador do Espírito, o que é atestado pelo seu poder e autoridade. Contudo, ele não fala muito a respeito do Espírito, talvez porque seus discípulos não estão preparados para compreender tais coisas até sua obra estar completa. Quando a comunidade experimenta o derramamento do Espírito que a sela como o povo do tempo do fim, ela compreende que isso repousa unicamente na vinda de Jesus e na fé nele. As declarações do Espírito enfatizam sua singularidade, sua posição escatológica, a presença direta de Deus nele (Mt 12.18,28; Mc 1.10). O Espírito é o poder de Deus que possibilita tanto o discurso quanto à ação e ambos estão além dos recursos humanos.¹⁹⁷

Em Lucas-Atos o *pneúma* apresenta múltiplos aspectos. i) A relação do Espírito com Jesus – Esta relação inicia-se no momento da concepção de Jesus, sendo esta uma obra especial do Espírito Santo (Lc 1.26-38). A próxima referência registrada nos evangelhos conta

¹⁹⁴ DUNN, J. D. G. Espírito, Espírito Santo, *pneuma* (parte). In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 718.

¹⁹⁵ LOUW; NIDA, 2013, p. 129.

¹⁹⁶ Bíblia de Jerusalém, p. 1900.

¹⁹⁷ SCHWEIZER, E. *Pneúma*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 248.

o batismo de Jesus, nesta ocasião, os quatro evangelistas narram a descida do Espírito santo. Este acontecimento identifica o marco inicial do ministério de Jesus, aprovado pela afirmação do Pai e pela unção do Espírito. Em Lc 4.1 Jesus é descrito como estando cheio do Espírito, tanto na sua ida ao deserto como em sua saída de lá e no início de seu ministério. A ação do Espírito Santo no ministério de Jesus é também manifestada nas atividades de exorcismo e curas (Lc 11.14-23), pois sua capacitação pelo Espírito era singular. Temos ainda a considerar a ação do Espírito na atividade profética de Jesus, esta declaração é encontrada em Lc 4.21, de que Ele era profeta, e Jesus atribui ao seu ministério o cumprimento de profecias do AT relativas a um amplo ministério cuja ênfase seria a profecia. E por fim, a ação do Espírito Santo na morte e ressurreição de Jesus, apesar de não estar explícito nos evangelhos, o restante do NT é claro a esse respeito e está implícito em At 2.32. Portanto, o Espírito se manifesta primeiramente em Jesus, e por intermédio de Jesus vem à comunidade (At 2.33; 10.14,19).¹⁹⁸ ii) A habitação do Espírito com a comunidade – O Espírito molda a existência da comunidade e enfatiza a união duradoura mediante a habitação do Espírito de Deus, de onde vem o termo “cheio do Espírito” (At 6.3; 11.24) e, este evento repetido retém o aspecto dinâmico (At 4.8; 13.9).¹⁹⁹ O foco das atenções de Lucas quanto à ação do Espírito Santo, é a igreja. O evento de pentecostes foi o marco inicial da existência da igreja cristã, antes dele havia discípulos, mas sem a vinda do Espírito eles ainda não formavam igreja. “O objetivo da vinda do Espírito, segundo At 1.8, é capacitar a igreja para a missão de transmitir as boas-novas para o mundo como testemunhas de Jesus”.²⁰⁰ iii) As manifestações externas do Espírito – No batismo de Jesus se manifestou na forma corpórea como uma pomba; no dia de pentecostes como línguas de fogo sobre a cabeça dos que estavam reunidos no cenáculo (At 2.1ss.); como terremoto em At 4.31. A glossolalia também é uma manifestação externa.²⁰¹ iv) As obras do Espírito – Em Lc 12.10 o Espírito é o poder de Deus nas declarações inspiradas das testemunhas de Jesus; o Espírito capacita os discípulos a falarem em línguas e a profetizarem (At 2.4; Lc 1.41,67); dá poder para pregar. Com a profecia, o Espírito concede outros dons e age também na vida ética da comunidade. “O Espírito outorga os dons (1 Co 12.4ss.) que autenticam a pregação: dons das línguas (At 2.4ss.), dos milagres (At 10.38), da profecia (At 11.27ss.; 20.23), da sabedoria (At 6.3); dá a força de anunciar Jesus Cristo, apesar das perseguições (At 4.8, 31; 5.32)”.²⁰² v) O Espírito como uma característica da era da

¹⁹⁸ DUNN, 2000, p. 721-723.

¹⁹⁹ SCHWEIZER, 2013, p. 248-249.

²⁰⁰ DUNN, 2000, p. 727.

²⁰¹ SCHWEIZER, 2013, p. 249.

²⁰² SCHWEIZER, 2013, p. 249; Bíblia de Jerusalém, p. 1900 (comentário em notas de rodapé).

igreja – O Espírito é o dom absoluto, e em Lc 11.13 temos a promessa de que receberão o Espírito todos aqueles que o pedirem. O Espírito outorga aos crentes dons especiais, capacitando-os a expressar sua fé, numa contínua história de missão. Lucas não atribui especificamente fé, salvação ou obediência ao Espírito, nem mesmo a oração é obra do Espírito. Estas coisas antecedem o recebimento do Espírito, pois este é uma capacitação para realizar tarefas especiais.²⁰³ vi) A recepção do Espírito – O cristão recebe o Espírito no batismo (At 2.38; 9.17,18; 19.2), mas isto não é uma regra, porque o recebimento do Espírito pode ocorrer mesmo antes do batismo (At 10.44ss). Portanto, o batismo não é um meio necessário para se obter o Espírito mas, ele é uma expressão de autoevidência da conversão e, esta por sua vez, sim, está relacionada à concessão do Espírito. Os elementos essenciais para a recepção do Espírito são a oração e a fé.²⁰⁴

Para dar continuidade à propagação do evangelho do Reino de Deus, os discípulos de Jesus necessitavam do Espírito Santo. Lucas já tinha falado duas vezes sobre o envio do Espírito Santo (Lc 24.48; At 1.5), mas para isso eles deveriam esperar em Jerusalém até que esse evento se cumprisse. O envio Espírito Santo é a promessa de Jesus aos seus discípulos, o mesmo seria enviado pelo Pai (Deus), para habitar neles e seria o seu novo mentor, ou seja, ele viria para substituir a Jesus e realizar o seu papel de consolador e ajudador. Além de ser o novo mentor dos discípulos, o Espírito Santo os revestiria de poder, os capacitaria e os converteria em testemunhas de Cristo.²⁰⁵ O que diz respeito a “ser testemunha” veremos na sequência.

A parte seguinte do texto de At 1.8, apresenta a expressão “e sereis minhas testemunhas” (καὶ ἔσεσθέ μου μάρτυρες). O termo ἔσεσθέ (esesthe) é o futuro de εἶμι “sereis” μάρτυς υἱός ὁ testemunha.²⁰⁶

A antiga forma para *mártys* é *márturos*, e encontramos também como *mártyr. ho* ou *he mártys* tem como genitivo *márturos*, como acusativo *mártura* e como dativo plural *mártysi*. E quanto à etimologia, a raiz parece ser *smer*, “ter em mente”, “estar preocupado”. O *mártys* seria alguém que se recorda e pode contar a respeito de alguma coisa, ou seja, seria uma testemunha. O verbo *martyreín* significa “ser uma testemunha”, *martyría* significa “dar

²⁰³ SCHWEIZER, 2013, p. 249.

²⁰⁴ SCHWEIZER, 2013, p. 249-250.

²⁰⁵ BARCLAY, William. *The Acts of the Apostles*. Traducción Dafne Sabanes de Piou. Buenos Aires: Asociación Ediciones La Aurora, 1983.

²⁰⁶ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 661.

testemunho” e *martyrion* significa “testemunho” como prova.²⁰⁷ *μάρτυρες* aparece 32 vezes no NT e destas, 4 vezes nos sinóticos, 14 vezes em Lucas-Atos e 13 vezes em Atos dos Apóstolos.²⁰⁸

Testemunho ou testificar vem do verbo grego *martyréō* e compostos, *mártys*, *martyría*, *martyrion*. “O grego usa frequentemente esse conceito, mas distingue entre *martyría*, o ato de testificar ou o testemunho, e *martyrion*, aquilo que pode servir como evidência ou prova ou o fato estabelecido pela evidência”.²⁰⁹ O substantivo *martyría* significa fazer declarações como testemunha (*mártys*) e suas variações posteriores *mártys* e *martyría*, denotam a confirmação de um fato ou evento.²¹⁰

Em Lucas o testemunho está atrelado a fatos concernentes a Jesus e que são diretamente conhecidos dos discípulos. “Mas esse testemunho só pode ser dado se o sentido dos fatos for apreciado, de modo que o testemunho assume a forma de confissão de fé, uma confissão evangelística”.²¹¹ Como o evangelho é uma revelação histórica, o testemunho de fatos e o testemunho da verdade são a mesma coisa. Aqueles que dão testemunho desses fatos também têm vivido por eles e os tem compreendido (Lc 24.47), e para que o testemunho se torne realmente efetivo é necessário que haja a capacitação necessária pelo Espírito (At 1.8).²¹²

Em Atos é revelado por Lucas, um novo aspecto do conceito de ser testemunha. A palavra *martyréō* é utilizada “no sentido de atestação humana de boa conduta, isto é, para confirmar alguma situação (At 16.2; 22.5, 12), ou do bom nome de alguém (At 6.3, aqueles que cuidavam dos pobres; At 10.22, Cornélio; At 26.5, Paulo)”,²¹³ enquanto *mártys* é empregado em At 6.13 e 7.58 para as testemunhas falsas que foram trazidas para depor contra Estevão, conforme as exigências da lei judaica. O termo *martyría*, que aparece em At 23.11, tem o sentido de “dar testemunho”, ou proclamar a Cristo. No texto de At 4.33 “com grande poder os apóstolos davam testemunho”, o sentido corresponde ao significado de *martyrion*, retomando o conceito de *mártys*, “testemunha”, que também é achado em Lc 24.48 e repetido

²⁰⁷ STRATHMANN, H. Testemunha. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thais Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 626.

²⁰⁸ Lexicon. Disponível em: www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strong=ESV.

²⁰⁹ ELLISON, H.L. Testificar. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 1588.

²¹⁰ TRITES, A. A. Testemunha. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2503.

²¹¹ STRATHMANN, 2013, p. 629.

²¹² STRATHMANN, 2013, p. 629.

²¹³ TRITES, 2000, p.2508.

em At 1.8 na comissão de Cristo. Segundo Lucas, são os apóstolos, os discípulos que foram comissionados por Jesus para a proclamação da mensagem do reino, que são testemunhas.²¹⁴

Diante do que foi investigado sobre a palavra testemunha e suas variações no grupo semântico, constatamos alguns aspectos relevantes a respeito das testemunhas cristãs. O primeiro aspecto é que, uma testemunha é alguém que fala sobre o que sabe ou conhece pessoalmente; o segundo, a testemunha verdadeira não é somente testemunha de palavras, mas também de atos; e o terceiro aspecto, a testemunha deve estar disposta a ser fiel, a qualquer custo, mesmo que seja preciso morrer pela posição que sustenta.

Atos 1.8 é um texto que apresenta uma sequência de eventos que estão por acontecer. Os discípulos seriam capacitados pelo poder do Espírito, se tornariam testemunhas de Cristo, e o início da missão deveria ser em Jerusalém, passando pela Judeia e Samaria e estendendo-se até os limites da terra. A missão dos discípulos está dividida em três etapas e estas formam a estrutura geográfica do livro de Atos.

Na expressão *ἐν τε Ἱερουσαλήμ* – “tanto em Jerusalém”, *Ἱερουσαλήμ ἡ* é indeclinável, e neste caso é dativo.²¹⁵ A missão dos discípulos deveria iniciar primeiramente em Jerusalém, onde Jesus foi crucificado, ressuscitou e ascendeu ao céu. A cidade de Jerusalém era o centro religioso judaico, isto se dá pelo fato do templo estar lá, sendo este o local onde o povo se reunia para prestar culto a Deus e oferecer sacrifícios. Jerusalém e o templo eram os pontos de referência para adoração do judaísmo. Esta é a primeira etapa do processo de expansão da igreja cristã, cujo berço é Jerusalém (At 2.1-8.1a).

Καὶ ὅ[εν] πάση τῇ Ἰουδαίᾳ (e em toda a Judéia), Nome grego-romano para Judá, esta região fica ao sul da Palestina, também conhecida como palestina ocidental, é a região mais amplamente ocupada pelo povo judeu (At 10.37; 26.20).²¹⁶ “Estritamente falando, indica a região mais sulista das três divisões tradicionais da Palestina antiga. As outras duas eram Samaria (ao centro) e Galiléia (ao norte).²¹⁷

Καὶ Σαμαρείᾳ (e Samaria), uma região na parte central da Palestina,²¹⁸ território entre a Judéia e a Galiléia, mais precisamente ao norte de Jerusalém. Os samaritanos se diferenciam dos judeus tanto cultica quanto etnicamente; para os judeus ortodoxos, relacionar-se com eles era tão proibido quanto relacionar-se com pagãos/gentios.²¹⁹ De acordo

²¹⁴ COENEN; BROWN, 2000, p. 2509.

²¹⁵ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 661.

²¹⁶ LOUW; NIDA, 2013, p.743.

²¹⁷ CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 3. p. 629.

²¹⁸ LOUW; NIDA, 2013, p.746.

²¹⁹ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 661.

com o livro de Atos, depois da dispersão provocada pela perseguição, Filipe pregou sobre Cristo numa cidade em Samaria, onde o povo recebeu sua mensagem com grande alegria. Quando os apóstolos de Jerusalém ficaram sabendo que Samaria havia aceito a palavra de Deus, enviaram a Pedro e João que oraram para os samaritanos também receberem o Espírito Santo. A partir desse evento o evangelho foi pregado em diversas vilas samaritanas, difundindo-se amplamente.²²⁰

Καὶ ἕως ἑσχάτου τῆς γῆς (e até os confins da terra), *ἑσχατος* aqui substantivo. (τὸ) *ἑσχατον* (o) fim; *ἕως ἑσχάτου τῆς γῆς* até o fim do mundo, até as extremidades da terra.²²¹ Outra definição de *ἑσχατος* é, relativo a ser o último numa série de objetos ou acontecimentos – “último, final, finalmente”.²²² Em termos de uso geral, esta palavra é empregada para aquilo que é material (Mt 5.26), espacial (At 1.8) ou temporal (Mt 12.45).²²³ A palavra *ἑσχάτου* aparece 49 vezes no NT e destas, 17 vezes nos sinóticos, 8 vezes em Lucas-Atos e 3 vezes em Atos dos Apóstolos.²²⁴

A força do Espírito, o testemunho, a abertura universalista são os três componentes essenciais da experiência ideal de igreja, que Lucas pretende delinear.

O Espírito, dom do ressuscitado, que habilita os apóstolos a serem garantes autorizados e dignos de fé, os liberta ao mesmo tempo do provincianismo judaico e das limitações étnico-culturais. Mesmo respeitando o ritmo da história que amadureceu no âmbito hebraico e palestinese, o caminho salvífico, sob o impulso do Espírito, abre-se a novos percursos, até atingir dimensões que coincidem com as da humanidade. Na realidade, esta é a realização das promessas proféticas, das quais a grande escola de Isaías se fez porta-vos: de Jerusalém sairá a palavra do Senhor, mas para ser oferecida a todos os povos da terra (Is 2.3); e Israel, mesmo como servo fiel, levará a salvação de Deus até a extremidade da terra (Is 49.6).²²⁵

1.6 Tradução Final

⁶Então, os reunidos perguntavam a ele dizendo: Senhor, será este o tempo em que estás restaurando o reino para Israel? ⁷E disse para eles: Não pertence a vocês conhecer tempos ou datas que o Pai estabeleceu com sua própria autoridade, ⁸mas receberéis poder

²²⁰ LAWRENCE, Paul. *Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia*. Tradução Susana Klassen e Vanderlei Ortigoza. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 149.

²²¹ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 661.

²²² LOUW; NIDA, 2013, p. 544.

²²³ KITTEL, G. *éschatos*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 291.

²²⁴ Lexicon. Disponível em: www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strong=ESV.

²²⁵ FABRIS, 1991, p. 52.

descendo o Espírito Santo sobre vocês e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até a extremidade da terra.

1.7 Considerações finais

Após o desenvolvimento de cada passo metodológico na realização desta exegese percebemos a riqueza e a amplitude que este texto possui. Com a exploração e análise das principais palavras gregas do referido texto, passamos a ter uma visão mais nítida do contexto histórico, social e religioso da época em que o mesmo foi escrito. Este estudo possibilitou uma maior clareza dos significados dos termos empregados no texto, auxiliando de forma significativa na compreensão do mesmo, além de nos fornecer subsídios para avançarmos mais em alguns deles como é o caso da *dýnamis* e do *pneuma*.

Num aspecto geral o texto de At 1.6-8, assim como os evangelhos, enfatiza a missão dos cristãos, a ordenança de Cristo de ir por todo o mundo e pregar o evangelho a toda à criatura. Esta incumbência foi dada inicialmente aos discípulos de Cristo, os quais foram por Ele treinados e ensinados para darem continuidade ao ensino que o mestre iniciou. Depois esta comissão foi estendida a todos aqueles que viessem a receber a Cristo como senhor e salvador de suas vidas.

A missão dos cristãos consiste em testemunhar daquilo que se viu e ouviu da parte de Cristo. Os discípulos foram testemunhas oculares dos ditos e dos feitos de Jesus, enquanto os que vieram depois, que não viram Jesus pessoalmente, são testemunhas de fatos que experimentaram em suas vidas. A vontade de Deus é que a mensagem cristã seja pregada por toda a extremidade da terra, de mar a mar, e para que isto ocorra às testemunhas de Cristo devem estar revestidas do poder do Espírito Santo e, a partir disso iniciem a propagação do evangelho em Jerusalém e o levem além das fronteiras da Palestina, até os confins da terra. Os discípulos de Jesus cumpriram com a grande comissão, levando a mensagem cristã por todo o mundo mediterrâneo até chegar a Roma. Agora cabe a igreja cristã universal completar essa missão, conquistando o mundo.

2 PNEUMA HÁGION – O AGENTE CAPACITADOR

O Espírito Santo é o agente que capacita para a realização de várias tarefas e funções. Ele é o mediador que faz com que o propósito de Deus se realize. Na antiga aliança, diversas tarefas e funções foram atribuídas ao Espírito Santo, sendo por isso descrito como iluminador, potencializador e capacitador.²²⁶ Neste capítulo abordaremos o Espírito Santo como agente que capacita pessoas para dar continuidade a missão iniciada por Jesus Cristo. Esta ação de capacitação pelo Espírito Santo tem seu início no dia de Pentecostes, quando desceu sobre todos os que estavam reunidos no mesmo lugar, em algum lugar em Jerusalém.²²⁷

Iniciaremos este capítulo com uma seção que abordará o Espírito Santo na concepção de Lucas; a segunda seção irá tratar sobre o Espírito Santo na era pré-cristã (Lucas 1-2), pois nesse período Deus voltou a falar com seu povo por meio dos seus profetas os quais foram cheios do Espírito Santo, preparando o ambiente para a vinda do Messias; a terceira seção irá tratar da relação de Jesus com o Espírito Santo e por fim, teremos uma seção que abordará o surgimento de uma comunidade do Espírito.

2.1 O Espírito Santo na concepção Lucas

O *πνεύμα ἁγίου* (Espírito Santo) é o agente principal do nosso estudo, diante disso faz-se necessária uma explanação mais apurada sobre o mesmo, e o enfoque maior desta explanação será dada a partir da concepção do evangelista Lucas sobre o Espírito Santo em suas obras Lucas-Atos. A expressão *πνεύμα ἁγίου* é uma junção de duas palavras gregas que significa Santo Espírito ou, como habitualmente usado, Espírito Santo.²²⁸

No evangelho de Mateus o termo *pneuma* designa força vital (Mt 27.50), isto é, que dá vida nova. “Jesus é nascido do Espírito Santo (Mt 1.18) e é batizado no Espírito Santo (Mt 3.16). Pela força desse mesmo Espírito vence o demônio (Mt 4.1) e uma vez morto e ressuscitado, envia os discípulos a anunciar a notícia de tal evento a todas as nações pelo

²²⁶ WILLIAMS, J. R. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Tradução Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.

²²⁷ A bíblia não especifica qual era o lugar, alguns historiadores dizem que foi num cenáculo, numa sala no 2º piso.

²²⁸ O Espírito se chama santo, porque é o Espírito de Deus, santo por essência, assim como seu nome é santo (Am 2.7), e sua palavra (Jr 23.9), de maneira que “espírito santo” significa propriamente “Espírito divino” (Ex 31.3). A expressão Espírito Santo substituiu a expressão veterotestamentária “espírito de Iahweh”, provavelmente porque os judeus evitavam cada vez mais pronunciar o santo nome de Iahweh e de Elohim (BOFF, 1996, p. 72).

Espírito Santo” (Mt 28.19).²²⁹ É também usado para representar o poder de Deus na realização de atos especiais. Mateus equipara o poder do Espírito em exorcismos com a presença do Reino (Mt 12.28), e as curas realizadas por Jesus são vistas como denotando o despertar para o tempo do fim (Mt 12.18).

No evangelho de Marcos *pneuma* tem um valor antropológico acentuado, principalmente nas passagens que indicam a sede das percepções e dos sentimentos de Jesus (Mc 2.8; 8.12). Marcos, assim como Mateus, usa o termo *pneuma* para designar o poder de Deus para realizar atos especiais. Outra característica segundo a abordagem de Marcos, o Espírito tem o mesmo valor da Escritura (Mc 12.36) e que está ativo no presente (Mc 13.11), onde a fala do Espírito é um sinal do auxílio de Deus no momento da adversidade.²³⁰

Quanto à dotação de Jesus com o Espírito, Marcos diz que o batismo de Jesus está acima do chamado profético, sendo confirmado pela pomba e pela voz celestial, e assim, dando início à nova era de Deus, a era do Reino.²³¹

O evangelista Lucas tem um interesse especial pelo Espírito Santo, sendo destacado neste evangelho desde o início. Lucas atribuiu ao *pneuma* a capacitação para realizar alguma tarefa determinada por Deus, ele é o poder vivificante de Deus para realização de atos divinos.²³² Neste evangelho, *pneuma* aparece como Espírito profético na vida de João Batista, como Espírito de revelação e guia para Simeão, como poder na concepção original de Jesus, atuando na concretização da encarnação; e de uma forma abundante e ativa durante todo o ministério de Jesus, como força propulsora para a realização de sua missão.²³³

Na obra lucana o termo *pneuma* tem dupla aplicação: de modo geral é utilizado para designar a ação do espírito de Deus em Jesus como pessoa; e para falar da ação desse mesmo Espírito doado no dia de Pentecostes aos seguidores de Jesus que estavam reunidos em Jerusalém, como também da ação do Espírito nas comunidades nascidas a partir desse evento, Lucas emprega o termo Espírito.²³⁴

No livro de Atos, o Espírito Santo possui lugar de destaque, e é neste livro, o único lugar na bíblia onde ele é chamado de Espírito de Jesus (At 16.7) e que está sujeito a Jesus. O Espírito testifica de Jesus e preenche o Seu lugar, mas não é a figura central do livro de atos, e

²²⁹ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Obra de Lucas-Atos*: para uma teologia do Espírito. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 21-22.

²³⁰ SCHWEIZER, 2013, p. 247.

²³¹ SCHWEIZER, 2013, p. 247.

²³² SCHWEIZER, 2013, p. 248.

²³³ MORRIS, Leon L. *Lucas*: Introdução e comentário. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2011. p.43.

²³⁴ BOFF, 1996, p.22.

sim Cristo.²³⁵ “Em nenhum outro lugar no Novo Testamento esta frase é usada. O Espírito Santo é o Espírito de Jesus (At 16.7) muito provavelmente porque o Espírito ungiu Jesus no rio Jordão (Lc 3.22) e esteve ativo no seu ministério terreno (Lc 4.1,18,19)”.²³⁶ Para Lucas o Espírito de Jesus e Espírito Santo são os mesmos. Isso fica claro porque o Espírito Santo é referido no contexto imediato como o Espírito de Jesus. A designação do Espírito Santo como o Espírito de Jesus é muito significativo, porque Lucas reconheceu a importância da operação do Espírito no ministério terrestre de Jesus, e através do Senhor exaltado o Espírito é enviado para equipar a igreja para o ministério.²³⁷

Para Bruner, o Espírito Santo é o Espírito de Cristo que possui a tarefa de dar continuidade o que Cristo começou a fazer e a ensinar em carne humana, e agora continua na sua nova humanidade, a igreja, como temos o registro em Atos. Podemos muito bem entender que o ministério de Jesus foi levado a efeito por intermédio do Espírito Santo.²³⁸

“Escrevi o primeiro livro, ó Teófilo, relatando todas as coisas que Jesus começou a fazer e a ensinar até ao dia em que, depois de haver dado mandamentos por intermédio do Espírito Santo aos apóstolos que escolhera, foi elevado às alturas”(At 1.1-2).

Bruner entende que o significado dessa referência inicial ao Espírito no livro de Atos “é que o próprio Jesus é o sujeito da obra do Espírito na história”.²³⁹ O texto introdutório de Lucas, de uma forma contundente, quer vincular a obra de Jesus com o ministério do Espírito Santo. “O que Jesus fez, ou continua a fazer, era e é por intermédio do Espírito Santo”.²⁴⁰ Na narrativa de Lucas a obra de Jesus estará sempre associada ao Espírito Santo, o que fica claro na primeira frase por ele escrita, e a obra do Espírito Santo, por sua vez, é a extensão do ministério iniciado pelo próprio Senhor Jesus.²⁴¹

Portanto, com a análise do uso da expressão Espírito Santo no Evangelho de Lucas e no livro de Atos dos Apóstolos pode-se dizer que o autor destas obras emprega a expressão (*πνεῦμα ἁγίου*) para descrever a capacitação de pessoas para realizarem determinadas ações segundo o propósito de Deus. Jesus mesmo sendo filho de Deus recebeu o Espírito Santo como forma de capacitação, pois Ele foi “cheio do Espírito”, Ele era conduzido e guiado pelo

²³⁵ ZABATIERO, Júlio P. T. Espírito. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p.726.

²³⁶ ARRINGTON, French L. Atos dos Apóstolos. In: ARRINGTON, French L.; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. Tradução Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. v. 1, p. 717.

²³⁷ ARRINGTON, 1988. p. 166.

²³⁸ BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito santo*. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 141.

²³⁹ BRUNER, 2012, p. 141.

²⁴⁰ BRUNER, 2012, p. 141.

²⁴¹ BRUNER, 2012, p. 142.

Espírito e, enviou em missão seu discípulos no poder do Espírito Santo (Lc 10.1-12). E por meio de Jesus o Espírito Santo vem à comunidade, tendo sido derramado abundantemente no dia de Pentecostes, quando se cumpriu a profecia de Jesus de que Ele enviaria a promessa do Pai e seriam revestidos de poder do alto. A partir de Pentecostes o Espírito Santo passa a habitar naquele que o recebe, como um dom sobrenatural e genuíno, assim como habitou em Jesus. Este derramamento do Espírito Santo ocorreu em virtude do cumprimento da profecia de Jesus e para capacitar seus seguidores com poder e autoridade para darem continuidade a missão que Jesus iniciou, tanto em palavras como em obras. A ordem de Jesus aos discípulos é que sua missão deveria alcançar toda a humanidade, isto é, ela deveria chegar até os confins da terra.²⁴²

Em Atos, o Espírito Santo é o agente capacitador. Esta experiência teve início em Pentecostes e é descrita de várias formas no transcorrer da obra lucana. Ela pode ser descrita como um batismo (At 1.5); uma vinda (At 1.8); um enchimento (At 2.4); um derramamento (At 2.33); um recebimento (At 2.38) e uma queda (At 11.15). Nestas formas de capacitação percebemos a dinamicidade e a complexidade com que o Espírito age, não atuando de forma estática e linear, pois ele age onde quer e como quer. Contudo, na dinâmica da experiência da capacitação pelo Espírito, há um ponto central e comum em todas as suas formas de atuação, que é a intensidade com que os discípulos experimentam a presença do Espírito Santo. Esta evidência é narrada em cada nova manifestação do Espírito no decorrer do livro de Atos dos Apóstolos.²⁴³

Lucas se diferencia em relação a Mateus e Marcos, quanto ao uso da expressão (*πνεύμα ἁγίου*). Nestes evangelhos as declarações acerca do Espírito Santo ocorrem com baixíssima frequência, o que dá apoio a fidelidade da tradição. Há uma certa resistência de representar Jesus como um pneumático, assim como Lucas o apresenta. Apesar de Jesus demonstrar claramente que é portador do Espírito, por meio da sua autoridade e poder, Ele não fala muito sobre o Espírito, talvez porque seus discípulos não estavam preparados para compreender tais coisas até que sua obra esteja completa. Mateus e Marcos possuem uma referência mais cristológica e “o Espírito Santo é o poder de Deus que possibilita discurso e ação que estão além dos recursos humanos. Os fenômenos do Espírito estão subordinados à compreensão de que a era messiânica despontou”.²⁴⁴ Além disso, o uso de Lucas também se diferencia em relação ao uso de João. O ensino joanino sobre o Espírito possui forte ênfase na

²⁴² MORRIS, Leon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de: Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003. p. 230, 231.

²⁴³ ARRINGTON, 2012, p. 302.

²⁴⁴ SCHWEIZER, 2013, p. 248.

sabedoria, que tem claramente suas raízes na concepção judaica de Espírito da profecia. João apresenta o Espírito Santo como *paráclito*, aquele que viria no lugar de Jesus como ajudador, advogado, mestre e revelador. Neste evangelho o Espírito Santo representa nitidamente uma pessoa, um personagem substitutivo, o qual conduz a pneumatologia na direção do trinitarismo.²⁴⁵

2.2 O Espírito Santo na era pré-cristã

O Espírito Santo estava ativo e em conexão com o ministério de Jesus. Este fato é notável desde o momento de sua concepção, pois foi gerado pelo Espírito Santo, e quando Jesus estava para iniciar seu ministério, há diversas referências ao Espírito Santo relacionadas a Ele. Por ocasião do seu batismo, o Espírito Santo veio sobre Ele “em forma corpórea como pomba” (Lc 3.22) e este mesmo Espírito o encheu e o guiou para o deserto para ser tentado. Após o término do período no deserto, onde fora tentado por satanás, Jesus regressou “no poder do Espírito” para a Galiléia, dando início ao seu ministério público. No entanto, é numa sinagoga em Nazaré, que Ele realiza sua primeira exposição pública, ali Jesus faz a leitura do texto do profeta Isaías 61.1,2, que trata a respeito da sua missão com Messias. Durante o ministério de Jesus propriamente dito, Lucas não faz muitas menções à respeito do Espírito Santo, há uma menção em Lc 10.21, quando Jesus exulta no Espírito, o que nos faz entender que o Espírito estava continuamente com Ele. Depois da ressurreição Jesus disse: “Eis que envio sobre vós a promessa do meu Pai” e assegurou aos seus discípulos de que seriam capacitados ao serem “revestidos de poder do alto” (Lc 24.49), fazendo uma clara referência à vinda do Espírito Santo.²⁴⁶

2.2.1 O Espírito Santo na narrativa da infância de Jesus no evangelho de Lucas

O Espírito Santo é associado com os acontecimentos imediatamente anteriores ao nascimento de Cristo e relacionados com o mesmo (Lc 1.15,35,41), com o próprio nascimento, e com acontecimentos imediatamente subsequentes (Lc 2.25-27).²⁴⁷ Neste período temos o registro de algumas pessoas que são descritas como capacitadas pelo Espírito

²⁴⁵ TURNER, M. M. B. Espírito Santo I: Evangelhos. In: REID, Daniel G. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Márcio L. Redondo, Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 487.

²⁴⁶ MORRIS, 2011, p. 43,44.

²⁴⁷ WALTERS, G. Espírito Santo. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 547.

Santo e que cumpriram diferentes papéis.²⁴⁸ E somente Lucas, dentre os escritores dos evangelhos sinóticos, apresenta de forma mais detalhada esta atuação do Espírito Santo, como atividade profética em torno da pessoa do Messias.²⁴⁹

“A prova da natureza escatológica do Espírito restaurado ao povo de Deus aparece nos aspectos singulares da descrição de João Batista como profeta”.²⁵⁰

Pois ele será grande diante do Senhor, não beberá vinho nem bebida forte e será cheio do Espírito Santo, já do ventre materno. E converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado (Lc 1.15-17).

João foi um personagem extraordinário, com um dom incomum mas com uma função importantíssima a desempenhar: a de preparar o caminho para a vinda do Senhor. Um último ponto e de suma importância é, que o propósito do dom do Espírito Santo a João era dirigido para além dele, não tinha relação com sua salvação ou edificação, mas com sua missão, a de preparar “um povo para o Senhor”. E para efetuar tão grande tarefa João foi provido como nenhum outro, ele foi cheio do Espírito Santo desde antes do seu nascimento.²⁵¹

Nos voltemos para Maria, a mãe de Jesus. Neste caso se manifesta um exemplo supremo do poder capacitador do Espírito Santo e também a natureza escatológica do Espírito restaurado a Israel:²⁵² “Descerá sobre ti o Espírito Santo, e o poder do Altíssimo te envolverá com a sua sombra; por isso, também o ente santo que há de nascer será chamado Filho de Deus”(Lc 1.35). Portanto, neste nascimento nenhum pai humano seria envolvido, esta seria uma obra exclusiva do Espírito Santo, a *dymanis* vinda do alto. Também neste caso, a ação capacitadora e potencializadora do Espírito Santo está unicamente atrelada ao fato de Maria ser a mãe do Senhor e não há nenhuma relação com a própria salvação ou sua santificação. A atividade do Espírito Santo tinha um propósito específico com sua vida.²⁵³

Neste mesmo sentido temos a atividade do Espírito Santo na vida de Isabel. Em Lc 1.41,42, encontramos a narrativa onde percebemos a ação do Espírito Santo na vida de Isabel, ela estava no sexto mês de sua gravidez quando foi visitada por Maria sua prima, e ao receber sua saudação ficou cheia do Espírito Santo e como consequência disso irrompeu em alegria e louvor pelo fato de estar recebendo a visita da mãe do salvador. Esse enchimento do Espírito,

²⁴⁸ WILLIAMS, 2011, p.494.

²⁴⁹ TURNER, 2012, p. 477.

²⁵⁰ TURNER, 2012, p. 477.

²⁵¹ WILLIAMS, 2011, p. 495.

²⁵² TURNER, 2012, p. 477.

²⁵³ WILLIAMS, 2011, p. 595.

apesar de caráter profundo, foi momentâneo, acontecendo numa situação de extraordinário significado espiritual. Semelhante fato ocorreu com Zacarias, marido de Isabel, ele experimentou um enchimento do Espírito Santo e profetizou a cerca da nação de Israel anunciando a segurança de salvação (Lc 1.67). Tanto Isabel quando Zacarias foram capacitados pelo Espírito Santo para um propósito, de reconhecimento da mãe do salvador por Isabel e de profetizar a salvação a nação de Israel por Zacarias.²⁵⁴ Por fim, Simeão homem “justo e piedoso, e que esperava a consolação de Israel” (Lc 2.25), e o Espírito Santo estava sobre ele e pelo mesmo Espírito recebe a revelação de que não morreria antes de ver o Cristo (Lc 2.26), recebe ainda direção, pois foi movido pelo Espírito à ir ao templo (Lc 2.27) e lá encontrou o Cristo do Senhor com seus pais e profetiza que Jesus viria causar a queda e o soerguimento de muitos em Israel. Assim, Simeão foi capacitado por meio do Espírito a perceber tanto a alegria quanto a dor que estavam por vir.²⁵⁵

As narrativas acima citadas apresentam características peculiares as quais merecem ser mencionadas e são importantes dentro do nosso estudo. A primeira característica é o caráter religioso de todos que foram ativados pelo Espírito Santo. As cinco pessoas mencionadas eram representantes da mais elevada integridade de caráter e justiça, humildade e devoção são o pano de fundo para a atuação do Espírito Santo. A segunda característica dessas narrativas é que cada exemplo de atividade do Espírito Santo apresenta uma capacitação sobrenatural para um propósito específico, quer para proferir a Palavra de Deus, preparando o caminho de Cristo, quer para a geração do filho de Deus, é a ação do Espírito Santo nessas narrativas variadas, capacitando pessoas para realizarem o propósito de Deus. A terceira e última característica, é quanto ao tempo da ação do Espírito nessas pessoas, com exceção de João a ação do Espírito foi temporária e ocasional, não há nenhuma sugestão na narrativa de que esse tenha sido um dom permanente do Espírito, mas foi dado por um momento para tornar possível um atividade fim.²⁵⁶

Nestes exemplos não temos ainda a habitação do Espírito Santo na vida das pessoas, a habitação do Espírito Santo passa a ocorrer somente a partir do seu derramamento no dia de Pentecostes, quando fora enviado por Jesus, como seu substituto para dar continuidade a sua prática. A partir de então o Espírito está disponível a todas as pessoas. Contudo, temos duas exceções em se tratando de habitação do Espírito Santo nas pessoas, antes da vinda do Espírito no dia de Pentecostes. Estas exceções serão mencionadas brevemente: o primeiro

²⁵⁴ WILLIAMS, 2011, p. 496.

²⁵⁵ WILLIAMS, 2011, p. 497.

²⁵⁶ WILLIAMS, 2011, p. 497.

caso é o de João Batista, que foi cheio do Espírito Santo desde sua infância e durante todo o seu ministério²⁵⁷, o tempo de permanência do Espírito Santo sobre João não foi temporário nem ocasional, a narrativa não permite maiores conclusões, mas isso ocorreu devido sua atividade ministerial ter um período maior. A segunda excessão é o Senhor Jesus, após ser batizado por João Batista no rio Jordão o Espírito Santo pousou, desceu sobre Jesus e passou a habitá-lo e capacitá-lo para a sua missão.²⁵⁸ A evidência maior, quanto a habitação do Espírito Santo na pessoa, está em Jesus Cristo, porque Ele não era apenas cheio do Espírito Santo, mas até seu ser era atribuído ao Espírito. Há uma estreita relação entre o Espírito Santo e o reino de Deus, pois o reino de Deus foi iniciado por Jesus no poder do Espírito, e para dar continuidade a tarefa que Cristo começou a fazer em carne humana, deve agora ser continuada pelos seus seguidores, como temos o registro em Atos.

2.3 Jesus e o Espírito Santo

Lucas retrata Jesus, no início do seu ministério público, exclusivamente como homem do Espírito. João Batista é aquele que prepara o caminho para Jesus, que, como ele mesmo diz, “mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Lc 3.16).

Aquele que batizará com o Espírito Santo deve ser ungido pelo Espírito. Jesus tornou-se o Cristo, o Ungido. Ele possui o Espírito, está sujeito à condução do Espírito e conta com a capacitação do Espírito (Lc 4.1,14). O relato que Lucas faz do ministério público de Cristo, começando com o batismo até o Dia de Pentecostes, retrata-o como o Cristo carismático - o único portador do Espírito.²⁵⁹

2.3.1 A ação do Espírito Santo na vida de Jesus

Em três ocasiões distintas, Lucas narra a presença e o poder do Espírito Santo dando proeminência a estas manifestações na vida de Jesus: A primeira manifestação é no seu batismo (Lc 3.21,22); a segunda, na tentação (Lc 4.1-13) e por fim, no sermão em Nazaré (Lc 4.14-30), estas três ocasiões marcam o início do seu ministério público.

²⁵⁷ Neste estudo utilizaremos a palavra ministério para designar as missões desempenhadas (anunciação do reino de Deus, convite ao arrependimento, ensino, curas, operações de sinais e maravilhas) tanto por João Batista quanto por Jesus Cristo durante as suas vidas.

²⁵⁸ TURNER, 2012, p. 478.

²⁵⁹ ARRINGTON, French L. Lucas. In: ARRINGTON, French L.; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal*: Novo Testamento. Tradução Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. v. 1, p. 301.

No batismo, “o Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea, como uma pomba” (Lc 3.22).²⁶⁰ Este simbolismo utilizado por Lucas é novo, visto que a pomba não era um símbolo aceito como representante do Espírito Santo na cultura judaica, mas sim representava Israel. Por outro lado, não há dúvida de que se trata de um simbolismo cristão primitivo, cuja origem não está nas culturas judaica ou helenista. Lucas é o único evangelista que diz que a descida do Espírito Santo ocorrera enquanto Jesus estava orando. Portanto, Jesus não recebeu o Espírito Santo por ocasião do batismo²⁶¹ realizado por João Batista, mas sim, logo depois dele.²⁶² Para Lucas este é um momento importante, porque é a iniciação do Messias em sua função e o interesse maior dos evangelistas é de apontar para a dignidade messiânica de Jesus, e este como portador do Espírito. A manifestação do Espírito após o batismo de Jesus, como podemos ver no texto de Lc 3.21,22, se dá acompanhada da palavra, como já tinha acontecido no momento da sua concepção (Lc 1.35). Nesta ocasião a palavra é o testemunho do Pai ao Filho: “Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo” (Lc 3.22b), esta declaração confirma Jesus como Messias. A descida do Espírito, que habilita Jesus para seu ministério é também a revelação de sua identidade de Filho de Deus.²⁶³

O batismo de Jesus, portanto, marca uma etapa decisiva na história da salvação por duas razões: porque Jesus, ao tomar consciência de sua vocação, abre-se ao desígnio do Pai e entra em estreita relação com o Espírito para realizar a sua missão. Neste sentido, Jesus é chamado a viver e a realizar as exigências do batismo, e o faz na força do Espírito que recebe de Deus; porque este acontecimento oferece a comunidade de fé a compreensão e o aprofundamento do seu próprio ministério, à luz do ministério de Jesus.²⁶⁴

Este ato, a manifestação física do Espírito Santo, foi seguido pelo ato de Jesus ser conduzido pelo Espírito ao deserto para ser tentado.²⁶⁵ Mateus e Marcos também ligam a tentação no deserto com o fato de Jesus ter recebido o Espírito (Mt 4.1; Mc 1.12), mas só Lucas descreve Jesus como “cheio do Espírito Santo” (Lc 4.1) e também diz que Jesus foi guiado pelo Espírito ao deserto. No deserto Jesus experimenta três tentações específicas. A primeira está relacionada as suas necessidades físicas, “Disse-lhe, então, o diabo: Se és o Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão” (Lc 4.3); a segunda tentação é a oferta de autoridade, domínio sobre os reinos da terra, “Disse-lhe o diabo: Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser” (Lc

²⁶⁰ ARRINGTON, 2012, p. 301.

²⁶¹ Jesus recebeu o batismo de João Batista para se identificar com os pecadores, porque o batismo de João é batismo para remissão de pecados, e Jesus como filho de Deus não tem pecado do qual deva se arrepender.

²⁶² MORRIS, 2011, p. 95.

²⁶³ BOFF, 1996, p. 24.

²⁶⁴ BOFF, 1996, p. 25.

²⁶⁵ “Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi guiado pelo mesmo Espírito, no deserto” (Lc 4.1).

4.6); e a terceira tentação está relacionada a comprovação da verdade da promessa de Deus, “e disse: Se és o Filho de Deus, atira-te daqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem” (Lc 4.9,10).²⁶⁶

A intenção de Lucas, por meio da narrativa da tentação de Jesus, é mostrar que Ele é um vencedor das seduções do Maligno, vencendo no poder do Espírito, pois “ao enfrentar o Maligno, Jesus experimenta a presença do Espírito, que age para tornar presente o Reino de Deus e eliminar tudo aquilo que não faz parte deste Reino”.²⁶⁷ Quer deixar claro também, que a vitória sobre o Maligno é alcançada pelo “dedo de Deus” ou o Espírito de Deus (Lc 11.20).²⁶⁸

Após 40 dias no deserto, Jesus regressou “no poder do Espírito” para a galiléia (Lc 4.14), sua permanência no deserto se caracteriza por um encontro contínuo com o Espírito de Deus (Lc 4.1), gerando a plenitude da força do Espírito com essa relação.²⁶⁹ “Em Lucas, porém, Jesus é descrito como “Cheio do Espírito”, tanto em sua ida para o deserto como em sua saída de lá e início de suas tarefas ministeriais. Isto vem ensinar que todo o ministério de Jesus foi levado a efeito no poder do Espírito Santo, conforme Lc 4.14”.²⁷⁰ Neste período em que Jesus esteve no deserto, e foi tentado por satanás, Lucas trata essa experiência como uma forma de capacitação de Jesus para o ministério pelo Espírito Santo.²⁷¹

A capacitação de Jesus se dá pela ação do Espírito manifestada na forma de poder atual (*dynamis*), e de poder potencial (*exousía*). Estas palavras são usadas por Lucas de forma peculiar e possuem vínculo estreito entre si. Jesus dá provas da atuação, tanto da *dynamis* quanto da *exousía*,²⁷² como elementos do Espírito: “no plano profético, ensinando nas sinagogas dos judeus (Lc 4.15,31); no plano operativo, abrindo luta contra os espíritos maus que possuíam homens e mulheres indistintamente (Lc 4.33-35)”.²⁷³

Depois de retornar a Galiléia, Jesus lê Isaías 61.1,2 como texto para o seu sermão inaugural num culto na sinagoga (Lc 4.18,19). Ele anuncia à congregação que essa profecia foi cumprida nos que a ouviram naquele momento. Em outras palavras, Jesus entende que a descida do Espírito o ungiu como o Messias para um ministério

²⁶⁶ ZABATIERO, 2000, p. 722.

²⁶⁷ BOFF, 1996, p. 26.

²⁶⁸ BOFF, 1996, p. 26.

²⁶⁹ BOFF, 1996, p. 26.

²⁷⁰ ZABATIERO, 2000, p. 722.

²⁷¹ ARRINGTON, 2012, p. 301.

²⁷² Sobre *dynamis* e *exousía* ver capítulo 1- A Promessa da Capacitação - onde estes termos foram trabalhados com mais profundidade.

²⁷³ BOFF, 1996, p. 27.

carismático e profético na ordem do ministério dos profetas do AT, como Elias e Eliseu.²⁷⁴

O texto de Lucas 4.14-22, apresenta o programa missionário de Jesus antes do início efetivo do seu ministério. Neste relato percebemos o profundo significado da atuação do *pneuma* na missão de Jesus. O *pneuma* é e sempre será o Espírito Santo com o qual Jesus é ungido e enviado. A unção de Jesus tem relação estreita com os pobres, pois a estes Jesus vem anunciar a libertação da opressão que são submetidos e resgatar-lhes a dignidade, a esperança e a alegria que sempre buscaram.²⁷⁵

Com sua apresentação na sinagoga de Nazaré, Jesus torna realidade aquilo que a seu respeito está escrito no profeta Isaías 61.1,2, e assim também inaugura o tempo messiânico, a era definitiva da salvação inaugurada pelo Espírito, que unge e envia Jesus a anunciar a libertação à todos. A passagem que nos faz compreender a unção de Jesus com o Espírito Santo, e que é de suma importância nesta discussão, está no segundo livro de Lucas, Atos dos apóstolos onde diz:²⁷⁶ “tendo começado desde a Galiléia, depois do batismo que João pregou, como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele” (At 10.37b,38).

Os demais evangelhos também associam o Espírito Santo com a vida e ministério de Jesus mas, o registro de Lucas sobre a atividade do Espírito é distinto. Ele destaca em suas obras que a unção, condução e capacitação do Espírito são as marcas do ministério de Cristo e que este modelo de ministério deve ser imitado pela igreja, se esta quer ser fiel à sua missão.²⁷⁷

2.3.2 A ação do Espírito Santo no ministério de Jesus

O ministério de Jesus é presidido pelo Espírito Santo, e através das palavras, dos gestos, e das obras que Ele realiza entre seu povo, Jesus comunica-lhes este mesmo espírito.²⁷⁸ A missão de Jesus, segundo Lc 4.18,19, é de evangelizar os pobres economicamente e os pobres de espírito; proclamar a remissão aos presos; restaurar a saúde física e espiritual; por em liberdade àqueles que estão oprimidos e por fim, anunciar o

²⁷⁴ ARRINGTON, 2012, p. 301.

²⁷⁵ BOFF, 1996, p. 28.

²⁷⁶ BOFF, 1996, p. 29.

²⁷⁷ ARRINGTON, 2012, p. 301.

²⁷⁸ BOFF, 1996, p. 31.

evangelho a todas as pessoas. Esta prática de Jesus se traduz na realização de diversas obras, como curas, exorcismos e a anunciação da chegada do Reino de Deus. Cabe aqui lembrar o conceito de Reino de Deus para Lucas e a relação da atividade de Jesus com este Reino: “nos fatos de Jesus temos a imagem da salvação, e nas suas palavras temos a essência dessa sua salvação”.²⁷⁹

Quanto à prática do exorcismo no ministério de Jesus, só em Mt 12.28 temos registrada a declaração de que Jesus expulsa os demônios pelo Espírito de Deus, em Marcos e Lucas o contexto deixa claro que é assim que Jesus procede.²⁸⁰ O registro de Mt 12.28 é uma citação de Q, e não há dúvida de que os exorcismos realizados por Jesus são atribuídos à capacitação que Ele recebera do Espírito, e conclui que esses exorcismos manifestam o irrompimento do Reino de Deus. No entanto, a passagem de Lucas 11.20 sofreu alteração na sua redação em relação à fonte Q, pois Lucas atribui os exorcismos realizados por Jesus ao dedo de Deus e não ao Espírito de Deus, como Mateus o fizera. A justificativa para essa alteração é que Lucas achava que o Espírito era o mesmo “Espírito de Profecia”, por isso, ele tinha dificuldade de aceitar que o Espírito também fosse o poder que operava milagres.²⁸¹

As mudanças realizadas por Lucas são de terminologia, pois nesta passagem (Lc 11.20) fica clara a referência à Êx 8.19, que provavelmente faz parte do interesse de Lucas na cristologia do profeta semelhante a Moisés, que mesmo assim se refere ao Espírito na expressão paralela “a mão do Senhor”, que era interpretada referindo-se ao Espírito²⁸².

O que chama atenção é o fato de Lucas usar a expressão “dedo de Deus” onde Mateus usa “o Espírito de Deus”, pois Lucas geralmente dá ênfase ao Espírito. Mas em ambos os casos o que está em evidência é a fonte do poder de Jesus sobre os demônios, que vem de Deus. Através desta manifestação de poder no ministério de Jesus é chegado o reino de Deus, e a presença do reino deve ser vista, não em práticas piedosas e em bons conselhos, mas sim, no poder que expulsa as forças do mal.²⁸³

A partir da afirmação de Jesus em Lc 11.20 podemos concluir:

- i) Jesus não era um exorcista como os demais de sua época, sua capacitação pelo Espírito era singular. A ação dos demais exorcistas de sua época não tinha a mesma importância que a sua (Lc 11.19) e ii) A presença do reino de Deus, sendo trazido por Jesus, é intimamente ligada à atividade do Espírito Santo no ministério de Cristo. Esta afirmação de Jesus reveste-se da doutrina veterotestamentária da ação

²⁷⁹ BOFF, 1996, p. 33.

²⁸⁰ ZABATIERO, 2000, p. 722.

²⁸¹ TURNER, 2012, P. 480-481.

²⁸² TURNER, 2012, p. 481.

²⁸³ MORRIS, 2011, p.187.

do Espírito nos últimos dias e informa a doutrina dos demais escritores do NT, que compreenderam a época de sua geração como o início dos últimos dias.²⁸⁴

Além do exorcismo, Jesus realizou muitas curas durante todo seu ministério. “Os quatro evangelhos narram de Jesus inúmeras curas de doenças de toda sorte, três ressuscitações de mortos e sete milagres na natureza”.²⁸⁵ “como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele” (At 10.38); nesta passagem Lucas apresenta a afirmação da capacitação de Jesus pelo Espírito para fazer com que Israel fosse libertado das várias formas de opressão satânica. “Numa comparação de Lc 7.21,22 e At 10.38 (que possui o vocabulário de Lc 4.18-21), fica claro que curas e exorcismo estão inclusas, mas que também vai além disso, incluindo o ato de libertar Israel da “cegueira” e da “surdez” idólatras”.²⁸⁶

As enfermidades, conforme as passagens de At 10.38 e Lc 13.10-15 eram relacionadas direta e indiretamente a satanás. No entanto, o esperado era que as curas fizessem parte do livramento messiânico, dos atos do Messias capacitado pelo Espírito. A forte associação entre as curas e o anúncio de que o Reino de Deus estava irrompendo apoia tanto essa ideia quanto a tradição de Q, e com isso Jesus também estava respondendo à dúvida de João Batista, ressaltando o fato de que os cegos viam, os coxos andavam, os leprosos eram curados, os surdos ouviam e as boas-novas eram pregadas aos pobres (Lc 7.21,22).²⁸⁷

As curas realizadas por Jesus, relatadas nos evangelhos sinóticos e principalmente por Lucas, têm paralelos veterotestamentários que demonstram que os milagres de cura e a pregação aos pobres têm significado messiânico e são a autenticação da missão de Jesus (Lc 4.18,19).²⁸⁸

A narrativa de Lucas sobre o ministério de Jesus em Cafarnaum concentra-se nos atos poderosos de Jesus acompanhados pelo poder e autoridade do Salvador. A expulsão de um espírito maligno que estava num homem; a cura da sogra de Pedro e várias outras curas no final do dia, são atos da manifestação do poder do Espírito Santo e da compaixão de Jesus, para com pessoas em necessidade desesperadora. Os dois primeiros milagres denotam poder na palavra de Jesus, e os outros, seu toque curativo. “Seu ensino e milagres exprimem sua autoridade profética e carismática. Essa autoridade de Jesus não depende de autoridade

²⁸⁴ ZABATIERO, 2000, p. 722.

²⁸⁵ JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução João Resende de Costa. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 146.

²⁸⁶ TURNER, 2012, p. 481.

²⁸⁷ TURNER, 2012, p. 481.

²⁸⁸ MORRIS, 2011, p. 135.

externa ou posição de poder, mas emana de si mesmo, a verdade que Ele ensina, e sua capacitação pelo Espírito Santo”.²⁸⁹

As obras de cura e libertação que Jesus realizava eram consideradas resultado da presença poderosa do Espírito Santo sobre sua vida. Temos uma passagem bíblica de um fato que ocorreu antes de Jesus curar um paralítico, que diz: “O poder do Senhor estava com ele para curar” (Lc 5.17). Consequentemente, essa cura e outras que se seguiram foram executadas pelo poder (*dynamis*) do Senhor. Em um caso posterior de libertação, Jesus deixou muito claro que a fonte do seu poder era o Espírito Santo.²⁹⁰

Num âmbito geral, os evangelistas deixaram registrados feitos importantes na vida e ministério de Jesus, assinalados pela presença do Espírito Santo como: no seu batismo, na tentação, em sua pregação, nos exorcismos, entre outros tantos. Com estes registros eles quiseram demonstrar que a vida encarnada do Filho de Deus era de uma pessoa humana, mas capacitada e dirigida pelo Espírito Santo.²⁹¹

2.3.2.1 A ação do Espírito Santo na atividade profética de Jesus

Temos nos evangelhos sinóticos alguns registros sobre a ação do Espírito Santo na atividade profética de Jesus. “Na passagem de Lc 4.21 Jesus atribui ao seu ministério o cumprimento das profecias do AT que são relativas a um amplo ministério a ser exercido pelo Messias e cuja ênfase seria a profecia”.²⁹²

Apesar de não ser considerado como um teólogo de profissão, mas como um carismático, o juízo sobre Ele formulado de forma unânime, é de que Jesus é um profeta. Isto é notório entre o povo, pois “todos ficaram possuídos de temor e glorificavam a Deus, dizendo: Grande profeta se levantou entre nós; e: Deus visitou o seu povo” (Lc 7.16). Até mesmo seus discípulos, segundo consta em Lc 24.19, viram nele um profeta.²⁹³

Jesus mesmo não recusou a afirmação de que era profeta. Ainda que a incumbência de sua missão não esteja cabalmente descrita desse modo, ele se inseriu na linha dos profetas. Ele o fez não só nas passagens em que emprega o termo “profeta”, mas também ao pretender possuir o Espírito. Pois, para a sinagoga, a posse do Espírito santo, isto é, do Espírito de Deus, era a marca por excelência da profecia. Possuir o Espírito de Deus significa ser profeta.²⁹⁴

²⁸⁹ ARRINGTON, 2012, p. 341.

²⁹⁰ WILLIAMS, 2011, p.502.

²⁹¹ HAWTHORNE, 2012, p. 501.

²⁹² ZABATIERO, 2000, p. 722.

²⁹³ JEREMIAS, 2008, p. 135.

²⁹⁴ JEREMIAS, 2008, p. 136.

O entendimento do AT é claro, o Espírito de Deus era quem capacitava os profetas, reis e sumos sacerdotes para a realização de determinada atividade segundo o propósito de Deus. Esse também era o conceito do judaísmo contemporâneo a Jesus, cujos rabinos alegavam que o Espírito fora retirado de Israel nos tempos de Malaquias, rompendo-se dessa maneira a sequência de homens capacitados e enviados pelo Espírito de Deus. Na concepção dos rabinos, esta sequência se rompeu devido ao fato do Espírito ter se apagado por causa do pecado de Israel. Desde então, a comunidade judaica acreditava que Deus continuava falando apenas pelo “eco da sua voz”.²⁹⁵ O Espírito seria dado novamente apenas nos últimos dias, conforme Jl 2.28-30. “Assim sendo, Jesus apresentou-se como profeta escatológico, aquele que iria trazer a luz, a nova era da salvação divina para os homens”.²⁹⁶

Alguns textos do NT comparam Jesus com os profetas bíblicos (Lc 9.8; Mt 16.14). Esta comparação se dá pelas obras que realiza, pois Ele chama à conversão (Mc 1.15); reprova a mera externalidade no culto e fala com autoridade (Mt 7.29). Como os profetas do AT, Jesus profere promessas e ameaças (Lc 6.20-24); tem visões, audições e experiências extáticas (Mt 1.10,11; Lc 10.18); Ele sonda os pensamentos humanos (Lc 5.22; Mc 2.5) e conhece os eventos futuros (Lc 13.33; Mc 8.31). A realização de todas estas obras, denotam que Jesus possuía o Espírito Santo e nisso reconheciam que Ele era profeta como nos moldes do AT.²⁹⁷

Em síntese, os evangelhos sinóticos apresentam Jesus como um homem cheio do Espírito Santo. Ao apresentar os acontecimentos principais da vida e do ministério de Cristo, os evangelhos o descrevem como inaugurador de uma nova era – a era da salvação – esta era reúne em Jesus as mais diversas concepções da profecia messiânica do AT (profeta, Messias, Servo) as quais corroboram com os conceitos da era da salvação como também da ação do Espírito no irromper dessa era.²⁹⁸

Tudo isso nos mostra que os evangelistas viram a obra de Jesus como a obra de um homem cheio do Espírito santo. Isto é importante em qualquer consideração do ensino de Jesus acerca do Espírito. O que Ele predisse aos outros era verdade sobre Ele mesmo. Isso não significa, porém, que a experiência de Jesus seja um protótipo da experiência cristã, visto que isso obscureceria sua singularidade.²⁹⁹

²⁹⁵ JEREMIAS, 2008, p. 139.

²⁹⁶ ZABATIERO, 2000, p. 723.

²⁹⁷ FRIEDRICH, G. Profetas e profecias no NT. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução de Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Tháís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v.2, p. 332.

²⁹⁸ ZABATIERO, 2000, p. 723.

²⁹⁹ ZABATIERO, 2000, p. 723.

2.4 O Espírito Santo e a Igreja

Nesta seção abordaremos o Espírito Santo como agente capacitador na era da igreja, isto é, após a ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, e vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Iniciaremos esta abordagem falando sobre a promessa da vinda do Espírito Santo, feita pelo próprio Senhor Jesus aos seus discípulos. Esta parte inicial servirá como ponte para interligar o período da ação do Espírito Santo na vida e ministério de Jesus e o período em que o Espírito Santo passa a agir através da vida dos seguidores de Cristo, após a Sua ascensão, que é a igreja. Na sequência abordaremos a efusão do Espírito Santo, analisando o contexto deste evento; num terceiro momento abordaremos sobre o recebimento do Espírito Santo, com uma análise aprofundada sobre a vinda e capacitação da primeira comunidade cristã pelo Espírito Santo, retomando inclusive a análise da seção anterior e, finalizaremos esta seção com a abordagem de como o Espírito Santo opera na igreja.

2.4.1 A promessa do Espírito feita por Jesus aos discípulos

Lucas narra em duas ocasiões sobre a promessa da vinda do Espírito Santo, feita por Jesus após sua ressurreição. O primeiro registro é encontrado no final do seu evangelho onde diz: “Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc 24.49), e o segundo registro é encontrado em Atos dos Apóstolos, “Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (At 1.5). Na passagem de Lucas 24.49, que é de cunho fortemente editorial, trás a expressão “promessa de meu Pai” referindo-se sem dúvida à promessa do profeta Joel.³⁰⁰ Nesta mesma passagem Jesus ordenou aos seus discípulos que permanecessem na cidade, até que do alto fossem revestidos de poder. No entanto, em At 1.5 Jesus promete que eles serão batizados no Espírito Santo. Apesar das formas distintas de redação, Lucas se refere ao mesmo evento, o derramamento do Espírito Santo. Este evento ocorreu após a ascensão de Jesus, no dia de Pentecostes. A prerrogativa para a vinda do Espírito Santo era a ascensão de Jesus, o que ocorreu logo após as últimas instruções aos discípulos (At 1.9). O Espírito Santo seria a presença permanente de Jesus entre os discípulos para que eles pudessem testemunhar Dele, e por meio do mesmo Espírito realizar as obras que

³⁰⁰ TURNER, 2012, p. 482

Jesus realizou. O Espírito Santo, mediante a concessão de poder e autoridade, habilita os discípulos de Cristo para dar continuidade à missão de Jesus.³⁰¹

Em Lc 24.49 e At 1.5, Jesus promete enviar o Espírito Santo, que também é uma promessa do Pai. Enquanto em At 1.8, momentos antes de ascender, Jesus promete capacitar seus discípulos com poder, sendo que esta capacitação está diretamente relacionada à vinda e ao recebimento do Espírito Santo pelos seguidores de Cristo. A presença do Espírito Santo é essencial na vida do seguidor de Jesus, o qual recebe a missão de testemunhar de Cristo até os confins da terra. “O propósito expresso do dom do Espírito é equipar para o testemunho e para as obras poderosas de Deus em Cristo, quando Ele operou salvação em Sião”.³⁰² E da mesma forma os apóstolos, cheios e controlados pelo Espírito, pregavam e realizavam obras maravilhosas no poderoso nome de Jesus de Nazaré.³⁰³

2.4.2 A efusão do Espírito Santo

Ambas as obras de Lucas descrevem a vinda do Espírito Santo, mas há diferença na forma como essa vinda é apresentada. No evangelho de Lucas é narrada a descida do Espírito Santo sobre Jesus logo após Dele ser batizado por João Batista, sob forma corpórea de pomba. Neste ato, a vinda do Espírito foi de forma calma e tranquila. Em Atos dos Apóstolos, a descida do Espírito Santo que ocorreu no dia de Pentecostes, é narra por Lucas numa perspectiva diferente. Esta vinda é apresentada como um ato extraordinário, com o barulho de um vento forte e línguas de fogo sobre a cabeça dos seguidores de Jesus.

Na sequência abordaremos a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes, narrada por Lucas em Atos dos Apóstolos capítulo 2. Pentecostes é considerada a linha divisória da história da salvação. Nele começa uma nova era e um novo pacto, não para Jesus e sim para os discípulos. Pentecostes foi para eles o que havia sido o Jordão para Jesus. Ele entrou na nova era e no novo pacto mediante o batismo do Espírito no Jordão, ocorrendo o mesmo com os discípulos em Pentecostes.³⁰⁴ “Foi esse evento que iniciou a era da igreja, que também pode ser considerada como a era do Espírito. Essa nova era é distinta da era do ministério de Jesus, embora seja uma continuação dela”.³⁰⁵ Enquanto os Judeus esperavam uma era que

³⁰¹ SMALLEY, S. S. Espírito Santo. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 547.

³⁰² SMALLEY, 1995, p. 547.

³⁰³ SMALLEY, 1995, p. 548.

³⁰⁴ DUNN, James G. *El Bautismo Del Espiritu Santo*. Buenos Aires: La Aurora, 1977. p. 52.

³⁰⁵ GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p.541.

desse continuidade a era presente, o NT apresenta um evento que se torna o marco que separa o AT e a igreja, que é o ministério de Jesus.³⁰⁶

A efusão do Espírito foi um acontecimento pós-pascal, não uma obra do Jesus terreno, mas do Cristo glorificado. Antes da sua morte e ressurreição Jesus foi o único portador do Espírito. O que estava limitado a um único homem, em Pentecostes é ampliado a ponto de incluir todos aqueles que fossem fieis e obedientes a sua ordem de permanecerem em Jerusalém. Lucas no seu evangelho, enfatiza a ligação exclusiva entre Jesus e o Espírito, inicialmente pelo fato do nascimento virginal (Lc 1.35), e por fim, a citação de Is 61.1 na pregação em Nazaré (Lc 4.18). Nessa relação podemos afirmar que Jesus vem do Espírito e é habitado pelo Espírito.³⁰⁷

O dia do advento do Espírito Santo foi o dia de Pentecostes,³⁰⁸ uma das três principais festas de Israel. Jesus não especificou para seus discípulos quantos dias eles deveriam de esperar em Jerusalém até que viesse o Espírito, ele simplesmente disse a eles para esperarem na cidade até que do alto fosse revestidos de poder (Lc 24.49). Haviam se passado dez dias da ascensão de Jesus, quando ocorre a efusão do Espírito Santo. É tentador especular a razão pela qual esse dia específico foi escolhido para a vinda do Espírito Santo. Em Pentecostes os judeus também comemoravam a outorga da lei, que resultou na antiga aliança entre Deus e seu povo, e esse mesmo dia foi escolhido para celebrar o dom do Espírito, baseado na vida, na morte, na ressurreição e na ascensão de Jesus, que estabeleceram a nova aliança entre Deus e seu novo povo ou seu povo renovado.³⁰⁹

Apesar de não sabermos qual tenha sido o significado da escolha desse dia específico, sabemos que os seguidores de Jesus – os cento e vinte³¹⁰ – estavam reunidos no mesmo lugar, quando ocorreu a experiência inesquecível e decisiva nas suas vidas, um acontecimento que podia ser visto e ouvido. Este evento era composto por fenômenos naturais (som de um vento forte) e sobrenaturais (línguas como de fogo, que se repartiram e que pousaram sobre cada um deles). Os elementos “vento” e “fogo” são termos bíblicos que

³⁰⁶ GUTHRIE, 2011, p. 541.

³⁰⁷ MARGUERAT, Daniel. *A Primeira História do Cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003. p. 118.

³⁰⁸ A festa de Pentecostes tem sua observância indicada nos dias de Salomão, como o segundo dos três festivais anuais. A festa era proclamada como uma santa convocação, em que nenhum trabalho servil podia ser feito, e todo homem israelita era obrigado a se fazer presente no santuário. Esta festa é igualmente chamada de “festa da colheita” e de “dia das primícias” e tinha duração de um dia (FREEMAN, 1995, p. 1265).

³⁰⁹ HAWTHORNE, 2012, p. 502.

³¹⁰ RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 37.

trazem à mente diversas formas de operação de Deus e do Espírito de Deus, e este com grande poder, em favor do seu povo.³¹¹ Vejamos a narrativa lucana a seguir:

¹Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; ²de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. ³E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. ⁴Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem. (At 2.1-4).

Richard divide a narrativa de Pentecostes (At 2.1-13) em dois relatos distintos: o primeiro pode ser classificado como mais primitivo e tradicional (vv. 1-4 e 12-13), enquanto o segundo pode ser classificado como mais evoluído e redacional (vv. 5-11). O primeiro relato tem um caráter mais carismático e apocalíptico: por conter vento impetuoso e línguas como de fogo; e as pessoas ali presentes falam em outras línguas (vv. 1-4) e, por esse motivo, são vistas pelas outras como se estivessem embriagadas. Já o segundo relato tem um caráter profético e missionário.³¹²

A assembléia estava reunida em Jerusalém (At 2.1) com o mesmo propósito, aguardando o cumprimento da promessa que Jesus tinha-lhes feito, eles aguardavam pela restauração, quando são surpreendidos pela irrupção do Espírito, que vem com o objetivo de romper com esse propósito de restauração, cujo olhar está mais para o passado do que para o futuro. Com a vinda repentina do Espírito, semelhante ao de um vento impetuoso e com línguas de fogo distribuídas sobre eles; “tais símbolos (furação e fogo) demonstram a “violência” do Espírito, necessária para transformar o grupo presente e reorientar a primeira comunidade para que passe de uma posição restauradora para uma posição profética e missionária”.³¹³

Em meio a perplexidade de alguns que buscavam entender o que estava acontecendo ali, Pedro se levanta juntamente com os onze, e tomando a palavra, dirige-se aos judeus e a todos os que se encontram em Jerusalém, e num discurso ousado faz menção da promessa feita por Deus por meio do profeta Joel (Jl 2.28-32), para falar da efusão do Espírito como sinal dos tempos messiânicos.³¹⁴

³¹¹ HAWTHORNE, 2012, p. 502.

³¹² RICHARD, 1999, p.37.

³¹³ RICHARD, 1999, p.38.

³¹⁴ BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Obra de Lucas-Atos: para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1996. p.108.

¹⁷E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; ¹⁸até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. ¹⁹Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. ²⁰O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor. ²¹E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. (At 2.17-21; Jl 2.28-32).

“A Pedro interessa o fato da efusão do Espírito, a qual se estende a todos os membros do povo de Deus sem discriminações (At 2.17b; 18a). A capacidade profética de entender a Escritura e de comunicar a palavra de Deus é dada a todos”.³¹⁵ No texto acima, percebe-se nitidamente que o dom do Espírito não é exclusivo, nem faz distinção entre as diferentes faixas etárias, povos, raças ou etnias. Ele vem para habitar em todos de forma universal, pois será derramado sobre toda a carne.

E na continuação de seu discurso,³¹⁶ Pedro lembra o povo de Jerusalém sobre o que estava destinado ao Cristo e o que se sucederia, referindo-se ao evento do Pentecostes, afirmando que este é o resultado direto do Cristo que ressuscitou e foi exaltado³¹⁷ por Deus, de quem havia recebido a promessa do Espírito Santo e o derramou sobre sua igreja.³¹⁸ Segundo Boff, a argumentação de Pedro diante do povo, é de que a ressurreição de Jesus faz parte do projeto histórico do Pai, projeto este que, de acordo com a escritura, anuncia a ressurreição do Messias. “Ora, uma promessa da Escritura deve tornar-se realidade histórica. Portanto, a ressurreição de Jesus tornada realidade corresponde à promessa profética de Deus”.³¹⁹

Pentecostes inaugura a era da igreja. Para Lucas, este evento proclama os discípulos como o povo de Deus do novo pacto, sendo assim, o princípio do período da igreja. Na visão de Lucas, a igreja é fundamentalmente um corpo missionário, formada de testemunhas de Jesus Cristo. No entanto, o início da missão da igreja depende do Espírito Santo e esta não começa antes de Pentecostes, quando os discípulos recebem o Espírito. Com o recebimento do Espírito dá-se início a missão cujo alcance é mundial, pregando o evangelho inicialmente em Jerusalém, ampliando para Judéia e Samaria até chegar aos confins da terra. E as demais características essenciais da igreja surgem a partir de Pentecostes como: a pregação apostólica (At 2.42), a comunhão (At 2.42), que para Paulo significa a co-participação do Espírito na

³¹⁵ BOFF, 1996, p. 108.

³¹⁶ Pedro utiliza três textos bíblicos em seu discurso: Jl 2.28-32; Sl 16.8-11 e Sl 110.1.

³¹⁷ Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vedes e ouvis (At 2.33).

³¹⁸ HAWTHORNE, 2012, p. 502.

³¹⁹ BOFF, 1996, p. 108.

comunidade cristã (Fp 2.1), o batismo com água em nome de Jesus Cristo (At 2.41) e o compartilhamento do pão na comunidade cristã, que pode estar incluso a Ceia do Senhor (At 2.42). Estes são os sinais que distinguem a comunidade primitiva a partir de Pentecostes.³²⁰

2.4.3 O Recebimento do Espírito Santo

Na seção anterior tratamos a respeito da primeira vinda do Espírito Santo sobre os seguidores de Jesus em Jerusalém por ocasião do Pentecostes. Este é um fato, mas o que dizer em relação as vindas subsequentes do Espírito sobre cada novo crente? E, como o novo crente recebe o Espírito Santo? Estes são outros fatos que procuraremos elucidar doravante.³²¹

Nesta seção iniciaremos com algumas considerações linguísticas do termo “doação do Espírito” em Lucas-Atos. Nestas obras há em torno de 75 referências ao Espírito Santo, destas, 53 se referem a diferentes tipos de doação do Espírito sobre uma pessoa. Lucas usa uma grande variedade de expressões para descrever as várias experiências com o Espírito Santo. E esta variedade de expressões, por sua vez, pode ser classificada por tipos fraseológicos.³²² Dentro dessa fraseologia lucana iremos usar sete expressões, as mais utilizadas, que são: i) batizar – *πνεύματι βαπτισθήσεσθε ἅγιω* (At 1.5; 18.33; 11.16); ii) vir – *ἐπελθόντος τοῦ ἁγίου πνεύματος* (At 1.8; 8.16; 19.6); iii) encher - *ἐπλήσθησαν πάντες πνεύματος ἁγίου* (At 2.4; 4.8, 31; 9.17; 13.9); iv) derramar – *ἐκχεῶ ἀπὸ τοῦ πνεύματος* (At 2.17; 10.45); v) receber – *λήμψεσθε τὴν δωρεάν τοῦ ἁγίου πνεύματος* (At 2.38; 8.15); vi) dar - *δοῦς τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον* (At 15.8); vii) cair – *ἐπέπεσεν τὸ πνεῦμα τὸ ἅγιον* (At 10.44; 11.15).³²³ Todas essas expressões descrevem a vinda do Espírito Santo aos cristãos.

Algumas observações em relação ao conceito do termo batismo no Espírito: i) a expressão batismo no Espírito em Atos, não ocorre na forma substantivada, mas sempre na forma verbal.³²⁴ ii) os verbos empregados por Lucas demonstram a ação soberana de Deus em enviar o Espírito Santo, como cumprimento de Sua promessa;³²⁵ iii) os termos utilizados pelos autores bíblicos não devem ser levados em conta literalmente, pois em muitos casos são usados metaforicamente para facilitar o entendimento dos leitores quanto à natureza e ao

³²⁰ DUNN, 1977, p. 61.

³²¹ HAWTHORNE, 2012, p. 503.

³²² M. Max B. TURNER, M. M. B. *Spirit Endowment In Luke/Acts: Some Linguistic Considerations*. Vox Evangelica, nº 12, 1981. p. 45.

³²³ ZABATIERO, 2000, p. 732.

³²⁴ PALMA, 2002, p. 19.

³²⁵ ZABATIERO, 2000, p. 732.

significado da experiência, tendo em vista que nenhum termo resume completamente o que está envolvido na experiência.³²⁶ iv) termos diferentes são usados para descrever os mesmos eventos e v) Lucas não utiliza a expressão “batizar no Espírito Santo”, todas as vezes que ocorre no seu livro, é mencionado por terceiros (Jesus At 1.5 e Pedro 11:16).³²⁷

A expressão “cheios do Espírito Santo”, em Atos 2.4, é muito importante. Ela não ocorre em nenhuma referência ao AT acerca do Espírito. Há um uso dessa expressão em relação a Jesus em seu batismo (Lc 4.1). Entretanto, ela se tornou o selo de qualidade dos cristãos. Evidentemente, o fenômeno de ser enchido com o Espírito Santo é facilmente detectável. Pelo menos no Pentecostes, a distinção foi clara: aqueles que ficaram cheios do Espírito eram crentes; aqueles que estavam fora do círculo dos crentes não foram possuídos pelo Espírito.³²⁸

Lucas usa a expressão “ficaram cheios” para descrever a experiência da presença do Espírito Santo e dos efeitos sobre os discípulos. “Esta expressão é usada quando as pessoas recebem o revestimento inicial do Espírito para capacitá-las para o serviço de Deus (At 9.17; Lc 1.15), e também quando ficam inspiradas para fazerem declarações importantes (At 4.8, 31; 13.9)”.³²⁹ Vale observar, que aquilo que aqui se chama “ficar cheio”, também é chamado “batismo” (At 1.5; 11.16), um “derramamento” (At 2.17,18; 10.45), e um “recebimento” (At 10.47). O ato básico de receber o Espírito pode ser descrito como ser “batizado” ou “cheio”, mas o verbo “batizar” não se emprega para experiências subsequentes, sendo assim, Lucas emprega os termos “cheios” e “derramamento” (At 10.45) para as experiências subsequentes.³³⁰

Outro ponto a ser destacado dentro desse tema é o significado de batismo no Espírito Santo nas obras de Lucas. Ao estudarmos o contexto de Atos dos apóstolos percebemos que: O batismo no Espírito Santo é uma experiência definitiva em que a pessoa sabe se ela a teve ou não.³³¹ Assim foi no dia de Pentecostes, quando os 120 estavam reunidos no cenáculo e de repente, foram surpreendidos pela vinda do Espírito Santo, e “todos ficaram cheios” dele, este foi um evento histórico para a comunidade judaica, e para os 120 seguidores de Jesus que estavam ali reunidos, foi um evento que marcou suas vidas. O batismo no Espírito Santo, conforme Bruner, é a vinda do Espírito Santo em toda a sua plenitude para habitar no cristão. Ele não é seletivo, isto é, não veio somente para alguns; Ele não é condicional, vindo para

³²⁶ PALMA, 2002, p. 19.

³²⁷ ZABATIERO, 2000, p. 732.

³²⁸ GUTHRIE, 2011, p.542.

³²⁹ MARSHALL, I. H. *Atos: Introdução e comentário*. Tradução Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 69.

³³⁰ MARSHALL, 2014, p. 69.

³³¹ TORREY, R.A. *The Holy Spirit: Who He is and What He Does and How to Know Him in All the Fulness of His Gracious and Glorious Ministry*. London: Fleming H. Revell Company, 1927.

aqueles que são dignos de recebê-lo; e Ele também não é parcial, vindo em parte ou por tempo determinado. Portanto, o Espírito Santo é uma pessoa e onde ele estiver, estará em sua plenitude.³³² Não temos nenhuma indicação no livro de Atos quanto ao Espírito Santo, uma vez concedido, seja em algum momento retirado daqueles a quem foi concedido – quer seja à igreja ou ao indivíduo. Aliás, em Atos, “Lucas acredita que a dádiva do Espírito é algo que constitui a vida cristã (At 19.1-6); existe algo errado com o discípulo que não recebeu o Espírito Santo”.³³³

O significado do batismo no Espírito Santo para Ladd, pode ser descoberto através do estudo dos diversos usos do termo. O mesmo exemplo citado anteriormente, dos 120 discípulos, eles foram tanto batizados no Espírito Santo no dia de Pentecostes, quanto foram cheios com o Espírito (At 2.2).³³⁴

Essas duas expressões – batismo e enchimento – não parecem ser estritamente sinônimas, pois o livro de Atos relata que houve novas ocorrências do ser/estar cheio do Espírito Santo, mas nunca é mencionado que os crentes tenham sido batizados com o Espírito Santo uma segunda vez. O dom pentecostal do batismo com o Espírito Santo é prometido a todos que se arrependem e forem batizados nas águas (At 2.38). sempre que o batismo com o Espírito é mencionado depois do Pentecostes, nunca é uma experiência de crentes que já tenham sido batizados uma vez com o Espírito Santo, mas apenas para grupos novos de pessoas trazidas à fé em Cristo.³³⁵

Quero me valer da citação acima para introduzir um novo assunto ao nosso tema. Passaremos a discutir a questão do recebimento do Espírito Santo pelos novos crentes. Quais são os fatores que estão envolvidos para uma pessoa receber o Espírito Santo? Alguns textos em Atos dos apóstolos nos levam a entender que há alguma associação entre o batismo e o Espírito Santo (At 2.38; 19.1-7), fazendo com que alguns intérpretes defendam a idéia de que o batismo é um pré-requisito para a vinda do Espírito Santo à vida do crente, gerando assim um rito dogmático na igreja pelo qual o fiel recebe o Espírito.³³⁶ Para Conzelmann, Atos 2.38 pressupõe uma sentença simples da fórmula batismal, e que o batismo e o recebimento do Espírito estão associados.³³⁷ Congar concorda com a posição de Conzelmann, para ele a forma batismal expressa pela teologia lucana, com base no texto de At 2.37-39, é constituída pelos

³³² BRUNER, 2012, p. 149

³³³ BARRET, C. K. *The Acts of the Apostles*. A critical and exegetical commentary. Edinburgh: T&T Clark, 1994. v. 1, p. 115.

³³⁴ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Degmar Ribas Júnior. ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2003.

³³⁵ LADD, 2003, p. 490-491.

³³⁶ HAWTHORNE, 2012, p. 503.

³³⁷ CONZELMANN, Hans. *Acts of the Apostles*. A commentary on the Acts of the Apostles. Philadelphia: Fortress Press, 1987. p. 22.

seguintes elementos: “conversão; batismo no nome de Jesus, isto é, aderindo ao seu poder de Senhor-Salvador e dom do Espírito”.³³⁸

Numa linha de entendimento muito próxima a dos dois estudiosos mencionada acima, está a de Bruner. Com base no texto de Atos 2.37, ele entende que o arrependimento é uma questão de decisão, e esta é capacitada pelo Espírito. “Essa decisão do arrependimento, ou o passo para o batismo, é precedida e incentivada pelo fato de Deus ter se aproximado dos homens nos acontecimentos salvíficos da Paixão, do Pentecostes e da pregação”.³³⁹ Em resumo, para Bruner arrependimento é ser batizado, e ao receber o batismo em nome de Jesus Cristo, conforme a narrativa de Lucas, recebe não somente o perdão dos pecados, mas também o dom do Espírito Santo (At 2.38). Ambas as obras, purificação dos pecados e o recebimento do dom do Espírito, são de Deus, dádiva de Deus. “O dom do Espírito aqui está diretamente ligado ao perdão que vem com o batismo, e é prometido juntamente com ele”.³⁴⁰ “cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (At 2. 38).

E depois do Pentecostes, esse dom é oferecido, como aqui, com o perdão, no rito humilde do batismo. O batismo fica sendo o batismo no Espírito Santo. Pedro, em Atos 2.38, não fornece nenhuma outra definição. Não faz um contraste entre batismo e o dom do Espírito Santo; ele os junta.³⁴¹

Carson entende que a descrição apresentadas em Atos 2 se refere ao batismo no Espírito Santo, mesmo que essa não seja a linguagem usada especificamente nesta passagem, e sim do enchimento do Espírito. A vinda do Espírito em Pentecostes relaciona-se intimamente com um evento histórico-redentivo, ou seja, é um evento sem repetições futuras. “Em resumo, Pentecostes, na perspectiva de Lucas, é sobretudo um evento culminante da história da salvação”.³⁴² A profecia de Joel (At 2.16-21) previu que, “nos últimos dias”, O Espírito seria derramado sobre toda a carne, referindo-se a um derramar escatológico do Espírito sobre todas as pessoas, e isto é o que Pedro estava vendo acontecer ao seu redor naquele momento (At 2.17). Este fato pode ou não ter implicações nos cristãos na forma como recebem o Espírito Santo nos dias atuais. Mas a ênfase em Atos 2, não está na questão das experiências pessoais de recebimento do Espírito e sim, no cumprimento da profecia.³⁴³ “O

³³⁸ CONGAR, Yves. *Ele é o Senhor que dá a vida*. Tradução de Euclides Martins Balancin. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 255, 256.

³³⁹ BRUNER, 2012, p. 152.

³⁴⁰ BRUNER, 2012, p. 153.

³⁴¹ BRUNER, 2012, p. 154.

³⁴² CARSON, D. A. *A Manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios de 12-14*. Tradução de Caio Peres. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 141.

³⁴³ CARSON, 2013, p. 142.

argumento histórico-redentivo que busca explicar o Pentecostes em termos daquilo que os profetas falaram, portanto em termos de identificação de Jesus como o Messias prometido (2.22ss.), recebe mais ênfase”.³⁴⁴

Outra evidência que encontramos em Lucas, ao traçarmos um paralelo entre Joel e Atos 2, são as muitas similaridades encontradas em Pentecostes e na narrativa profética do profeta. A única diferença que encontramos neste paralelo é que Pedro entendeu o fenômeno das línguas como sendo o cumprimento daquilo que Joel se referia como profecia. Mas de certo modo profecia é uma expressão que também engloba línguas; então, numa forma ampla, profecia, línguas, sonhos e visões pertencem, todos, a mesma categoria e por isso são considerados como atestadores do derramamento do Espírito.³⁴⁵

Contudo, se a afirmativa de Conzelmann, Congar e Bruner for verdadeira, de que a dádiva do Espírito Santo depende do batismo, ela não é a única idéia que se apresenta nos textos de Atos, ao contrário, há uma grande variedade de hipóteses na relação entre batismo e recebimento do Espírito Santo. Por exemplo, em Atos 2.38, o batismo precede o dom do Espírito Santo, o que nos permite alegar que o batismo é um pré-requisito para receber o Espírito. Já em Atos 8.16, o batismo e a vinda do Espírito não estão associados, e, em Atos 8.36-39, o eunuco etíope é batizado, sem que haja menção do Espírito Santo vindo sobre ele (outros textos que seguem essa idéia, At 9.17-19; 16.14-17, 31-33; 18.8). Outro exemplo é Atos 10.44, o Espírito desce sobre Cornélio e os de sua casa antes de serem batizados, ao passo que em Atos 18.24-26 parece que o batismo é um elemento desnecessário ou pelo menos não necessário na instrução que Apolo recebeu. Por fim, em Atos 19.5,6, parece que o Espírito Santo não é outorgado por meio do batismo aos que creem tanto quanto o é mediante a imposição das mãos dos apóstolos.³⁴⁶

Em Atos não temos nenhuma prova convincente e que nos permite concluir de forma inequívoca, de que o Espírito é recebido por ocasião do batismo. Inclusive os pais apostólicos não fazem nenhuma ligação desse tipo entre o batismo e o dom do Espírito, com exceção da Epístola de Barnabé 11.11, mesmo assim há dúvida na tradução da expressão-chave *en tō pneumati*, se é “em nosso espírito” ou “no espírito”.³⁴⁷

Se nossos textos não permitem que se afirme completa confiança que o batismo de água seja um pré-requisito para a dádiva do Espírito Santo, é possível inferir, com base neles, que o Espírito Santo “cai sobre” ou “enche” qualquer pessoa ou grupo

³⁴⁴ CARSON, 2013, p. 142.

³⁴⁵ CARSON, 2013, p. 142.

³⁴⁶ BARRET, 1994, p. 154.

³⁴⁷ HAWTHORNE, 2012, P. 503.

por causa da resposta positiva à pessoa divina que os encontra no evangelho. Por exemplo, mesmo enquanto Pedro estava proclamando o evangelho ao receptivo cornélio e sua casa, “o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a palavra” (At 10.44), acontecimento que trouxe à mente a declaração do Senhor: “joão, na verdade, batizou com água; mas vós sereis batizados com o Espírito Santo” (At 11.15,16). Assim, o batismo importante é o batismo com o Espírito, a saber, a vinda do Espírito Santo sobre a comunidade ou à vida dos indivíduos. Esse batismo depende da fé em Jesus e coincide com ela – fé em sua pessoa, vida, morte, ressurreição e exaltação.³⁴⁸

O cristão recebe o Espírito Santo no momento da sua experiência com Cristo, e a partir dessa experiência ele se torna um membro do corpo de Cristo e passa a fazer parte do povo de Deus. Em At 4.32, Lucas descreve a vida da comunidade cristã primitiva, onde há um perfeito equilíbrio entre indivíduo e comunidade.³⁴⁹ Essa comunhão harmônica entre indivíduo e comunidade é resultado de uma mentalidade e um propósito em comum, pois ninguém considerava propriamente seus bens que possuía mas, com um espírito voluntário colocavam a disposição suas propriedades, inclusive para vendê-las se fosse necessário, para o bem comum. Outro resultado para o êxito da vida em comunhão da comunidade primitiva é a ação do Espírito Santo, porque o dom do Espírito não levava somente à pregação inspirada mas também à comunhão e a generosidade cristãs.³⁵⁰

O que vem a ser esta experiência com Cristo? Esta experiência é também denominada de conversão, que é gerada mediante o arrependimento e fé em Cristo, cuja evidência maior está na mudança do caráter daquele que se converteu. No Novo Testamento temos três palavras gregas que denotam arrependimento e conversão, *μεταμέλομαι* (*metamelomai*); *μετανοέω* (*metanoeō*) e *ἐπιστρέφω* (*epistrephō*). Na pregação cristã primitiva, principalmente na pregação missionária, a chamada ao arrependimento, a convocação à fé, a promessa do perdão dos pecados bem como da salvação, os termos mais empregados são: *μετανοέω* (*metanoeō*) e *ἐπιστρέφω* (*epistrephō*). Em At 3.19 e 26.20 encontramos ambas as palavras, o que demonstra que há relacionamento entre os dois conceitos. Nestes casos específicos, *metanoeō* descreve o voltar-se contra o mal, e *epistrephō*, o voltar-se para Deus.³⁵¹

A palavra arrependimento indica uma mudança de direção na vida da pessoa mais do que apenas uma alteração mental de atitude, ou um sentimento de remorso; significa o repúdio do modo de vida pecaminoso e ímpio. Em certo sentido, trata-se de alguma coisa da qual o homem é incapaz em si mesmo e, portanto, embora seja possível

³⁴⁸ HAWTHORNE, 2012, p. 503.

³⁴⁹ ZABATIERO, 2000, p. 731.

³⁵⁰ MARSHALL, I. H. *Atos: Introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2014, p.107.

³⁵¹ GOETZMANN, J. Conversão. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1. p. 421.

ordenar aos homens que se arrependam também podemos dizer que o arrependimento é uma dádiva de Deus (At 5.31; 11.18).³⁵²

Em Atos a salvação pertence a Deus, portanto não pode ser alcançada pela lei, é oferecida livre e gratuitamente pela graça de Deus. “Para chegar à conversão, a pessoa tem de ouvir a pregação da palavra e responder a esta com arrependimento e fê”.³⁵³ Os resultados imediatos da conversão são o perdão dos pecados e o recebimento do Espírito Santo (At 2.38; 3.19-20), estes sintetizam o processo da salvação. Ser salvo é estar livre do juízo condenatório, e ser participante da salvação eterna e do reino de Deus. Quanto à dádiva do perdão estar atrelada a conversão não há divergência teológica, o que já não ocorre em relação à recepção do Espírito Santo, pois há outras interpretações que associam o recebimento do Espírito Santo em diferentes momentos da vida do cristão.³⁵⁴

Dando continuidade ao assunto sobre o recebimento do Espírito Santo, veremos outras duas interpretações sobre o mesmo. Destas, a primeira busca seu embasamento bíblico fora das fronteiras de Lucas-Atos, e se ampara na carta do Apóstolo Paulo aos Efésios, para justificar sua posição. Esta defende que o cristão recebe o Espírito Santo no momento da sua conversão ou regeneração, que é produzida mediante o ouvir da Palavra de Deus e a fê em Jesus. Sendo esta a primeira experiência de uma pessoa com Cristo. E nesta experiência o Espírito Santo vem para selar, salvar, regenerar, e colocar-se como penhor da alma de todo aquele que crê em Jesus (Ef 1.13,14).³⁵⁵

Enquanto a segunda defende que o batismo no Espírito Santo é distinto da experiência do novo nascimento e subsequente a ele, também chamado de “segunda bênção da graça”³⁵⁶, pela qual o cristão é capacitado com poder, tanto para uma vida santificada como para realizar de forma eficaz seu ministério.³⁵⁷ Os textos bíblicos usados para defender esta interpretação são: (At 2.1-4; 8.4-25 e At 19).

Além disso, a tradição pentecostal tem “o falar em outras línguas” (*glossolia*) como sinal de evidência inicial do batismo no Espírito Santo, com base no texto de Atos 10.44-45.³⁵⁸

³⁵² MARSHALL, 2014, p. 80.

³⁵³ ZABATIERO, 2000, p. 731.

³⁵⁴ ZABATIERO, 2000, p. 731-732.

³⁵⁵ D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Espírito Santo: o Deus que vive em nós*. São José dos Campos: CLC. p. 35. Disponível em: <http://minhateca.com.br/allanhaua/download-Esp*c3*adrito+Santo+-+o+Deus+que+vive+em+n*c3*b3s,13012517.pdf>. Acesso em: 08/11/2015.

³⁵⁶ BRUNER, 2012, p. 51.

³⁵⁷ Esta interpretação é apoiada pela tradição pentecostal, evangelical e neopentecostal.

³⁵⁸ BRUNER, 2012, p. 51.

Nas obras de Lucas, em nenhuma parte encontramos algo sobre a importância teológica do batismo no Espírito Santo, e há apenas uma declaração nesse sentido em todo o NT, encontrada em Paulo (1Co 12.13). A luz da afirmação de Paulo “ Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito”, é possível encontrar ligação ao Pentecostes relatado em Atos, no sentido de que o batismo no Espírito Santo é o ato do Espírito Santo que reúne numa unidade espiritual pessoas de diferentes origens e formação social, para formar o corpo de Cristo – a *ekklésia*.³⁵⁹

No entendimento de Ladd, o batismo no Espírito Santo não é similar à plenitude do Espírito.

O primeiro é um evento que ocorre de uma vez por todas, quando alguém crê em Cristo. É o ato do Espírito constituir crentes individuais como membros do corpo de Cristo. Dessa forma, é impossível ser um crente e não estar na *ekklésia*, pois, quando alguém crê, é batizado como todos os demais no corpo de Cristo. O batismo no Espírito Santo somente pode acontecer a crentes individuais, mas é, primeiramente, um fato social e eclesial. A plenitude do Espírito, que significa ser cheio com o Espírito é, primeiramente, uma experiência individual que pode ser repetida e tem a ver com a devoção cristã (Ef 5.19), e com o ministério (At 4.8). Em nenhuma parte do NT ordena os crentes a serem batizados com o Espírito, como o faz no sentido de serem cheios do Espírito, pois o batismo é um fato que ocorre por ocasião do início da fé.³⁶⁰

A finalidade do batismo no Espírito Santo na concepção pentecostal é “o revestimento dos cristãos com poder espiritual para cumprir com sua missão de testemunhar Jesus Cristo para o mundo, e viver os dons do Espírito para a edificação das comunidades”.³⁶¹ O amparo para estes propósitos está nos textos lucanos de Lc 24.49 e At 1.8.

Nossa intenção com este estudo não é entrar em discussão com as diferentes doutrinas sobre o batismo no Espírito Santo, mas trazer aquilo que os textos realmente querem nos dizer sobre o assunto, tendo em vista que Atos dos Apóstolos é uma narrativa que apresenta as experiências dos primeiros cristãos, e no nosso caso, nos interessam as experiências com o Espírito Santo. Diante disso, fica difícil estabelecer qualquer regra ou fórmula (doutrina) sobre o Batismo no Espírito Santo com base em Atos dos Apóstolos, mas isto nos é permitido fazer nas cartas doutrinárias.

³⁵⁹ LADD, 2003, p. 492.

³⁶⁰ LADD, 2003, p. 493.

³⁶¹ WEGNER, Uwe. Batismo no Espírito Santo: avaliação de sua compreensão dentro do pentecostalismo. In: WACHHOLZ, Wilhem (coord.). *Batismo: teologia e prática*. São Leopoldo: EST, 2006.

2.4.4 Considerações Finais

Percebemos que na era pré cristã o Espírito Santo atuava como Espírito profético, usando pessoas para cumprir com seu propósito. Esse foi o caso de Isabel e Zacarias, ambos foram cheios do Espírito Santo. Maria concebeu no poder do Espírito, o Messias. Simeão foi conduzido pelo Espírito ao templo onde se encontrou com os pais de Jesus e tomou em seus braços o salvador, sobre o qual profetizara a redenção da nação de Israel. João Batista também foi cheio do Espírito Santo e foi enviado com precursor do salvador, o Messias. João profetizou acerca do ministério de Jesus, que ele batizaria com o Espírito Santo e com fogo. Todos estes foram instrumentos usados por Deus por meio do seu Espírito, não para seu próprio benefício, mas para realizar a vontade e o propósito de Deus. Neste período o Espírito Santo ainda não habitava na vida das pessoas, ele somente estava sobre a pessoa para realizar um objetivo específico.

O Espírito Santo esteve presente na vida de Jesus desde o momento em que foi batizado por João Batista no rio Jordão. Após seu batismo, segundo a narrativa de Lucas, Jesus estava orando, quando desceu sobre Ele, em forma corpórea de pomba, o Espírito Santo e ouviu-se uma voz do céu que dizia: "este é meu filho amado a ele ouvi". Após ter recebido o Espírito Santo, Jesus foi impulsionado pelo Espírito a ir para o deserto para ser tentado, lá ele era guia pelo Espírito. Este período de Jesus no deserto teve como propósito sua capacitação para o ministério que viria a exercer entre os judeus. No deserto Jesus derrotou a satanás pelo fato de não ter cedido as tentações do diabo. Jesus retornou para a Galileia no poder do Espírito e iniciou seu ministério. Desde a sua aparição pública, na ocasião do seu batismo e recebimento do Espírito, Jesus sempre foi guiado e orientado pelo Espírito Santo bem como realizava exorcismos, curas e muitas outras obras no poder do Espírito concedido pelo Seu Pai, Deus. Jesus foi instrumento nas mãos do Espírito, para realizar não a sua vontade mas a de seu Pai. E cumpriu seu ministério com êxito.

O propósito de Deus em relação ao homem é que ele se converta dos seus pecados e passe a ter uma experiência com o Espírito Santo. Esse propósito é para que o cristão dê continuidade a obra que Cristo iniciou, para isto está disponível o Espírito Santo que capacita para o testemunho e para o serviço cristão. Deus deseja que sejamos seu representante até os confins da terra anunciando as boas novas de salvação.

Deus atrai para si o homem e o salva mediante o Espírito Santo que convence do pecado. Após a obra de regeneração ele capacita o cristão com seu Espírito Santo dando poder e autoridade para fazer as obras que Jesus fez. Em todos os casos, o Espírito Santo capacita

peças para cumprirem os desígnios de Deus. O Espírito Santo atua nas mais diversas áreas da nossa vida realizando grandes obras para depois produzirmos frutos com abundância.

3 DYNAMIS DO ESPÍRITO – CAPACITAÇÃO PARA TESTEMUNHAR E REALIZAR OBRAS PODEROSAS

Neste capítulo nossa atenção está voltada para a palavra *dynamis* e sua relação com o cristão. No primeiro capítulo vimos que na promessa do Espírito está inserida a dimensão do poder. Nosso objetivo agora, de forma mais específica, é analisar a atuação da *dynamis* (poder) na capacitação para o testemunho e na realização de obras poderosas, em Atos dos Apóstolos.

Em Atos, *dynamis* atua na operação de milagres, sinais e maravilhas (At 2.22; 3.12; 4.7; 6.8; 8.13; 19.11), capacita para testemunhar de forma eficaz a obra de salvação de Cristo (At 1.8; 4.33) e concede autoridade para libertar da opressão do maligno (At 10.38). Este capítulo será desenvolvido sobre estes pilares. Nele serão descritas as formas de atuação da *dynamis*. Na primeira seção trataremos sobre o empoderamento do cristão para testemunhar e seus devidos desdobramentos e na sequência abordaremos as obras poderosas do Espírito Santo e suas finalidades.

3.1 Empoderamento para testemunhar

Sabemos que a capacitação de uma pessoa ocorre mediante o recebimento de poder a partir da habitação do Espírito Santo em sua vida (At 1.8). O resultado da capacitação é o testemunho eficaz e a realização de obras poderosas, denominadas de obras do Espírito Santo. Estas obras são realizadas por pessoas, instrumentos do Espírito para realizar o desígnio de Deus no mundo. Este conjunto de capacitação, instrumentalidade e realização compõe a missão da pessoa que recebe a Cristo em sua vida.

O Espírito capacita o cristão para diferentes formas de atuação. Em Atos dos Apóstolos encontramos as seguintes: autoridade para pregar e testemunhar; para expulsar demônios (exorcismo); realização de curas; milagres, sinais e maravilhas entre outras.

O poder presente em Jesus Cristo durante sua vida terrena, e que o capacitou para realizar sua missão, foi também outorgado à sua igreja no dia de Pentecostes com o mesmo objetivo: capacitá-la para dar continuidade à missão de Cristo e para testificar das suas obras redentoras, de Jerusalém até os confins da terra.

Vale destacar que as obras que Jesus fez, são distintas das demais obras que acontecem no mundo contemporâneo. As obras de Jesus ocorrem mediante a palavra falada, que vem a ser a palavra de Deus, poderosa em efeitos e vem para destruir as forças de satanás;

elas não têm nenhuma relação com a mágica e ocorrem mediante o ato de fé tanto por aquele que realiza a obra quanto por aquele que é beneficiado com o feito. E para a efetivação da ação de Cristo na pessoa que crê é necessário que haja um vínculo pessoal com Ele.³⁶²

O início da comunidade cristã judaica foi marcado profundamente pela presença do Espírito e do poder de Deus em suas vidas. Esta *dynamis* de Deus foi o agente propulsor da pregação dotando de poder os apóstolos, que são os representantes de Cristo, para que estes pudessem dar continuidade à sua obra salvífica. Esse poder foi recebido pelos apóstolos no dia de Pentecostes capacitando-os para realizar as obras do Espírito (ver próxima seção).³⁶³

O Espírito Santo é uma força que habilita os seguidores de Jesus a tornarem-se suas testemunhas, desde Jerusalém até a extremidade da terra. Atos 1.8 é o versículo que traça o planejamento de expansão da igreja. A origem missão cristã está no dom do Espírito, que não somente possibilita o testemunho, mas ele é o testemunho. “O dom do Espírito é o poder de testemunhar sobre Jesus. Todo o desenvolvimento da missão, em Atos, confirma esse papel funcional do Espírito como capacidade de testemunhar”.³⁶⁴

3.1.1 A convocação do Cristão

O ser humano, ao tornar-se cristão, recebe o Espírito Santo e com este recebe também uma missão que é ser testemunha de Jesus, dando continuidade ao ministério que Ele iniciou. Atos dos Apóstolos se destaca pela missão evangelizadora da igreja, sendo esta uma característica marcante do livro. A missão de evangelizar é compromisso de cada pessoa que compõem a igreja. É provável que Lucas tenha visto a ação do Espírito Santo na formação da igreja primitiva e com isso compreendeu que os membros da igreja estavam sendo capacitados e equipados pelo Espírito Santo para a missão de testemunhar de Cristo. A partir desse momento o dom do Espírito Santo é um critério para o ser humano ser um cristão e o dever dele e da igreja é a missão de testemunhar de Jesus.³⁶⁵

No livro de Atos temos o relato de alguns cristãos que receberam o Espírito Santo e pouco tempo depois já estavam testemunhando de suas experiências gloriosas ao povo; exemplos disto são Pedro (At 4.8), Estêvão (At 7.55), Filipe (At 8.39), Paulo (At 9.17), Barnabé (At 11.22-24) e os líderes da igreja (At 13.1-3). Dentre os serviços realizados por estas testemunhas estão à pregação do evangelho, a oração, o louvor e a comunhão. Nestes

³⁶² GRUNDMANN, 2013, p. 208.

³⁶³ GRUNDMANN, 2013, p. 210.

³⁶⁴ MARGUERAT, 2003, p. 119.

³⁶⁵ ZABATIERO, 2000, p. 733.

cristãos e nas suas obras vemos a ação do Espírito Santo, cujo objetivo final é glorificar e exaltar a Cristo por poder servir a Ele como testemunhas.³⁶⁶

Com base no ministério de Paulo (At 20) compreendemos bem qual é o pensamento de Lucas sobre o ministério cristão. Este ministério vem de Jesus (At 20.24), através do Espírito Santo (At 20.28) e é mantido pelo Senhor (At 20.32). “Nestes versos vemos novamente enfatizada a relação Espírito-Jesus, especialmente no verso 28, o qual afirma a divindade de Jesus e Sua soberania, com o Pai e o Espírito Santo, sobre a igreja”.³⁶⁷

3.1.2 Poder para testemunhar de Cristo e sua obra de salvação

O que vem a ser “poder para testemunhar”? O que ele produz? Questionamentos como estes, procuraremos elucidar no decorrer desta seção. Nos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos temos o registro de homens capacitados com o Espírito Santo (cheios do Espírito) que se levantaram para testemunhar de Cristo e fizeram-no com a autoridade e ousadia que lhes fora concedida pelo Espírito Santo.

Iniciaremos com o primeiro evento que ocorreu em Jerusalém, cujo registro encontramos em Atos 2, onde Pedro dá seu primeiro discurso logo após o alvoroço da vinda do Espírito. O discurso de Pedro, apesar de ser com palavras simples, foi com autoridade e sagacidade que vieram da unção do Espírito Santo prendendo a atenção da multidão que afluía aquele local para ver o que tinha acontecido. A pregação de Pedro foi constituída de duplo conteúdo: uma parte foi a explicação do fenômeno das línguas, reportando-se ao cumprimento da profecia do profeta Joel (At 2.14-21) e a segunda parte foi a proclamação da vida, morte e ressurreição de Jesus (At 2.22-36).³⁶⁸ O resultado final do discurso de Pedro foi a conversão de quase três mil pessoas, cujas vidas foram sensibilizadas mediante sua pregação. O sentimento predominante daqueles que estavam ouvindo Pedro era de quebrantamento, ou seja, o povo estava convicto do seu pecado, do qual precisavam arrepender-se. E foi a isto que Pedro os instruiu que se arrependessem e fossem batizados em nome de Jesus (At 2.38).³⁶⁹

O exemplo de Pedro é extraordinário; a vinda do Espírito Santo na sua vida possibilitou-lhe um testemunho poderoso e eficaz, pois “Deus capacitou um ser humano

³⁶⁶ ZABATIERO, 2000, p. 733.

³⁶⁷ ZABATIERO, 2000, p. 734.

³⁶⁸ WILLIAMS, 2011, p. 568.

³⁶⁹ MARSHALL, 2014, p. 80.

comum, em uma situação humanamente impossível, a se tornar um canal para a *transformação radical* da existência humana”.³⁷⁰

O segundo evento é o testemunho de Estevão, também em Jerusalém. Estevão era conhecido como um homem “cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo” (At 6.8). Com isso pode-se afirmar que ele exerceu um ministério apostólico de pregação e cura, apesar de Lucas não ter feito nenhum registro nesse sentido.³⁷¹ Neste caso “trata-se de uma atividade carismática (obra do Espírito em Estevão), cujo objetivo é tornar visível em meio ao povo a ressurreição e exaltação de Jesus”.³⁷² Tal fato leva Estevão a sofrer oposição por um grupo de judeus oriundos da diáspora, mas estes não conseguiram vencê-lo na argumentação: “não puderam resistir à sabedoria e ao Espírito com que ele falava” (At 6.10); com isso induziram algumas pessoas para o acusarem publicamente de que ele tinha blasfemado contra Moisés e contra Deus.³⁷³ Em suas obras, Lucas nos mostra que nada pode resistir ao testemunho do Espírito, pois Jesus prometera que o Espírito Santo iria ajudar seus discípulos dando a eles sabedoria para se defenderem quando fossem chamados diante das autoridades (Lc 12.12; 21.15), como vimos nesse exemplo de Estevão.

Outro exemplo de testemunho eficaz é o de Filipe, o evangelista. Um dos sete homens “cheios do Espírito Santo” que foram separados para servir as mesas. “Contudo, quando começou a perseguição contra a igreja em Jerusalém, todos os crentes, exceto os apóstolos, espalharam-se ao longo da Judeia e Samaria. Filipe estava entre eles, e foi para uma cidade de Samaria onde lhes anunciava o Cristo” (At 8.5).³⁷⁴

Com a perseguição aos cristãos em Jerusalém, inicia-se o segundo estágio da missão da igreja dada aos Apóstolos (At 1.8) avançando em direção a Judeia e Samaria. A situação encontrada por Filipe, para testemunhar em Samaria, foi muito mais difícil do que a de Pedro em Jerusalém devido aos conflitos existentes entre os judeus e os samaritanos. Apesar dessa barreira cultural, Filipe consegue anunciar “as boas novas do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo” aos samaritanos, eles creram nele e foram batizados (At 8.12).³⁷⁵ Este na verdade foi um feito extraordinário; jamais Filipe teria conseguido anunciar Cristo aos samaritanos se não fosse mediante o poder do Espírito Santo, mas assim a salvação chegou aos samaritanos por meio do testemunho eficaz de Filipe, homem cheio do Espírito e de sabedoria.

³⁷⁰ WILLIAMS, 2011, p. 569.

³⁷¹ MARSHALL, 2014, p. 124.

³⁷² RICHARD, 1999, p. 85

³⁷³ MARSHALL, 2014, p. 126.

³⁷⁴ WILLIAMS, 2011, p. 569.

³⁷⁵ WILLIAMS, 2011, p. 570.

O terceiro estágio da missão da igreja, até os confins da terra, iniciou com o testemunho e a pregação de um homem que inicialmente foi perseguidor da igreja, Saulo de Tarso, que teve seu nome mudado para Paulo. Ele foi escolhido para testemunhar entre os gentios (At 9.15) e mais tarde, tornou-se o apóstolo dos gentios. Além do testemunho de Paulo ser de longo alcance, ele seria baseado na própria revelação do Senhor a Paulo, ele falaria daquilo que viu e ouviu.

Ao contrário do testemunho de Pedro e Filipe, o testemunho de Paulo foi recebido no princípio de forma negativa. Depois da sua conversão e preenchimento com o Espírito Santo, ‘logo começou a pregar nas sinagogas que Jesus é o Filho de Deus’ (At 9.20). O testemunho de Paulo no poder do Espírito era tão competente que ele ‘confundia os judeus que viviam em Damasco, demonstrando que Jesus é o Cristo’ (v.22). Conseqüentemente, a mensagem de Paulo conseguiu atingi-los, mas, o resultado não foi sua conversão ao Senhor, visto que, decorridos muitos dias, ‘os judeus decidiram de comum acordo matá-lo’ (v. 23). Paulo, de fato, escapou, mas sem haver tido qualquer sucesso aparente em seu testemunho.³⁷⁶

Nem sempre os resultados do testemunho no poder do Espírito são positivos, mas é eficaz, mesmo em meio a adversidade e oposição. Isto demonstra que as pessoas que ouviram um testemunho poderoso, tiveram suas vidas confrontadas e não permaneceram mais as mesmas. Portanto, o papel do cristão cheio do Espírito Santo é testemunhar para impactar e transformar vidas.

Por fim, temos o evento de Atos 4. 23-30, nessa ocasião a comunidade está reunida em oração, pedindo pela sua capacitação, para que pudessem dar continuidade ao testemunho missionário (*parrhesia*³⁷⁷). Pediram também para que Deus estendesse sua mão “para fazer curas, sinais e prodígios por intermédio do nome do teu santo Servo Jesus” (At 4.30). Após a oração, o lugar onde estavam reunidos tremeu, “todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a palavra de Deus” (At 4.31). “O pedido de poder falar a palavra com *parrhesia* é atendido; ele corresponde à promessa, feita por Jesus a seus discípulos, de lhes conceder assistência do Espírito em casos de perseguição (Lc 12.12)”.³⁷⁸ *Parrhesia* em Atos é o testemunho aberto e autoritativo dos discípulos, repetidas vezes Lucas relata a grande coragem de Pedro, Paulo e outros, ao ficarem diante dos judeus ou mesmo dos gentios, proclamando as obras de Deus. Este termo é empregado em At 2.29; 4.13,29,31; 28.31. “Esta

³⁷⁶ WILLIAMS, 2011, p. 572.

³⁷⁷ O significado de *parrhesia* é “liberdade para falar tudo”, segundo sua etimologia. Quando posta em prática esta liberdade de falar, como no caso dos discípulos, ela sofreu oposição (isto ocorria de tempos em tempos). Com isso, *parrhesia* teve seu significado ampliado, passando a significar também “destemor” e “franqueza”. Este termo aparece 31 vezes no NT, destas, 5 vezes em Atos. (Hahn, H. C. Sinceridade/Sóbrio. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2408).

³⁷⁸ MARGUERAT, 2003, p. 122.

intrepidez que provoca assombro (At 4.13), divisão (14.3,4) e perseguição (9.27) não é alguma coisa que o ser humano tem sobre o seu próprio controle. É fruto do Espírito Santo (4.31) que deve ser procurado a cada passo (4.29)”.³⁷⁹

O que permitiu a estes homens proferirem seus discursos audaciosos foi a presença do Espírito Santo em suas vidas, que lhes conferiu poder, autoridade e liberdade de ação para realizarem tais atos. Esta capacitação refere-se ao termo grego *exousia*, que no NT possui um tríplice fundamento: “1º) o poder indicado é um poder de decisão; 2º) essa decisão acontece em relacionamentos ordinários, nos quais o senhorio de Deus é refletido; 3º) como uma autoridade que foi divinamente concedida, *exousia* implica na liberdade da comunidade”.³⁸⁰

A *exousia* significa uma ação absoluta que é própria de Deus, pois dEle procede todo poder e autoridade (Lc 12.5; At 1.7). No NT tanto *dynamis* quanto *exousia* estão relacionados com a obra de Cristo, ambas são formas de capacitação, e Cristo atuava por meio delas. “As duas palavras aparecem juntas em Lc 9.1. *Exousia* não se atribui ao dom do Espírito; enquanto *dynamis* de Jesus fundamenta-se no fato de Ele ser ungido, sua *exousia* se fundamenta no fato de Ele ser enviado”.³⁸¹ Ainda relacionado ao poder e obra de Cristo, “*exousia* denota o direito divinamente conferido e o poder para agir de acordo com sua liberdade (Mt 28.18). Ele é um poder cósmico, mas com uma conotação humana especial (Jo 17.2; Mt 11.27)”.³⁸² Dentro dos limites do seu comissionamento, Jesus possui em si *exousia*, para perdoar pecados (Mc 2.10), expelir demônios (Mc 3.15) e ensinar (Mt 7.29; Lc 4.36); esta mesma *exousia* foi mais tarde outorgada aos seus discípulos.³⁸³

Assim como Cristo foi capacitado com *dynamis* e *exousia* ao receber o Espírito Santo após ser batizado por João Batista, no rio Jordão, os cristãos também são capacitados com estas mesmas formas de poder, ao receberem o Espírito Santo em suas vidas. Isto se comprova pelo que ocorreu no dia de Pentecostes, quando o Espírito veio sobre todos aqueles que estavam reunidos em Jerusalém aguardando a promessa de Cristo. Os cristãos da igreja primitiva foram revestidos de poder do alto, o que lhes tornou ousados e cheios de autoridade, sentindo-se livres para proclamar aquilo que viram e ouviram da parte de Jesus, tornando-se

³⁷⁹ HAHN, H. C. Sinceridade/Sóbrio. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2409.

³⁸⁰ FOERSTER, W. *Exousía*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 263.

³⁸¹ BETZ, 2000, p. 1699.

³⁸² FOERSTER, 2003, p. 264.

³⁸³ FOERSTER, 2003, p. 264.

suas testemunhas. Portanto, sua autoridade é habilitada por Cristo, e o poder que os crentes recebem procede dele.

Mediante a presença da *exousia* e da *dynamis* em suas vidas, não somente permitiu que eles proclamassem a Cristo com autoridade, mas permitiu-lhes a realização de milagres, sinais, prodígios e maravilhas³⁸⁴, tais quais Cristo havia realizado.

Alguns pesquisadores têm ressaltado que o Espírito, na pneumatologia lucana, está relacionado, de uma forma ou outra, à anunciação da palavra. Eles o chamam de espírito da profecia e há alguns fatos que ajudam a concretizar esta afirmativa. No dia de Pentecostes Pedro, em discurso, ao recordar o que havia sido anunciado pelo profeta Joel quanto à promessa da vinda do Espírito (Jl 2.28-31), faz referência à profecia; Lucas deixa isto registrado no final do v.18 de Atos 2, “e não de profetizar” (At 2.18). A vinda do Espírito também concede lucidez à comunicação da palavra. E por fim, a glossolalia, que é um eco do Pentecostes, seja ela na casa de Cornélio (“pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus”; At 10.46), seja em Éfeso (“e tanto falavam em línguas como profetizavam”; At 19.6).³⁸⁵

Essa ideia de que o Espírito é essencialmente um espírito de profecia, Lucas a tem em comum com o judaísmo. Desde o evangelho da infância, a dimensão profética do Antigo Testamento (Lc 1.46,47; 2.25-27) e a inspiração profética do Batista (Lc 1.15,17) são fortemente sublinhadas. A pintura Lucana de Jesus não desmente essa insistência no espírito da profecia. A obra pneumática é uma obra de palavras, e o ‘falar com audácia em nome de Jesus’ (At 9.27) deve ser considerado a marca por excelência do Espírito.³⁸⁶

Profecia e glossolalia, segundo a classificação de Davids, são considerados milagres de inspiração (ver próxima seção). Nas obras lucanas temos evidências nítidas da ação do Espírito de profecia, nas quais percebemos três períodos distintos de atuação do mesmo. i) no início do seu evangelho, Lucas reacende a mensagem profética que a muito havia se apagado, narrando a quebra do silêncio de Deus quando Ele volta a falar com seu povo, conforme fazia antigamente nos dias dos profetas. O reinício da atividade profética apresenta-se com um novo viés, o escatológico, esta nova atividade do Espírito indica o início do tempo da salvação; ii) a vinda do Messias que se refere ao período intermediário. Jesus foi cheio do Espírito Santo e exerceu seu ministério no poder do Espírito, conforme a narrativa de Lucas. Neste período somente Jesus possuía o Espírito. Apesar de haver poucas referências a Jesus

³⁸⁴ Sobre este tema ver próxima seção.

³⁸⁵ MARGUERAT, 2003, p. 122.

³⁸⁶ MARGUERAT, 2003, p. 122.

como profeta, Ele foi considerado como tal pelo povo (Mc 6.15; Lc 9.8; Mt 16.14).³⁸⁷ “A sinagoga, pois, considerava que possuir o Espírito Santo, isto é, o Espírito de Deus, era a marca ideal da profecia. Possuir o Espírito de Deus era ser profeta”.³⁸⁸ Diante dessa afirmativa de Peisker, podemos considerar Jesus como um profeta; iii) o período da igreja, que começa com o Pentecostes (At 2.1) e ocupa grande parte do livro de Atos.

a) O Espírito de profecia em Atos dos Apóstolos – Este terceiro período caracteriza-se como o período da vinda do Espírito, sendo o mesmo derramado sobre todos os cristãos. “Um dos sinais do derramamento superabundante do Espírito é o grande número de profetas cristãos primitivos que se mencionam pelo nome (At 11.27,28; 15.32) e o princípio de que todos os cristãos recebem inspiração profética (At 2.17,18; 19.6)”.³⁸⁹

A profecia cristã em Atos é considerada por Ellis como um poder escatológico do Espírito Santo, vindo da parte de Deus (At 2.17) ou do Jesus ressurreto (At 1.8; 2.17, 33). Outro aspecto apontado por Ellis é a experiência pentecostal das línguas em At 2.4,11,17 ser identificada como profecia. A justificativa apresentada para esta afirmação é que as línguas faladas pelos discípulos eram línguas existentes e foram entendidas pelos povos que estavam ali presentes.³⁹⁰ Carson apoia essa ideia: “em outras palavras, profecia é uma expressão que também abrange línguas; ou, de forma mais generalizada, profecia, línguas, sonhos, visões reveladores são todos colocados em uma única categoria, como a atestação esperada de que o Espírito foi derramado”.³⁹¹

Ellis na sua investigação, busca averiguar qual é o entendimento de Lucas sobre aquilo que se constitui em profecia, e aquilo que a distingue. Certas funções descritas por Lucas em suas obras fazem lembrar as funções exercidas pelo profeta do AT como: a predição de eventos futuros (At 11.28; 20.23), a declaração dos julgamentos divinos (At 13.11; 28.25-28) e o emprego de ações simbólicas (At 21.11). Além disso, os profetas em Atos também expunham as escrituras e exortavam e fortaleciam os discípulos.³⁹²

O Espírito que falou por meio dos profetas do AT, continua a falar na igreja hoje por meio dos profetas da nova era, bem como através de seus líderes reconhecidos (At 15.23-29).

³⁸⁷ PEISKER, C. H. Profeta. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1885.

³⁸⁸ PEISKER, 2000, p. 1885.

³⁸⁹ BROWN, C. Profeta. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1889.

³⁹⁰ ELLIS, Earle E, The Role of the Christian Prophet in Acts. In: GASQUE, W. Ward; MARTIN, Ralph P. *Apostolic History and the Gospel*. Biblical and Historical Essays Presented to F.F. Bruce. Exeter: The Paternoster Press, 1970. p.55. Disponível em: http://biblicalstudies.org.uk/pdf/prophet_ellis.pdf. Acesso 26/11/2015.

³⁹¹ CARSON, 2013, p. 142.

³⁹² ELLIS, 1970, p. 56.

Vejam os alguns exemplos: por meio do profeta Ágabo, ele anuncia uma grande fome no período do governo de Cláudio, permitindo a igreja de Antioquia de tomar medidas oportunas para fornecer para seus companheiros crentes em Jerusalém (At 11:27-30); foi por meio de um dos profetas da Igreja de Antioquia que o Espírito deu orientação para separar Barnabé e Saulo, para realizarem uma atividade especial, para a qual tinham sido selecionados (At 13.1,2).³⁹³

A atividade profética em Atos é abundante, bem como os profetas mencionados são muitos. Lucas considera as elocuições dos apóstolos, mencionadas em diversas ocasiões, como uma atividade profética, de acordo com o exemplo de Atos 2.17,18: “os seus filhos e filhas profetizarão”. Alguns apóstolos não são chamados de profetas, mas tem as marcas de profeta, como é o caso de Pedro, que teve experiências de visões e sonhos em cumprimento a profecia de Joel.³⁹⁴

b) Glossolalia – A palavra glossolalia se originou a partir da junção de dois termos gregos: o substantivo *γλῶσσα* (língua) e o verbo *λαλεῖν* (falar). A fusão destes dois termos gregos é apropriada visto que no NT estas são as palavras usadas para descrever um fenômeno distinto. E este fenômeno pode ser descrito somente por estes dois termos. O verbo *λαλεῖν* é usado com o substantivo *γλῶσσα* no caso dativo. Esta construção ocorre 16 vezes no NT, 12 vezes com *γλῶσσα* no plural *γλώσσαις*, e 4 vezes no singular, *γλώσση*.³⁹⁵

Em Atos 2.4, em decorrência da vinda do Espírito Santo, os discípulos falaram em outras línguas, nesta passagem a expressão usada é *λαλεῖν ἐτέραις γλώσσαις*. Neste caso, diferentemente das demais ocorrências no NT, aparece o termo *ἐτέραις* (diferentes/outras), ficando subentendido a referência a uma linguagem conhecida, que Carson classifica como “Xenoglossia – idiomas humanos, reais, nunca antes aprendidos por aqueles que falavam”.³⁹⁶ Em nenhuma outra passagem do NT encontramos estas duas palavras *ἐτέραις γλώσσαις* juntas, com exceção da citação de Is 28.11,12, feita por Paulo em 1Co 14.21. Nesta passagem de Isaías a referência é clara e inconfundível à línguas estrangeiras, como também ocorreu em Atos 2.4. A Xenoglossia em Pentecostes, é comprovada pelo fato dos peregrinos, originários de vários países, terem ouvido suas línguas

³⁹³ BRUCE, F. F. *Luke's Presentation of the Spirit in Acts*. Buxton, Derbyshire, England: Criswell Theological Review 5.1, 1990. p. 28. Disponível em:

https://faculty.gordon.edu/hu/bi/ted_hildebrandt/ntesources/ntarticles/ctr-nt/bruce-spiritinacts-ctr.pdf. Acesso: 25/11/2015.

³⁹⁴ BROWN, 2000, p. 1889

³⁹⁵ ELDEREN, B. Van. *Glossolalia in The New Testament*. JETS 7. Michigan: Calvin Seminary, 1964, p. 53.

³⁹⁶ CARSON, 2013, p. 140.

maternas sendo faladas pelos discípulos galileus (At 2.9,10), sem que eles tivessem aprendido tais línguas. Neste sentido falar em línguas é um milagre.³⁹⁷

Certamente ocorreu um milagre em Pentecostes, mas o milagre é de fala ou de audição? A maioria dos estudiosos pende para o milagre da fala, porque “foge ao texto argumentar que esse foi um milagre da audição, e não da fala, pois o propósito de Lucas é associar a vinda do Espírito com a atividade do Espírito entre os crentes, e não postular um milagre do Espírito entre aqueles que ainda não eram crentes”.³⁹⁸ Mas há quem diga que o milagre das línguas é tanto da fala quanto da audição.³⁹⁹

Temos o registro de diversos sinais que ocorreram no dia de Pentecostes, conhecidos também como sinais inaugurais. Estes sinais são o som de um vento forte e as línguas de fogo, encontrados somente nesta passagem de Atos 2. Mas o sinal externo que ocorreu em outras ocasiões⁴⁰⁰ e que acompanhou esta experiência espiritual profunda foi o “falar em outras línguas”. A pronúncia da língua não era estática, mas como o termo ἀποφθέγγεσθαι (falar) sugere, a elocução dos discípulos era poderosa e cheia de autoridade. O Espírito capacita os discípulos a falar numa variedade de línguas estrangeiras como vemos em Atos 2.9-11, mas as palavras por eles pronunciadas não procediam de suas mentes e pensamentos. Isto foi um ato sobrenatural do Espírito que os capacitou para falar nos idiomas dos peregrinos presentes em Jerusalém. Quando os discípulos receberam o dom do Espírito, todos falaram em línguas, mas ao mesmo tempo eles mantinham o controle de suas faculdades mentais. Eles eram porta-vozes do Espírito toda vez que Ele falava através deles, mas quanto a execução da fala em línguas eles tinham pleno domínio sobre, e poderiam parar de falar quando quisessem.⁴⁰¹

As línguas são consideradas por alguns grupos religiosos como um meio de evangelismo. Enquanto outros, a consideram como um instrumento pré-evangelismo. Os que defendem a primeira idéia, alegam que pelo fato dos discípulos estarem adorando e exaltando a Deus nas línguas nativas dos presentes em Jerusalém (nós os ouvimos declarar as maravilhas de Deus em nossa própria língua, At 2.11), eles, com isso, as estavam evangelizando. O problema dessa linha de interpretação é que as línguas não são evangelísticas, mesmo em Atos 2, porque essa é a única passagem em que línguas são

³⁹⁷ ARRINGTON, 1988, p.22.

³⁹⁸ CARSON, 2013, p. 140.

³⁹⁹ ELDEREN, 1964, p. 54.

⁴⁰⁰ Em Atos dos Apóstolos temos quatro ocorrência desse fenômeno (2.4,11; 10.46; 19.6).

⁴⁰¹ ARRINGTON, 1988, p. 23.

pronunciadas sem a necessidade de intérprete e são entendidas até por aqueles que não creem.⁴⁰²

Aqueles que defendem a segunda opção, alegam que as línguas “mesmo tendo sido idiomas humanos reais e mensagens cognitivas comunicadas, não é nada claro que tais mensagens fossem essencialmente evangelísticas”.⁴⁰³ O que atrai a multidão para onde estavam reunidos os discípulos são as línguas que eles ouviam falar, pois os discípulos cheios do Espírito Santo estavam declarando “as grandezas de Deus” *τὰ μεγαλεῖα τοῦ θεοῦ* (At 2.11). Temos a forma verbal da mesma expressão em At 10.46, *καὶ μεγαλυνόντων τὸν θεόν* e At 19.17, *καὶ ἐμεγαλύνετο τὸ ὄνομα τοῦ κυρίου Ἰησοῦ*. Todas estas expressões tratam de adoração, na forma de línguas, e não de evangelismo propriamente dito. A aglutinação é formada pela adoração em seu próprio idioma, dentre os quais haviam simpatizantes e contrários, mas nenhuma conversão. As conversões aconteceram com a pregação do Apóstolo Pedro.⁴⁰⁴

Este é o único registro no NT, de alguém falar um idioma existente, que ao mesmo tempo para o falante é desconhecida, esta não é uma evidência comum do batismo no Espírito Santo. A veracidade da glossolalia não pode ser decidida pela presença ou ausência da fala de uma língua estrangeira. Se compararmos o milagre de Pentecostes com outros registros de glossolalia em Atos (10.46; 19.6) e também os registros de Paulo na segunda carta aos Coríntios, não encontramos uma relação direta a línguas estrangeiras. A ocorrência de glossolalia em Pentecostes é uma capacitação de elocução dada pelo Espírito Santo, enquanto Paulo enfatiza que falar em línguas é um dom do Espírito, e para o exercício do mesmo, é necessário vir acompanhado de interpretação para edificação da igreja local (1Co 12.7-10).⁴⁰⁵

3.1.3 Ponderações Finais

O empoderamento do cristão é necessário para que haja um testemunho eficaz, assim como foi o de Jesus, pois Ele pregava com autoridade e com a mesma autoridade curava enfermos, expulsava demônios e realizava muitos sinais e milagres entre o povo. O propósito de Deus para com o ser humano é enchê-lo de poder e autoridade para que anuncie a Cristo e sua obra de salvação e também realize as obras que Cristo realizou. Este empoderamento se dá mediante a habitação plena do Espírito Santo na vida do ser humano, após sua conversão e

⁴⁰² CARSON, 2013, p. 145.

⁴⁰³ CARSON, 2013, p. 144.

⁴⁰⁴ CARSON, 2013, p. 144.

⁴⁰⁵ ARRINGTON, 1988, p.22.

para tal Deus escolheu homens e mulheres capacitando-os para esta missão. A capacitação com o Espírito Santo é imprescindível para o cristão enfrentar a oposição, quer seja ela religiosa, cultural ou ideológica e é por meio dela que ele terá êxito na sua missão como testemunha, assim como os discípulos da igreja primitiva também tiveram. Apesar de nem sempre terem tido resultados satisfatórios em sua missão, contudo foram eficazes, pois o objetivo de anunciar a salvação em Cristo estava sendo alcançado. Por fim, a abundante atividade profética mencionada em Atos dos Apóstolos em virtude da ação do Espírito de Profecia, sendo esta entendida como um evento escatológico, bem como a menção frequente dos profetas e de suas atividades.

3.2 As obras do Espírito Santo em Atos dos Apóstolos

O livro de Atos tem sido muitas vezes chamado “O Evangelho do Espírito Santo”; pelo fato de Lucas dedicar seu segundo livro à narrativa das obras do Espírito no contexto da igreja primitiva. O que vemos neste livro é uma demonstração prática da obra do Espírito. Para Lucas, tudo o que acontece na vida da igreja, do início ao fim de sua história é, de uma forma ou outra, controlada, inspirada e promovida pelo Espírito Santo. Ele vê a igreja como povo de Deus, que está avançando mediante o cumprimento do propósito de Deus para o mundo, não por sua própria capacidade, mas no poder do Espírito. Esta é a igreja cheia do Espírito, e seus membros são homens e mulheres comuns que tem sido dotados com o dom de Deus.⁴⁰⁶

Analisando o livro de Atos dos Apóstolos percebemos a importância que Lucas dá ao Espírito, que faz nascer a igreja, que a estabelece como uma igreja missionária e a torna universal. A nova comunidade recebe poder para testemunhar de Jesus, o que a faz crescer “construída e avançando no temor do Senhor e no encorajamento do Espírito Santo; enquanto o primeiro fator na edificação do povo de Deus (o temor do Senhor) é tipicamente veterotestamentário, o segundo (o Espírito) é uma inovação lucana”.⁴⁰⁷

Mediante a capacitação do Espírito no dia de Pentecostes, o povo de Deus foi capacitado a fazer a missão da igreja. Ao longo dos Atos, o Espírito é a fonte da direção e do poder para os crentes testemunharem da graça salvadora de Cristo. As ações, ensinamentos e experiências de Cristo fornecem o padrão para as ações, ensinamentos e experiências da igreja. Da mesma maneira que pela unção do Espírito Jesus se tornou o Cristo carismático, assim também, no dia de Pentecostes,

⁴⁰⁶ NEIL, William. *The New Century Bible Commentary: The Acts of the Apostles*. London: Marshall, Morgan & Scott, 1981. p. 53.

⁴⁰⁷ MARGUERAT, 2003, p. 121.

pelo batismo com o Espírito, os discípulos se tornaram uma comunidade carismática.⁴⁰⁸

Outro ponto relevante a ser abordado nessa seção é quanto às formas de manifestação do Espírito. Lucas descreve a glossolalia e as curas miraculosas como sinal da ação do Espírito Santo na vida da igreja primitiva. A terceira marca da presença do Espírito é a profecia, que ocorre com frequência na narrativa de Lucas. Mas em formas menos surpreendentes do que estas que acabamos de descrever, o Espírito é apresentado por Lucas como a principal força propulsora no dia-a-dia dos primeiros cristãos. Foi o Espírito que deu aos apóstolos, estes homens comuns e iletrados, como são chamados por Lucas (At 4.13), a audácia que lhes permitiu enfrentar as ameaças do Sinédrio; que os fortaleceu para suportar a perseguição, não com resignação, mas com exultação; que deu à jovem comunidade um sentimento de profunda comunhão, que os levou a instituir um fundo comum para ajudar os membros mais pobres.⁴⁰⁹

No entendimento de Marguerat, o Espírito está na origem do testemunho e não na fé individual da pessoa, que nasce ao ouvir o evangelho de Cristo. Ele vê esta ordem confirmada na evangelização de Samaria (At 8.5; 8.14-17) e nas palavras de Jesus em Atos 1.8. Sua alegação é que a fé dos seguidores de Jesus teve sua origem na convivência deles com Jesus, precedendo a vocação de testemunhas e o recebimento do Espírito.⁴¹⁰

Na sequência, analisaremos as obras do Espírito Santo de maior relevância descritas em Atos dos Apóstolos, que serviram e continuam servindo como testemunhas da presença do Espírito e da *dynamis* na vida dos apóstolos e da igreja.

3.2.1 Operação de Milagres, Sinais e Maravilhas

A etimologia da palavra milagre indica algo que causa admiração. “Um fato ou evento que não parece ter explicação adequada é um objeto de admiração, e assim são descritos os milagres. Toda vez que ocorre um milagre nas escrituras, eles são objeto de admiração, assombro, deslumbramento e até perplexidade”.⁴¹¹ O termo milagre ocorre 6 vezes em Atos, destas, 3 vezes com o termo *δύναμις* e 3 vezes com o termo *σημεῖον*.⁴¹²

⁴⁰⁸ ARRINGTON, 2012, p. 302.

⁴⁰⁹ NEIL, 1981, p. 56, 57.

⁴¹⁰ MARGUERAT, 2003, p. 121.

⁴¹¹ WILLIAMS, 2011, p. 127.

⁴¹² BibleWorks versão 9.0.

Em Atos dos Apóstolos os acontecimentos que as três expressões acima denominam geralmente são narradas como acontecimentos concomitantes, apresentados como resultado da *δύναμις* presente em pessoas cheias do Espírito Santo. As manifestações destas obras extraordinárias do Espírito Santo causavam grande admiração no povo. Vejamos o que diz Arrington:

Estes termos não significam três tipos diferentes de ação, mas descrevem o mesmo trabalho divino. As maravilhas de Jesus são trabalhos poderosos, porque foram feitos pelo poder de Deus. Como prodígios, eles despertaram assombro naqueles que os testemunharam. Como sinais, significaram a aprovação de Deus do que Jesus tinha ensinado com relação a eles.⁴¹³

As palavras gregas para estes termos e que descrevem as obras sobrenaturais do Senhor Jesus e da sua igreja são: *δύναμις* (poder/milagre) “descreve um exercício de poder divino e demonstra o fato de que forças superiores penetraram e estão trabalhando neste nosso mundo inferior”;⁴¹⁴ *σημεῖον* (sinal) “simboliza a verdade celestial e indica a imediata conexão com um mundo espiritual mais elevado”⁴¹⁵; *τερας* (prodígio) significa “sinal milagroso”, “prodígio”, “maravilha”. “No NT, *teras* ocorre 16 vezes, em Atos 9 vezes, exclusivamente no plural e somente em combinação com *semeion* (sinal)”.⁴¹⁶ Atos 2.22 é onde encontramos estes termos reunidos no mesmo versículo: “Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós, com milagres (*δύναμις*) , prodígios (*τερας*) e sinais (*σημεῖον*), os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos bem sabeis”.

Na sequência vamos discorrer sobre cada um destes termos explorando suas peculiaridades e inter-relações. Iniciaremos com o termo *δύναμις*, na sequência veremos o termo *σημεῖον* e, por fim, o termo *τερας*.

δύναμις - Como vimos no primeiro capítulo, este termo significa poder, força, capacidade, habilidade, sendo abordado de forma ampla. Neste capítulo nosso interesse está em explorar o significado do termo como milagre, resultado de atos poderosos. Para Lucas, o poder dado por Deus tem relação direta com o Espírito Santo, para operação de milagres.⁴¹⁷ Na maioria das narrativas bíblicas temos a ocorrência de milagres ou intervenções divinas observados em acontecimentos humanos. Em Atos encontramos 20 relatos de milagres, que

⁴¹³ ARRINGTON, 2012, p. 635.

⁴¹⁴ VOS, Howard F. Milagres. In: PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Tradução Degmar Ribas Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 1267.

⁴¹⁵ VOS, 2007. p. 1267.

⁴¹⁶ HOFIUS, O. *Teras*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 1293.

⁴¹⁷ BETZ, 2000, p. 1694.

apontam para a atividade divina e também para autenticar o ensino e a missão daquele que recebeu autoridade concedida por Deus.⁴¹⁸ Os milagres narrados no evangelho de Lucas, realizados por Jesus, são chamados de *dynameis* (poderes/obras poderosas), e o ministério de Jesus foi autenticado por meio da realização destes milagres. Atos dos Apóstolos dá continuidade à narrativa dos milagres iniciada no evangelho de Lucas, usando o mesmo termo *dynameis*, para falar dos milagres realizados pelos apóstolos.⁴¹⁹ Temos algumas semelhanças nas obras de Lucas quanto à descrição dos milagres, mas também se podem perceber diferenças significativas. Enquanto no evangelho predominam os milagres de cura (a grande maioria realizados por Jesus), em Atos tem proeminência os milagres de proteção ou livramento.⁴²⁰ Davids divide os milagres de Atos dos apóstolos em três grupos:

i) milagres de inspiração – nesta categoria de milagres está incluso o Pentecostes (At 2.1-13), sendo este o de maior destaque. Pode-se juntar a esse grupo a glossolalia e a profecia (At 19.6), apesar de haver algumas ressalvas quanto a essa inclusão. Alguns estudiosos entendem que essas experiências não podem ser contadas entre os milagres de Atos em razão de não ter nenhum fenômeno físico envolvido, mas essa não era a intenção do autor de Atos, e sim, demonstrar que Deus, através do seu Espírito estava conduzindo e viabilizando a missão da igreja⁴²¹ (ver seção anterior).

ii) milagres de cura⁴²² – os milagres de cura narrados no livro de Atos são poucos, se compararmos com os que Jesus realizou, segundo o registro dos evangelhos.⁴²³ Dentre as várias ocorrências registradas em Atos, temos a cura de um coxo de nascença, que estava assentado à porta do templo chamada Formosa (At 3.1-10), que foi curado pelos apóstolos Pedro e João. Outro exemplo é a cura de um paralítico (At 9.32-35), e este fora curado pelo apóstolo Pedro. E um terceiro exemplo, é a cura de um homem aleijado, paralítico desde o seu nascimento (At 14.8-18), e este fora curado pelo apóstolo Paulo. Além destas, temos outras ocorrências de milagres registrados por Lucas, como o exorcismo de um espírito maligno (At 16.16-24), a ressurreição de Êutico (At 20.7-12) e a cura de um homem febril (At 28.7-10). Percebemos nos relatos de Atos que as curas realizadas pelos apóstolos, exemplos apresentados acima, tinham o mesmo caráter das curas realizadas por Jesus durante seu

⁴¹⁸ DAVIDS, P. H. Milagres, Relatos de Milagres II: Atos. In: REID, Daniel G. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução de Márcio L. Redondo, Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 940.

⁴¹⁹ FITZMYER, 2003. p. 345.

⁴²⁰ DAVIDS, 2012, p. 941.

⁴²¹ DAVIDS, 2012, p. 941.

⁴²² Este tema está relacionado à capacitação pelo poder do Espírito (*dynamis*) para realização destas obras.

⁴²³ WATERSON, A. P. Doença e Cura. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 441.

ministério.⁴²⁴ Isto prova a autenticidade do ministério dos apóstolos e também que Cristo estava corroborando com eles.⁴²⁵

Alguns pontos quero considerar a respeito das curas. Primeiro, existe uma estreita relação entre a anunciação da palavra e a cura. Como ocorrera com Filipe em Samaria, as pessoas ouviram a pregação da palavra e viram as obras de cura, levando-as a dar crédito ao que estava sendo dito. Segundo, as curas nem sempre são de enfermidades de natureza física, mas podem ser também de natureza espiritual (At 5.16). E terceiro, não há limitação quanto ao tipo de doença das quais as pessoas foram curadas; tanto psicossomáticos quanto pessoas com doenças orgânicas eram curas.⁴²⁶ Ainda, o perdão dos pecados está vinculado à cura (Mc 9.2-8; Lc 5.18-26), passando a ser um ponto crucial naquele que recebe a cura.⁴²⁷

Outro quesito na realização dos milagres é a fé. Elemento nem sempre presente naquele que é alvo do milagre, prova que este é uma dádiva de Deus, e que o homem está totalmente aleatório a este acontecimento e também não possui nenhuma contribuição neste processo. E ainda, é o meio pelo qual Deus manifesta seu amor e misericórdia para conosco.

Tanto o Senhor Jesus Cristo, como no caso do homem cego de nascença (Jo 9.1-38), quanto os apóstolos, como no caso do coxo curado por Pedro no templo (At 3.1-11), curaram aqueles que inicialmente não tinham nenhuma fé. Mas Cristo e os apóstolos também curaram outras pessoas com base na fé que elas possuíam (Mt 9.29; Mc 5.34; 10.52; Lc 7.50; 8.48; 17.19; At 14.9). Isto prova que as curas do Novo Testamento somente algumas vezes se basearam na fé da pessoa que foi curada.⁴²⁸

Há uma clara distinção entre os milagres de Jesus e os milagres apresentados nas narrativas judaicas e helenísticas, sendo o primeiro uma alusão escatológica. “As palavras e as obras de Jesus são o início da era da salvação, e os milagres são um prenúncio e uma promessa da redenção universal vindoura”.⁴²⁹

Desta forma, a expulsão dos demônios é sinal de que Deus está invadindo o reino de satanás, e o aniquilamento definitivo deste (Mt 12.29; Mc 3.27; Lc 11.21-22; Is 49.24-25); a ressurreição dos mortos anuncia que a morte será abolida para sempre (1Co 15.26; Ap 21.4); a cura dos enfermos dá testemunho à cessação de todo o sofrimento (Ap 21.4); os suprimentos milagrosos de comida são prenúncios do fim de todas as necessidades físicas (Ap 7.16-17); a tempestade acalmada indica a futura vitória completa sobre os poderes do caos que agora ameaçam a terra (Ap 21.1).⁴³⁰

⁴²⁴ WATERSON, 1995, p. 441.

⁴²⁵ KILLEN, R. A. Cura, Saúde. In: PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Tradução Degmar Ribas Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 512.

⁴²⁶ WILLIAMS, 2011, p. 578.

⁴²⁷ HOFIUS, O. *semeion*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 1291.

⁴²⁸ KILLEN, 2007, p. 512.

⁴²⁹ HOFIUS, 2000, p. 1291.

⁴³⁰ HOFIUS, 2000, p. 1291.

João, no seu evangelho, também expressa os milagres de Jesus como um evento escatológico, enfatizando a realidade histórica dos eventos. “Os milagres são entendidos como sinais que indicam para além de si mesmos, para aqueles que os opera”.⁴³¹ Eles são a identidade de Jesus que validam sua natureza celestial, como filho de Deus (Jo 20.30), que veio para trazer a totalidade da salvação escatológica, além de revelar sua glória (Jo 2.11; 11.4), a glória do Pai (Jo 1.14).⁴³²

Os milagres de cura registrados nos tempos apostólicos geralmente são milagres individuais - essa é uma característica do NT, enquanto no AT os milagres são mais frequentemente milagres da natureza - e são poucos os registros que falam de curas múltiplas, as ocorrências que temos são as de At 5.15,16 e o caso do uso das vestes do apóstolo Paulo (lenço) em At 19,11,12.⁴³³ Contudo, estas diferenças entre o NT e o AT não mudam o significado dos milagres de cura, “ambos os tipos exibem o poder de Deus sobre o mal e seus efeitos. Porém, a característica mais importante dos milagres é sua conexão com a revelação”.⁴³⁴

Por fim, os registros destes milagres na Bíblia ocorrem com um propósito e estão diretamente relacionados aos períodos da revelação profética. “Mateus liga os milagres de cura feitos por Cristo com a profecia de Is 53.4 (Mt 8.17) e o próprio Cristo referiu-se aos mesmos como evidência da validade de sua afirmação que era o Messias (Lc 7.22; Jo 10.37,38)”.⁴³⁵ Outro fator atestador daquilo que Isaías havia profetizado a respeito do Messias é testemunhado por Pedro em At 2.22, referindo-se as obras que Cristo efetuara, que eram de natureza tríplice como milagres, prodígios e sinais.

iii) milagres de proteção ou livramento – por meio da intervenção poderosa de Deus, pessoas são tiradas de perigos ou de alguma situação de risco. Aqui podemos citar o livramento do apóstolo Paulo de um naufrágio (At 27.23,24), apesar de alguns estudiosos não considerarem este um milagre, porém Atos o proclama como um livramento divino. Paulo também sobreviveu a um apedrejamento (At 14.19,20).⁴³⁶

Os milagres acima descritos ocorreram com objetivos específicos: a) o estabelecimento do cristianismo e a chancela da divindade da pessoa de Cristo; b) os milagres na era apostólica eram as credenciais que os acreditavam como enviados de Deus (At 6.8; 8.5-

⁴³¹ HOFIUS, 2000, p. 1291.

⁴³² HOFIUS, 2000, p. 1292.

⁴³³ WATERSON, 1995, p. 441.

⁴³⁴ WATERSON, 1995, p. 441.

⁴³⁵ WATERSON, 1995, p. 442.

⁴³⁶ DAVIDS, 2012, p. 942.

7),⁴³⁷ c) o da evangelização, pois “os milagres de Filipe em Samaria, a cura do mendigo coxo na porta do templo e do coxo de Listra abriram as portas para a oportunidade de testemunhar a respeito de Cristo (At 3,4; 8.6-8; 14.8-18)”.⁴³⁸ Os milagres são obras realizadas por homens capacitados com a *dynamis* de Deus, com o propósito de validar o ministério de Cristo e a ele testemunhar. “Na igreja primitiva, esses milagres autenticaram a mensagem profética e deram ao cristianismo um começo poderoso. E foi assim que os cristãos primitivos deram continuidade à missão de Cristo por meio do poder de seu Espírito”.⁴³⁹ Outro objetivo é a manifestação do poder de Deus através da presença e plenitude do Espírito Santo na vida de Jesus Cristo e dos apóstolos, que mediante este poder operavam milagres sinais e maravilhas.

Na relação entre Espírito e milagres há uma vertente que defende a dissociação dos mesmos. E o principal defensor dessa vertente é Schweizer, ele faz a seguinte afirmação: “Em Lucas, os milagres não estão associadas ao Espírito, mas ao nome de Jesus, à fé em Jesus, ao próprio Jesus, à oração, ao contato corporal com os apóstolos e ao poder de Jesus. O Espírito capacita os discípulos a falarem em línguas e a profetizarem” (At 2.4; Lc 1.41,67).⁴⁴⁰ Seguindo nessa linha de raciocínio, em Atos, os milagres realizados por Jesus (At 2.22), Pedro (At 4.7), Estevão (At 6.8), Filipe (At 8.10) e Paulo (At 19.11) são atribuídos a *δύναμις* (força), jamais ao Espírito. Lucas teria limitado a obra do Espírito somente à pregação profética, eliminando qualquer relação com os milagres. Esta com certeza é uma forma radical de compreender esta relação, podendo trazer um embaraço teológico.⁴⁴¹

Como refutação a esta posição radical de Schweizer, são apresentados três argumentos concernentes à dinâmica da palavra, ao poder taumátúrgico e ao conceito de *dynamis*. Esta refutação apresentada por Marguerat é baseada nas conclusões de Fr. Bovon.⁴⁴²

Primeiro, a palavra é acompanhada de sinais visíveis; esse conceito dinâmico da palavra é veterotestamentário, e Lucas é sensível a isso (ver os sumários At 2.42-47; 4.32-35; 5.12-16, bem como 6.8; 11.24; 13.12 etc). Segundo, o poder taumátúrgico é um efeito do Espírito, é uma convicção comum a todo cristianismo primitivo. Isso é confirmado pela pregação programática de Jesus em Nazaré (Lc 4.16-21), em que a citação de Is 61.1s. (“O Espírito do Senhor está sobre mim”) se inscreve no quadro de uma teologia messiânica do jubileu, que menciona o resgate dos cativos, a cura dos cegos e a libertação dos oprimidos (v. 18). É igualmente significativo que no discurso de Pedro na casa de Cornélio ouçamos falar de um Jesus “ao qual Deus conferiu a unção do Espírito Santo e do poder, este Jesus que passou por toda a parte

⁴³⁷ DAVIS, John. *Novo Dicionário da Bíblia*: Ampliado e Atualizado. Tradução de J. R. Carvalho Braga. 3. ed. São Paulo: Hagnos, 2005. p. 395.

⁴³⁸ KILLEN, 2007, p. 512.

⁴³⁹ CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. Vol. 4. p. 274.

⁴⁴⁰ SCHWEIZER, 2013, p. 249.

⁴⁴¹ MARGUERAT, 2003, p. 123.

⁴⁴² MARGUERAT, 2003, p. 123.

como um benfeitor, curando a todos os que o diabo mantinha escravizados (At 10.38); a atividade de curar doenças concretiza a unção “com o Espírito Santo e com poder”, e essas duas noções aparecem aqui como termos adjuntos. Terceiro, o próprio termo “poder” (*dynamis*), presente em At 10.38, pode ser também uma designação do Espírito. É o caso de Lc 1.35; 24.49; At 1.8. Os dois termos estão ligados em Lc 1.17; 4.14; At 10.38. Essas proximidades do vocabulário não implicam também uma proximidade entre o Espírito e os milagres?⁴⁴³

Quem também refuta a tese de que Lucas concentra sua pneumatologia na palavra profética é Turner, com os seguintes argumentos: a) Em At 7.21s., Lucas identifica de forma específica o termo *πτωχοι* (pobre) sendo aquele que ouve boas novas, como é o caso do possesso, do cego, do aleijado e do leproso que foram curados por Jesus. As boas novas que foram pregadas a eles, no contexto, não são nada menos do que a efetiva proclamação da palavra e de sua conseqüente libertação da opressão de Satanás, (Lc 11.20ss; 13.16; At 10.38). b) Na expressão *ἔχρισεν αὐτὸν ὁ θεὸς πνεύματι ἁγίῳ καὶ δυνάμει* (como Deus ungiu [a Jesus de Nazaré] com o Espírito Santo e poder) em At 10.38, encontramos a origem do poder de Jesus para curar, como também sua unção com o Espírito. c) O relato de Lc 4.14 nos diz que Jesus retornou do deserto *ἐν τῇ δυνάμει τοῦ πνεύματος* (no poder do Espírito), este fato contempla os sinais por Ele realizados, *φήμη ἐξῆλθεν καθ’ ὅλης τῆς περιχώρου περὶ αὐτοῦ* (e isto fez com que sua fama fosse conhecida em toda a região) Lc 4.14b, 23, 37; 5.5. Para Turner, em hipótese alguma, se sustenta a tese de que os milagres realizados tanto por Jesus quanto pelos seus discípulos ocorrem sem a participação do Espírito, ou seja, *dynamis* e *pneuma* estão diretamente relacionados na realização de milagres.⁴⁴⁴

σημεῖον – Esta palavra é utilizada para indicar milagre, como vimos anteriormente, com o propósito de ensinar (At 4.12,22; 6.8 e 15.12). Mas pode também significar sinal, disto temos como exemplo as diferentes línguas ouvidas no dia de Pentecostes. “Esse é um ‘sinal’, um acontecimento fora do curso natural e das operações da inteligência humana, que deu evidência da presença e do poder do Espírito Santo”.⁴⁴⁵ As línguas são ainda consideradas um sinal para os incrédulos tanto em Atos (At 2.5-13), como para Paulo (1Co 14.22).⁴⁴⁶ Neste sentido, temos nos evangelhos sinóticos e em Atos várias aplicações dessa expressão, como é o caso do sinal dado aos pastores que os leva a busca do recém nascido(Lc 2.15), ao passo que

⁴⁴³ BOVON, 1988 apud MARGUERAT, 2003, p. 123.

⁴⁴⁴ TURNER, M. M. B. *Jesus and the Spirit in Lucan Perspective*. Tyndale Bulletin 32 (1981) p. 17,18. Disponível em: http://www.tyndalehouse.com/tynbul/library/tynbull_1981_32_01_turner_jesusandspirintluke.pdf. Acesso: 02/12/2015.

⁴⁴⁵ TRENCHARD, E. H. Atos. In: BRUCE, F. F. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Tradução Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. p. 1763.

⁴⁴⁶ CHAMPLIN, 2014, p. 119.

eles, de forma implícita, tornam-se um sinal para Maria. Caso semelhante é o beijo de Judas em Jesus, indicando quem os guardas deveriam prender. “Repetidamente estes sinais ou milagres eram considerados como evidências da autenticidade do Evangelho”.⁴⁴⁷ Nos sinóticos mais especificamente falando, há uma demanda por *semeíon*, principalmente pelos escribas, pois eles pedem um sinal à Jesus da parte de Deus, que os convença da autenticidade do seu ministério e assim dissipe toda dúvida a seu respeito.

Os autores sinóticos fazem uso da palavra *dynamis*, e não *semeíon*, nas narrativas dos milagres de Jesus; isto por sua vez, gera a necessidade de um sinal porque os rabinos fundamentam sua autoridade na Escritura, suspeitando que esses milagres realizados por Jesus sejam atos puramente humanos e dessa forma carecem de uma comissão divina específica. Num primeiro momento, este pedido dos rabinos parece natural, pelo fato de Jesus agir em seu próprio poder e de forma independente da tradição mas, por outro lado, é uma demanda inadequada, pois ela busca impor seus próprios preceitos a Deus, tirando assim a liberdade da ação divina (Lc 11.29; Mt 12.39).⁴⁴⁸

A palavra *semeion* também abrange nuances semelhantes de significado. i) Uma autenticação miraculosa de um mensageiro enviado por Deus. O poder de operar milagres ou de produzir ‘sinais’ autenticadores era esperado, no mundo antigo, da parte daqueles que afirmavam ser mensageiros da parte de Deus. O povo da Galileia pediu tais provas das reivindicações de Jesus. ii) Uma indicação da presença de Deus agindo por meio de graça ou de julgamento. Os discípulos esperavam demonstrações de poder e manifestações externas, ‘milagres, sinais e maravilhas’ experimentadas pela igreja primitiva, em confirmação ao poder do evangelho (At 2.43; 4.30).⁴⁴⁹

Muitos sinais foram concedidos aos judeus, onde o próprio Deus se manifestou com sinais de poder e amor, mas não eram estes os sinais que eles buscavam. “Eles queriam sinais de um Reino Messiânico externo, de triunfo temporal, de grandeza material para o povo escolhido”.⁴⁵⁰ Dentre os sinais que confirmavam o que Deus tinha realizado por meio do sacrifício expiatório de Jesus temos a ressurreição e ascensão de Jesus, o envio do Espírito Santo no dia de Pentecostes e os atos poderosos realizados por intermédio do ministério

⁴⁴⁷ TURNER, G. A. Sinais. In: TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*. Tradução da equipe de colaboradores da Cultura Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. 5, p. 654.

⁴⁴⁸ RENGSTORF, K. H. *semeion*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 394, 395.

⁴⁴⁹ JONES, A. A. Sinal. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 1533, 1534.

⁴⁵⁰ VINE; UNGER; WHITE JR, 2002, p. 995

apostólico, como também através das operações sobrenaturais das novas comunidades, com a manifestação das línguas e profecias.⁴⁵¹

Em Atos dos Apóstolos, *semeion* (uso isolado do termo) está mais relacionado com as curas. No texto de Atos 4.16,22, a expressão *semeion* ocorre relacionado a cura de um coxo, já em Atos 8.6,13 (no v. 13 é usado *dynamis*), o termo descreve os feitos de Filipe. Então *semeion*, em Atos, pode ser o sinal de um milagre que ocorreu ou pode ser o próprio milagre, neste caso é usado o termo *dynamis* (At 2.22; 8.13; 19.11). Lucas também usa em Atos a expressão *semeia kai téрата*;⁴⁵² ela aparece nove vezes neste livro, e o uso é muito semelhante ao dos sinóticos, ou seja, “as obras são sinais, porquanto são acontecimentos notórios que apontam para aquele em cujo nome e poder elas são realizadas”.⁴⁵³ Atos inaugura um novo aspecto a partir da morte e ressurreição de Cristo: é a sequência de *semeia*, isto é, “as obras poderosas não são maravilhas, elas demandam interpretação e estão, assim, subordinadas à palavra como atos obedientes e altruístas que são feitos no poder de Jesus e por causa dele”.⁴⁵⁴

Enquanto em Atos dos Apóstolos Lucas usa ambas as palavras, *dynamis* e *semeion* para se referir a milagres, João em seu evangelho usa somente a palavra *semeion*. São poucos os milagres inclusos neste evangelho, os que foram escolhidos são aqueles que provocaram uma maior reação no povo. “João está interessado não somente no evento, mas também no seu significado ou importância. Neste evangelho, entre os fariseus e todos os outros, um milagre ou uma obra de Deus tem somente uma explicação: ele indica o poder e aprovação de Deus”.⁴⁵⁵

τερας – significa “algo estranho” que leva o observador a maravilhar-se. “Este termo é sempre usado no plural e geralmente depois do termo *semeia* (sinais);⁴⁵⁶ o oposto ocorre em At 2.22,43; 6.8; 7.36; em At 2.19, o termo *téras* aparece sozinho com o significado de prodígios”.⁴⁵⁷

Isto ocorre não porque *téras* seja um termo apagado, mas porque este termo não se encaixa muito bem com os objetivos da proclamação. “Para as obras poderosas de Jesus, *dynamis* é melhor para ressaltar uma inequívoca interpretação cristológica. *Téras* pode sugerir

⁴⁵¹ VINE; UNGER; WHITE JR, 2002, p. 995.

⁴⁵² Esta expressão também é usada em *téras*.

⁴⁵³ RENGSTORF, 2013, p. 395.

⁴⁵⁴ RENGSTORF, 2013, p. 395.

⁴⁵⁵ TURNER, 2008, p. 655.

⁴⁵⁶ “A conjunção dos dois termos indica que as maravilhas são sinais que apontam para outra coisa – na realidade, para a atividade sobrenatural” (WILLIAMS, 2011, p. 127,128).

⁴⁵⁷ VINE; UNGER; WHITE JR, 2002, p. 744.

que Deus faz as obras restringindo, assim, a autonomia de Jesus”.⁴⁵⁸ Algo semelhante acontece quanto às obras dos apóstolos, pois através deles o Espírito dá seguimento à obra de Jesus; por esse motivo *dynamis* se adapta melhor para expressar que os apóstolos são os enviados de Jesus e realizam suas obras.⁴⁵⁹

O sinal tem o propósito de apelar para o entendimento, a ‘maravilha’ apela para a imaginação, o poder (*dynamis*) indica que sua fonte é sobrenatural. As ‘maravilhas’ são manifestas como operações divinas em 13 ocorrências (nove vezes em Atos); três vezes são atribuídas à obra de Satanás por agentes humanos (Mt 24.24; Mc 13.22).⁴⁶⁰

Este termo também aparece nas expressões *semeía kaí térata – térata kaí semeía*, sendo ambas usadas em Atos (4.30; 5.12). Conjectura-se que em *semeía kaí térata* “a ênfase esteja em Deus que dá uma marca nova e específica ao presente, ao passo que em *térata kaí semeía* o presente se encontra debaixo do sinal de seu avanço e há, assim, um convite para uma volta a ele, com *dynamis* como a palavra de chamada”.⁴⁶¹

Conforme Williams, a realização das obras poderosas – sinais, maravilhas e milagres – fazem parte da pregação da Palavra. Por meio da proclamação da Palavra ocorrem dois eventos: 1º) o efeito poderoso da Palavra na vida de uma pessoa (invisível); 2º) ocorre uma ação milagrosa no ouvinte (visível). Ambos os eventos ocorrem por meio da ação do Espírito Santo, de forma simultânea, autenticando a proclamação da Palavra.⁴⁶²

A ação é a confirmação da palavra, a garantia visível da mensagem da salvação, embora a maior maravilha seja uma vida nova, um novo nascimento forjado pela Palavra, a qual é invisível. Logo, quando um sinal visível acompanha a Palavra, tem-se a atestação inegável da realidade do que foi interiormente forjado pela mensagem da salvação.⁴⁶³

⁴⁵⁸ RENGSTORF, K. H. *téras*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 564.

⁴⁵⁹ RENGSTORF, 2013, p. 564.

⁴⁶⁰ VINE, UNGER, WHITE JR., 2002, p. 744.

⁴⁶¹ RENGSTORF, 2013, p. 564.

⁴⁶² WILLIAMS, 2011, p. 575.

⁴⁶³ WILLIAMS, 2011, p. 575.

Por outro lado, os milagres não só confirmam a proclamação da Palavra, mas também proporcionam oportunidades de pregação da mesma. Isto ocorre porque os milagres muitas vezes funcionam como um instrumento para atrair pessoas, como ocorreu em Jerusalém e Samaria. Nestes casos há a manifestação visível, tangível e inegável do poder do Espírito Santo, agindo por meio dos apóstolos na realização de obras poderosas e na proclamação da Palavra.

3.2.2 Outras Atuações do Espírito Santo na Igreja

Até o momento vimos as diversas formas como o Espírito Santo atua por meio daqueles que ele capacita operando milagres de inspiração, de curas e de proteção ou livramento. Na sequência abordaremos outras atuações do Espírito Santo na igreja ou por meio dos seus servos. Percebe-se que o Espírito Santo/de Cristo age de muitas maneiras por meio da igreja: às vezes de forma poderosa, outras de forma misteriosa e ainda, de forma discreta.⁴⁶⁴

Filipe recebe um chamado feito por um anjo, que o dirige para o sul, na estrada que liga Jerusalém à Gaza, a qual atravessa uma região desértica do país. Nesta estrada deserta ele encontra uma carruagem na qual viajava um eunuco etíope. Filipe evangeliza o etíope, este por sua vez deu abertura à pregação de Filipe, sendo por ele inclusive batizado. “Depois de Filipe ter batizado o homem, o Espírito do Senhor o transportou fisicamente para fazer outra obra evangelística. Ele colocou Felipe em Azoto, cerca de trinta e dois quilômetros ao norte de Gaza” (At 8.26-40).⁴⁶⁵

O Espírito Santo também atuava, nos tempos da igreja primitiva, no direcionamento da missão da igreja. Em Atos 13.2 temos o exemplo em que Ele diz à igreja de Antioquia: “separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado”. Certamente o Espírito tenha falado por meio dos seus profetas na igreja, dando o direcionamento a Barnabé e Saulo da obra especial que deveriam realizar e para a qual foram separados. “E, quando Lucas diz que Barnabé e Saulo foram ‘enviados pelo Espírito Santo’ (At 13.4), o propósito era que todos entendessem que o Espírito os enviou por meio da igreja”.⁴⁶⁶ Este evento ocorreu como resultado da oração e do jejum da congregação que estava reunida, enchendo-os com

⁴⁶⁴ HAWTHORNE, 2012, p. 505.

⁴⁶⁵ ARRINGTON, 2012, p. 672.

⁴⁶⁶ HAWTHORNE, 2012, p. 506.

autoridade para comissionar os dois homens mediante a imposição de mãos da igreja (At 13.3).

Outro exemplo é quando Espírito dirige o curso de Paulo e seus companheiros, como tinha feito anteriormente com Filipe (At 8.29) e Pedro (At 10.19,20), indicando quais as rotas eles deveriam evitar e quais eles deveriam seguir (At 16.6-10).⁴⁶⁷

Às vezes, o Espírito age na vida do crente, comunica-se com ele e o dirige por meio de sonhos, transes (At 10.29,30) ou experiências de êxtase (Ap 1.10). Em outras ocasiões, o Espírito concorda com o testemunho verbal da igreja e o confirma mediante sinais miraculosos e maravilhas externos e visíveis (cp. At 5.32 com At 2.32-39; Lc 24.28,29). Outras vezes, o Espírito fala por meio de circunstâncias decepcionantes, que levam o crente, em quem ele habita, a tomar uma atitude diferente, porém melhor que a originariamente planejada (At 16.6,7).⁴⁶⁸

Por fim, o Espírito também se manifesta de forma silenciosa, suave e tranquila no interior do cristão falando com ele. Esta pode ter sido uma das maneiras que o Espírito tenha revelado à Paulo as prisões e perseguições que o aguardavam em cada cidade (At 20.23). Assim como Deus age de forma não ordenada, para realizar seus propósitos, também o Espírito Santo assim o faz. Mas toda vez que o Espírito ordena algo, ele capacita com poder para que essa ordem seja realizada, independentemente para onde ele nos dirigir, ele nos habilita dando-nos força para vencermos todos os desafios que surgem diante de nós, por mais difícil que eles sejam.⁴⁶⁹

3.2.3 Considerações Finais

Na segunda obra de Lucas, Atos dos Apóstolos, temos os registros dos principais acontecimentos da inauguração da igreja cristã. Este período foi marcado pela abundante manifestação do Espírito Santo, cujo marco inicial foi o dia de Pentecostes. Dentre as principais manifestações do Espírito dessa época temos a glossolalia, curas miraculosas, profecia, autoridade para testemunhar e outros livramentos reconhecidos como ação do Espírito. Foi reconhecidamente um período de grande manifestação de poder no seio da comunidade primitiva, pois os apóstolos e outros servos de Jesus realizaram grandes obras como: milagres, sinais e maravilhas; pessoas foram libertas de suas doenças físicas e espirituais.

Os milagres registrados em Atos dos apóstolos são classificados como sendo de inspiração, curas e de proteção e livramento. Juntamente com a ocorrência destas obras

⁴⁶⁷ BRUCE, 1990, p. 28.

⁴⁶⁸ HAWTHORNE, 2012, p. 506.

⁴⁶⁹ HAWTHORNE, 2012, p. 506.

poderosas do Espírito era anunciada de forma veemente os ensinamentos de Jesus que proporcionava uma nova expectativa de vida, de viver uma vida livre do pecado e na plenitude do Espírito.

CONCLUSÃO

Após um período intensivo de estudos chegamos ao final dessa trajetória contentes com os resultados alcançados com esta pesquisa. Conseguimos atingir os objetivos propostos para este estudo, acredito até que conseguimos ir um pouco além daquilo que imaginamos inicialmente.

A ideia inicial desta pesquisa era realizar uma investigação sobre as diferentes interpretações sobre o batismo no Espírito Santo no meio cristão. No desenrolar do mestrado, enquanto as ideias iam amadurecendo, percebeu-se a necessidade de fazer ajustes em alguns pontos desta pesquisa que acabaram dando um novo direcionamento a ela. O que contribuiu para isso foram às discussões em sala de aula, no grupo de pesquisa, com meu orientador e com colegas do mestrado e também do doutorado. Feitos os ajustes passou-se a trabalhar arduamente sobre a problemática e os objetivos levantados, os quais nos levaram aos resultados que iremos apresentar como conclusão desta pesquisa.

No primeiro capítulo, na análise exegética e teológica da perícopes de At 1.6-8 constatamos que esse texto nas diferentes traduções apresentam alterações mínimas quanto a acréscimos e omissões em relação aos manuscritos que contém essa perícopes. Ainda, as alterações que surgem em algumas traduções não oferecem nenhum prejuízo ao texto se confrontado com os manuscritos.

Quanto ao gênero literário, o livro de Atos dos Apóstolos está classificado na categoria de gêneros maiores, a semelhança dos evangelhos. O nome dado a este gênero é o do próprio livro Atos dos Apóstolos. As características que perpassam a narrativa de Atos dos Apóstolos são o testemunho e a conclamação a fé.

A discussão sobre autor, data, local e época em que o livro foi escrito é abundante, sendo apresentadas diferentes hipóteses quanto a estes temas, bem como suas respectivas argumentações apresentadas pelos autores consultados.

Na seção palavra encontramos uma riqueza de informações que nos permitem ampliar o conhecimento do projeto de Deus iniciado por Jesus, o qual teve seguimento com seus discípulos e posteriormente assumido pelas pessoas que formam a igreja. Este projeto é a proclamação do reino de Deus, sob forma de nova dispensação, a dispensação da graça.

Nos versículos seis a oito do primeiro capítulo de Atos dos apóstolos temos um curto diálogo de Jesus com os seus discípulos, acerca do reino de Deus. Neste diálogo os discípulos perguntam a Jesus sobre a restauração do reino a Israel. A pergunta demonstra que os discípulos continuam equivocados sobre o que deveriam aguardar e denuncia a confusa

expectativa deles em relação ao reino de Deus. Os evangelhos também deixam transparecer a dificuldade dos discípulos em compreender a natureza do reino de Deus e da obra que Cristo veio realizar. A este questionamento Jesus responde de forma veemente que não lhes dizia respeito saber sobre o tempo do cumprimento das datas e épocas, pois isto está reservado exclusivamente a Deus, mas que a atenção deles estivesse voltada para a promessa feita a eles quando ao revestimento de poder do alto.

Atos dos Apóstolos 1.8 além de ser o resumo do livro, olha para frente, para o capítulo 2, e em virtude disso recebe uma infinidade de interpretações daquele capítulo, no qual os apóstolos, representados por Pedro, atuam como testemunhas, após terem recebido poder por meio do dom do Espírito. *Dynamis* está presente nos acontecimentos físicos (vento e fogo) que acompanham a vinda do Espírito no dia de Pentecostes e na habilidade de falar em línguas (At 2.4). A promessa aos apóstolos contida neste verso é o recebimento de poder para completar a missão de Jesus que é: prestar testemunho oral, realizar milagres e de modo geral agir com autoridade. Este poder é dado por meio do Espírito isto é, o Espírito em Atos dos Apóstolos pode ser definido como agente divino que dá esse poder. Os apóstolos receberam poder para testemunhar e este é o principal tema do livro de Atos dos Apóstolos. Os apóstolos são as testemunhas do fato de Cristo ter ressuscitado, mas também são testemunhas do sofrimento de Cristo e de toda a sua história. O ato de testemunhar iniciou em Jerusalém e continuou até chegar aos confins da terra, ou seja, o evangelho seria pregado por toda a terra e não somente até Roma, capital do Império, como muito assim pensavam.

Hágios pneumatos (Espírito Santo) a terceira pessoa da trindade, o agente capacitador em Atos dos Apóstolos. Lucas não qualifica o Espírito Santo como uma pessoa, assim como o faz João em seu evangelho; para ele o Espírito Santo é uma pessoa distinta, enquanto para Lucas Ele é uma força, poder e habilidade atuando por meio de uma pessoa, provavelmente esta ideia seja oriunda da tradição judaica.

Vejam a abordagem que Lucas faz com relação à atuação do Espírito Santo em suas obras. Nos primeiros capítulos do seu evangelho, que engloba a era pré-cristã e o período da infância de Jesus, Lucas vê a atuação do Espírito Santo nos moldes do AT, isto é, o Espírito vem sobre a pessoa e a capacita para realizar determinada tarefa ou algum desígnio determinado por Deus. A forma de atuação do Espírito mais conhecida em todo o AT é a de profecia, o Espírito vinha sobre a pessoa e esta por sua vez profetizava, portanto, aqueles que recebiam o Espírito eram tidos como profetas. Este é o cenário dos primeiros capítulos do evangelho de Lucas, o Espírito Santo atuando através da vida de Zacarias, Isabel, Maria a mãe de Jesus, Simeão, Ana e João Batista, para realizar uma obra com fim específico. Neste

período a comunidade judaica acreditava que Deus tinha voltado a falar com eles mediante o Espírito de profecia. Estes eventos na verdade eram a preparação de um novo período, o período escatológico anunciado pelos profetas a respeito do Messias.

Num segundo momento, quando Jesus já era adulto, Lucas narra a atuação do Espírito Santo na vida e ministério de Jesus. Nesse período inicia uma nova era do Espírito cujo marco é sua habitação em Jesus, sendo Ele o primeiro e o único a ser habitado pelo Espírito Santo até o dia de Pentecostes. Ele recebe o Espírito na ocasião do seu batismo no rio Jordão, realizado por João Batista. Após sair da água e enquanto estava orando o Espírito Santo desceu sobre Ele sob forma corpórea de pomba e passou a habitar nele. A habitação do Espírito nas pessoas de forma permanente não ocorria até então e esta forma de habitação se concretiza somente a partir do dia de Pentecostes.

Jesus possui o Espírito, está sujeito a sua condução e é capacitado por Ele no exercício do seu ministério. O ministério de Jesus é iniciado, desenvolvido e concluído no poder do Espírito. Durante este período Jesus realizou muitos milagres, sinais e maravilhas, obras do Espírito Santo através da sua vida. O Espírito Santo habilita Jesus para o seu ministério e o leva a efeito como prova da sua identidade de filho de Deus.

Concluída a missão de Jesus, antes de ascender, Ele promete enviar a promessa do Pai, o Espírito Santo (Lc 24.49), sobre seus discípulos e seguidores. Assim como Jesus foi capacitado com o poder do Espírito para exercer seu ministério, da mesma forma foram capacitados os seus discípulos, os quais deram continuidade à sua missão. Foi no poder do Espírito que Jesus ensinava, neste mesmo poder operava milagres, sinais e maravilhas. E este mesmo poder Ele disponibilizou para seus discípulos por meio do Espírito Santo para que realizem as mesmas obras que Ele realizou. A realização destas obras poderosas era sinal de que Deus estava aprovando o ministério de Jesus e é também a prova da presença de Deus na vida dos seus seguidores mediante a habitação plena do Espírito Santo em suas vidas. Assim como Jesus, os apóstolos pregaram e ensinaram com poder e autoridade, operaram milagres, sinais e maravilhas, curando a muitos de suas enfermidades e moléstias, expulsando demônios e ressuscitando mortos. Através do testemunho eficaz dos apóstolos a igreja se estabeleceu e expandiu por todo o mundo cumprindo fielmente seu papel de testemunha de Jesus Cristo.

A igreja é formada por pessoas transformadas e capacitadas com poder do Espírito, tornando-se instrumento nas mãos de Deus para anunciar Cristo ao mundo, na condição de testemunha. Esta dupla obra, transformação e capacitação, realizada pelo Espírito Santo mediante a fé da pessoa, transformam-no numa autêntica testemunha. A primeira obra é a conversão mediante o arrependimento dos pecados, este processo é compreendido como

transformação da mente e gera mudança de vida. A segunda obra ocorre concomitantemente com a conversão, com ela a pessoa recebe o (batismo no) Espírito Santo e com Ele o poder para testemunhar de Cristo. Portanto, a capacitação da pessoa com poder para testemunhar de Cristo ocorre mediante o processo de sua autêntica conversão e recebimento do Espírito Santo (batismo) em sua vida. A habitação do Espírito Santo na vida do ser humano produz força, habilidade e a torna capaz de realizar atividades que com sua capacidade natural não conseguiria.

A missão iniciada por Jesus e que continuou com os apóstolos, foi também confiada àqueles que formam a igreja e esta deve continuar até que o testemunho sobre Jesus alcance toda a terra (até os confins da terra). Esta missão consiste tanto em falar do sofrimento, da morte e ressurreição de Jesus Cristo, o qual foi o sacrifício completo e definitivo, como também realizar as obras do Espírito que Ele realizou. Sabemos que esta missão ainda está em vigor em nossos dias, ela somente se completará no dia da *parousia* de Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

ARRINGTON, French L. *The Acts of the Apostles: an introduction and commentary*. Massachusetts: Hendrickson publishers, 1988.

_____; STROSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal: Novo Testamento*. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. v. 1.

BARCLAY, William. *The Acts of the Apostles*. Traducción Dafne Sabanes de Piou. Buenos Aires: Asociación Ediciones La Aurora, 1983.

BARRETT, C. K. *A Critical and Exegetical Commentary on the Acts of the Apostles*. Edinburgh: T&T Clark, 1994. v. 1. Disponível em: <http://gen.lib.rus.ec/book/index.php?md5=b1d88eb95e6e05bdcafedd14c88bc036>. Acesso: 05/11/2015.

BETZ, O. Poder, Autoridade, Trono. IN: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1691 - 1701.

BÍBLIA de Estudo Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida, com Referências e Algumas Variantes. ed. rev. e corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA Sagrada. Tradução Convenção Nacional dos Bispos do Brasil. 13. ed. São Paulo: Ed. Canção Nova, 2012.

BÍBLIA Sagrada. Nova Tradução da Linguagem de Hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Ed. Vida, 2004.

BLAIKLOCK, E. M. Atos dos Apóstolos. In: TENNEY, Merrill C. (org.) *Enciclopédia da Bíblia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v.1, p. 612 - 628.

BOFF, Lina. *Espírito e Missão na Obra de Lucas-Atos: para uma teologia do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 1996.

BOOR, Werner de. *Atos dos apóstolos*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2003.

BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. 2. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985. 186 p. (Dogmática, 7).

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Paulo F. Valério. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 141-167.

BROWN, C. Profeta. In: In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1890.

BRUCE, F. F. *Luke's Presentation of the Spirit in Acts*. Buxton, Derbyshire, England: Criswell Theological Review 5.1, 1990. p. 15-29. Disponível em: https://faculty.gordon.edu/hu/bi/ted_hildebrandt/ntesources/ntarticles/ctr-nt/bruce-spiritinacts-ctr.pdf. Acesso: 25/11/2015.

BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito santo*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

CARSON, D.A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. Tradução Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARSON, D. A. *A Manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1Coríntios de 12-14*. Tradução de Caio Peres. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Hagnos, 2002. v.1 e v.3.

_____. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Hagnos, 2014. v. 3 e v. 4.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

CONGAR, Yves. *Ele é o Senhor que dá a vida*. Tradução de Euclides Martins Balancin. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

CONZELMANN, Hans. *Acts of the Apostles*. A commentary on the Acts of the Apostles. Philadelphia: Fortress Press, 1987.

D'ARAÚJO FILHO, Caio Fábio. *Espírito Santo: o Deus que vive em nós*. São José dos Campos: CLC. p. 35. Disponível em: «http://minhateca.com.br/allanhaua/download-Esp*c3*adrito+Santo+-+o+Deus+que+vive+em+n*c3*b3s,13012517.pdf». Acesso em: 08/11/2015.

DAVIDS, P. H. Milagres, Relatos de Milagres II: Atos. In: REID, Daniel G. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução de Márcio L. Redondo, Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 940.

DAVIS, John. *Novo Dicionário da Bíblia: Ampliado e Atualizado*. Tradução de J. R. Carvalho Braga, 3. ed. São Paulo: Hagnos, 2005. Disponível em: http://minhateca.com.br/neegoo/Documentos/Dicion*c3*alrios+B*c3*adblicos/Dicionario+da+Biblia+John+D.+Davis+-.15052482.pdf. Acesso: 10 de outubro de 2015.

DELLING, G. *Chrónos*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 747-749.

_____. *Kairós*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 430 – 432.

_____. *lambáno*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 549-551.

ELDEREN, B. Van. *Glossolalia in The New Testament*. JETS 7. Michigan: Calvin Seminary, 1964, p. 53.

DUNN, James G. *El Bautismo Del Espiritu Santo*. Buenos Aires: La Aurora, 1977. p. 52.

_____. Espírito, Espírito Santo, *pneuma* (parte). In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 718.

ELLIS, Earle E, The Role of the Christian Prophet in Acts. In: GASQUE, W. Ward; MARTIN, Ralph P. *Apostolic History and the Gospel*. Biblical and Historical Essays Presented to F.F. Bruce. Exeter: The Paternoster Press, 1970. p.55-67. Disponível em: http://biblicalstudies.org.uk/pdf/prophet_ellis.pdf. Acesso: 26/11/2015.

ELLISON, H.L. Testificar. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 1588.

FABRIS, Rinaldo. *Os Atos dos Apóstolos*. Tradução Siro Manoel de Oliveira. São Paulo: Loyola, 1991. v. 3.

FITZMYER, Joseph A. *Los Hechos de los Apóstoles*. Traducción, introducción y comentario. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2003, vol. 1.

FOERSTER, W. *Kýrios*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 539-541.

_____. *Exousía*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 263.

FREEMAN, D. Festa de Pentecostes. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

FRIEDRICH, G. Profetas e profecias no NT. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução de Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v.2.

GELSTON, A. Saduceus. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GILBERTO, Antônio. Pneumatologia - A doutrina do Espírito Santo. In: *Teologia Sistemática Pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p.189 – 221.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento Grego/Português*. Tradução Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984.

GOETZMANN, J. Conversão. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1.

GONZÁLEZ, Justo L. *Atos: O Evangelho do Espírito Santo*. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Hagnos, 2011.

GRUNDMANN, W. *dýnamai*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 208.

GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HACKETT, H. B. *A commentary on the Original Text of the Acts of the Apostles*. Boston: Gould and Lincoln, 1858. P. 37. Disponível em:

<https://archive.org/stream/InternationalCriticalCommentaryHolyScripturesOldNewTestamentScecEd/06.CommentaryOriginalTextActsApostles.Hackett.ned.rev.gr.enl.Bost.GouldLinc.1858.#page/n3/mode/2up>. Acesso: 31/08/2014.

HAENCHEN, Ernst. *The Acts of the Apostles*. Philadelphia: The Westminster Press, 1971.

HAHN, H. C. Sinceridade/Sóbrio. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2409.

_____. *χρόνος*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2465 - 2470.

HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. *Nova Chave Linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse*. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Targumim; Hagnos, 2009.

HAWTHORNE, G.F. Espírito Santo III. In: REID, Daniel G. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução de Márcio L. Redondo, Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

HOFIUS, O. *Teras*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 1293.

_____. *semeion*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1, p. 1291.

HÖRSTER, Gerhard. *Introdução e Síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Ed. Evangélica Esperança, 2008. p. 51-59.

JEREMIAS, J. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução João Resende de Costa. São Paulo: Hagnos, 2008.

JONES, A. A. Sinal. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 1533, 1534.

KILLEN, R. A. Cura, Saúde. In: PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Tradução Degmar Ribas Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 512.

KITTEL, G. *éschatos*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 291-292.

KLEINKNECHT, H. *pneúma, pneumatikós*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 237.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. Tradução Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005. v.2.

LAWRENCE, Paul. *Atlas Histórico e Geográfico da Bíblia*. Tradução Susana Klassen e Vanderlei Ortigoza. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Degmar Ribas Júnior. ed. rev. São Paulo: Hagnos, 2003.

Lexicon: Disponível em:

www.blueletterbible.org/lang/lexicon/lexicon.cfm?Strongs=G235&t=ESV. Acesso em: 02/10/2014.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*. Tradução Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MACLEAN, Mark D. O Espírito Santo. In: HORTON, Stanley M. (Org.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p.383 - 403.

MARGUERAT, Daniel. *A Primeira História do Cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. Tradução de Fredericus Antonius Stein. São Paulo: Paulus/Loyola, 2003.

MARSHALL, Howard I. *Atos: Introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2014.

_____. In: *Manual Bíblico SBB*. Tradução Lailah de Noronha. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2. ed. revisada, 2010.

MAURER, C. *Tithemi*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 569 - 574.

MCROBERTS, Kerry D. A Santíssima Trindade. In: HORTON, Stanley M. (Org.). *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996. p.157 – 188.

MEYER, Heinrich August Wilhelm. *Critical and Exegetical Hand-Book to the Gospels of Mark and Luke*. New York: Punk & Wagnalls Publishers, 1884.

MORRIS, Leon L. *Lucas: Introdução e comentário*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2011.

_____. *Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003.

MUNDLE, W. Vir. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p.2657 - 2662.

NEIL, William. *The New Century Bible Commentary: The Acts of the Apostles*. London: Marshall, Morgan & Scott, 1981.

NESTLE, E. & ALAND, K. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 28th Revised edition, 2012. p. 792-819.

NIXON, R.E. Poder. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 1297 - 1298.

PALMA, Anthony D. *O Batismo no Espírito Santo e com Fogo*. Tradução de Maurício Zágari. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

PEISKER, C. H. Profeta. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 1885

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Tradução Degmar Ribas Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernani C. de. *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PROCKSCH, D. *hágios*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 1, p.17-18.

RENGSTORF, K. H. *téras*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 564.

_____. *semeíon*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 2, p. 394, 395.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição: uma interpretação libertadora dos Atos dos Apóstolos*. Tradução de José Afonso Beraldin. São Paulo: Paulinas, 1999.

ROLOFF, Jürgen. *Hechos de Los Apostoles*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1984.

ROWLANDS, Gerald. O Batismo no Espírito Santo e Dons do Espírito Santo. In MAHONEY, Ralph (org.). *O Cajado do Pastor*. Burbank, CA: World Map, 1998, Seção D1. p. 1-26.

SCHMIDT, K. L. As palavras do grupo *basileús* no NT. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, v. 1, p. 108-112.

SCHNEIDER, J. *érchomai*. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 1, p.283-288.

SCHWEIZER, E. Pneúma. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 2, p. 237 – 257.

SEEBASS, H. Santo, Consagrar, Santificar, Santos, Devoto. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p.2263.

SMALLEY, S. S. Espírito Santo. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

STOTT, John. *A Mensagem de Atos: até os confins da terra*. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. 2. ed. São Paulo: ABU Editora, 2008. p. 29-51.

STRATHMANN, H. Testemunha. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Afonso Teixeira Filho; João Artur dos Santos; Paulo Sérgio Gomes; Thaís Pereira Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. v. 1, p. 626.

TORREY, R.A. *The Holy Spirit: Who He is and What He Does and How to Know Him in All the Fulness of His Gracious and Glorious Ministry*. London: Fleming H. Revell Company, 1927.

TRENCHARD, E. H. Atos. In: BRUCE, F. F. *Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento*. Tradução Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2008. p. 1763.

TRITES, A. A. Testemunha. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2503.

TURNER, G. A. Sinais. In: TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia*. Tradução da equipe de colaboradores da Cultura Cristã. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. v. 5, p. 654.

TURNER, M. M. B. Espírito Santo I: Evangelhos. In: REID, Daniel G. *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Tradução Márcio L. Redondo, Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

_____. *Jesus and the Spirit in Lucan Perspective*. Tyndale Bulletin 32 (1981) 3-42.

Disponível em:

http://www.tyndalehouse.com/tynbul/library/tynbull_1981_32_01_turner_jesusandspirintluke.pdf. Acesso: 02/12/2015.

_____. *Spirit Endowment in Luke/Acts: Some Linguistic Considerations*. Vox Evangelica, nº 12, 1981. p. 45-63.

Disponível em: «http://biblicalstudies.org.uk/pdf/vox/vol12/spirit_turner.pdf»

VINE, W. E.; UNGER, Merril F.; WHITE JR, William. *Dicionário Vine*. O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. Disponível em:

http://minhateca.com.br/neegoo/Documentos/Dicion*c3*a1rios+B*c3*adblicos. Acesso: 21/11/2015.

VOS, Howard F. Milagres. In: PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. *Dicionário Bíblico Wycliffe*. Tradução Degmar Ribas Júnior. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 1267. Disponível em:

http://minhateca.com.br/neegoo/Documentos/Dicion*c3*a1rios+B*c3*adblicos. Acesso: 21/08/2015.

WALTERS, G. Espírito Santo. In: DOUGLAS, J.D. (org.); BRUCE, F.F. et al. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

WATERSON, A. P. Doença e Cura. In: DOUGLAS, J. D. (Org.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 441.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento: Manual de Metodologia*. 7. ed. rev. e atual. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

_____. Batismo no Espírito Santo: avaliação de sua compreensão dentro do pentecostalismo. In: WACHHOLZ, Wilhem (coord.). *Batismo: teologia e prática*. São Leopoldo: EST, 2006.

WILLIAMS, J. R. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Tradução de Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.

ZABATIERO, Júlio P. T. Espírito. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1.

_____. O emprego de *basileia* no NT. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2, p. 2035-2054